

Desde os primórdios da humanidade, o homem busca a felicidade na mesma intensidade com que a terra seca clama por água, e a felicidade sempre foi um desafio dos mais difíceis, um tesouro a ser alcançado a qualquer preço. Porém qual é o preço da felicidade?



A felicidade relativa é um direito de todos, porém ela nunca será uma premiação da Divindade nem tão pouco obra do acaso, mas será sempre uma construção pessoal, construção esta, que está diretamente ligada à definição correta do que seja felicidade e nas oportunidades que a vida oferece para nosso aprimoramento.

A Vida em Nossas Mãos

Romance

Agnaldo Páviani
pelo espírito
Atílio



A VIDA EM NOSSAS MÃOS

Agnaldo Paviani

pelo espírito

ATÍLIO

A vida em nossas mãos : romance / pelo espírito Atílio ; [psicografado por] Agnaldo Paviani. --1. ed. -- Votuporanga, SP : Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier", 2005.

INTRÓITO

Desde os primórdios da humanidade, o homem busca a felicidade na mesma intensidade com que a terra seca clama por água; e a felicidade sempre foi um desafio dos mais difíceis, um tesouro a ser alcançado a qualquer preço. Porém, qual é o preço da felicidade?

Para muitos, não há resposta para esta pergunta, pois, no decorrer dos séculos...

- os ricos tentaram comprá-la, mas ela não se vendeu;

- os poderosos tentaram dominá-la, mas ela não se submeteu aos seus caprichos;

- os mais belos afirmaram que ela fazia morada nos corpos perfeitos e na juventude, mas o envelhecimento natural do corpo provou que estavam errados;

- os intelectuais tentaram entendê-la, mas ela os confundiu.

Desalentados, os mais pessimistas afirmaram:

— A felicidade não existe; é ilusão de sonhadores que nunca acordam; é algo inalcançável, uma utopia.

Não é verdade, meus irmãos. A felicidade, a paz íntima e o bem-estar pessoal são possíveis a todos nós. Não há quem viva na Terra que não tenha o direito de desfrutar, mesmo que sejam resquícios, a sonhada felicidade.

Fazemos tal afirmação, embasados no que nos ensina a Doutrina Espírita, como está claro na questão 921 de “O Livro dos Espíritos”:

“Concebe-se que o homem será feliz na Terra quando a humanidade estiver transformada, mas, até lá, cada um pode garantir uma felicidade relativa?”

Resposta: *Frequentemente, o homem é artífice de sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, ele se poupa dos males e chega a uma felicidade tão grande quanto o comporta sua existência grosseira”.*

Estas orientações não deixam qualquer dúvida: a felicidade relativa é um direito de todos, porém ela nunca será uma premiação da Divindade nem tampouco obra do acaso, mas será sempre uma construção pessoal - construção esta que está diretamente ligada à definição correta do que seja felicidade e nas **oportunidades** que a vida oferece para nosso aprimoramento.

Não são os fatores exteriores que determinam nossa felicidade ou infelicidade, mas sim a nossa

ação ou **reação** perante esses acontecimentos, ou seja, nossa postura íntima é o que fará a diferença.

Imaginemos uma situação irreal:

Somos (uma suposição) centenas de pessoas num grande navio que está em alto mar,

porém não há nele nenhum tipo de bote salva-vidas. O navio começa a naufragar! Perguntaríamos: Quem irá morrer?

É óbvio que todos, já que o navio está no mar sem salva-vidas, com a diferença de que alguns irão morrer primeiro e outros por último, mas todos infelizmente terão o mesmo destino.

Façamos uma comparação simbólica:

Todos nós na Terra estamos expostos basicamente aos mesmos desafios e problemas:

Quem nunca adoeceu?

Quem nunca teve problemas financeiros?

Quem nunca teve problemas familiares?

E assim por diante...

A diferença entre a pessoa feliz e a infeliz é justamente sua atitude frente a essas dificuldades.

Esta singela obra traz a história verídica de Max, que, graças à Misericórdia de Deus, tem a oportunidade da reencarnação - não uma reencarnação missionária, mas sim uma chance de crescimento espiritual.

Ele conseguirá?

Esta é a proposta do livro: ressaltar o valor do maior tesouro que temos na Terra, “**o nosso livre-arbítrio**”, ou seja, o nosso poder de escolher os caminhos de nossas vidas.

Assim ocorre com Max: um planejamento de sua reencarnação é feito pelos Benfeitores Espirituais, recebe todo o amparo (como todos nós), porém ele, como todos nós, pode sair da existência vitorioso ou derrotado pelos vícios.

A escolha será sempre sua.

Por opção do autor espiritual, não há nesta obra maiores detalhes sobre a Colônia à qual Max foi recolhido para o devido reequilíbrio. O motivo é simples: outros autores espirituais, em particular André Luiz, já narraram com riqueza de detalhes o funcionamento dessas colônias, cada qual evidentemente guardando suas próprias características, portanto descrever jardins, construções, departamentos seria repetitivo e desnecessário, já que a obra tem por finalidade abordar assuntos que possam contribuir para o crescimento espiritual de quem a ler. O nome da Colônia? O nome de Max? Hoje, por exemplo, não somos fulano de tal: estamos fulano de tal, já que as reencarnações se sucedem. O nome em si também é desnecessário, levando-se em consideração que em grande parte ainda somos espíritos demasiadamente influenciados pelo nosso próprio ego, acreditando sermos mais do que realmente somos; quantos espíritos ainda hoje (os mais desatentos) têm certeza de que André Luiz os espera de braços abertos na Colônia “Nosso Lar”?! Pobres irmãos! Humildade nunca é demais...

Como já dissemos, a preocupação do autor espiritual é ser o mais objetivo possível, abordando somente aspectos **úteis**, para que a obra não seja um amontoado de palavras que podem até emocionar, mas não orientam, criando sobre a vida espiritual uma visão romântica e novelesca onde o final é sempre feliz. Poderia até ser uma obra agradável de ler, porém desprovida de verdade.

Agnaldo Paviani

CAPÍTULO I A MISERICÓRDIA DIVINA

A paisagem era desoladora: gritos ecoavam num ambiente onde o sofrimento fazia

morada; gargalhadas sarcásticas misturavam-se a prantos convulsivos; uma atmosfera sufocante coroada com uma escuridão que não cedia espaço para que a claridade do Sol pudesse ostentar seu esplendor. Cavernas e grutas eram o *habitat* de algumas centenas de criaturas, em sua maioria, desesperadas e enlouquecidas, perdidas entre o passado culposo, o presente sem esperança e o futuro incerto.

Nesse antro de lamentações é que Max, vencido pelos próprios vícios, não suportando mais tanto sofrimento, ergueu os olhos para o Alto, em busca de uma resposta às suas indagações, e orou. Pela primeira vez, a sua prece era sincera: depois de anos naquela situação, não havia outra alternativa senão recorrer a Deus, como última esperança de consolação. Max, naquele momento, se assemelhava a um desses mendigos que encontramos com tanta facilidade nas grandes cidades. Num momento raro de lucidez, assim se expressou:

— Deus, se és meu Pai, como um dia afirmara o Homem de Nazaré, e se conheces mesmo a cada um de teus filhos, rogo-te, na condição de desesperado que sou: ajuda-me! Sei que não sou merecedor, mas não suporto mais... Ajuda-me!...

Com a voz embargada, o choro inevitável jorrou de sua alma aflita.

De repente, uma luz intensa venceu a escuridão, à semelhança do Sol, que, ao enviar os primeiros raios, vence a noite densa.

Um ser que aos olhos de Max mais parecia um anjo segurou suas mãos e, antes que adormecesse, ainda pôde ouvir o novo amigo:

— Acalma-te. Ouvimos tua prece e, em nome de Jesus Cristo, aqui estamos para te ajudar. Adormece, que te levaremos agora.

Um sono irresistível se apoderou de Max, e ele não resistiu, adormecendo nos braços daquele benfeitor.

Alguns dias depois...

Max abre os olhos, pela primeira vez em muito tempo. Ele houvera conseguido dormir e, apesar de uma angústia inexplicável, estava experimentando uma relativa paz íntima.

Um turbilhão de pensamentos começou a visitar sua mente: Onde estaria? Quem o socorreu? Por que sofreu tanto?...

Em meio a tais indagações, foi surpreendido por uma voz meiga:

— Bom-dia, Max! Como está?

Com um sorriso tímido, respondeu:

— Bom-dia. Sinto-me melhor, mas onde estou? Tenho consciência de que morri, mas por que Deus me mandou para o Inferno?

Nesta altura, Max foi interrompido pelo novo amigo, que lhe disse em tom amável:

— Calma, meu irmão. Tudo a seu tempo. Sou o irmão Lúcio. Você está em um hospital erguido em nome de Jesus e foi socorrido graças às suas preces.

— Mas, se fui condenado ao Inferno, por que me regataram? Não deveria lá ficar eternamente? E, se não fiquei, por que Deus demorou em me ajudar? E aquele lugar de horror - por que Deus o criou? Será que foi para punir os pecadores?

Irmão Lúcio sabia que Max, como acontece com a maioria das pessoas que desencarnam, não tinha a menor noção da Misericórdia de Deus, e com uma paciência característica das almas nobres explicou-lhe:

— Max, Deus é nosso Pai. Jamais condenaria seus filhos a um sofrimento eterno. Aliás, meu caro, essa teoria de que o Inferno eterno será a morada dos maus já está superada há muito tempo. Se as pessoas lessem o Evangelho de Jesus com mais atenção, veriam que Ele mesmo derrubou por Terra esta teoria.

Refletindo um pouco e olhando fixamente o pobre Max, concluiu a explicação:

— Quando estava na cruz, Jesus foi abordado por um homem que também estava sendo crucificado, aquele que a História chamaria de “o bom ladrão”, e pede ao Mestre que não se esqueça dele ao adentrar o Paraíso e tem como resposta a afirmação:

“Em verdade, te digo que, ainda hoje, estarás comigo no Paraíso”.

“Meu filho, pense: se aquele homem era uma pessoa de má vida e ainda assim Jesus promete que com ele estaria no Paraíso - regiões felizes do Plano Espiritual -, é porque todos nós também teremos esse direito.

Deus, meu filho (continuou Lúcio) é perfeição. O que acontece é que a morte não é o fim, como você mesmo pode agora constatar, mas também não opera nenhum milagre. Morrer é tão simplesmente o encontro com nós mesmos.”

— Mas então quem é o criador ou responsável por aquele lugar de dor? - Indagou, agora mais calmo.

— O próprio ser humano. Indivíduos que não são poucos, pelo direito de escolha que é dado a todos, optam enquanto estão encarnados pela “porta larga dos vícios”, do comodismo, distantes da caridade, do verdadeiro amor - é claro - de Deus; ao deixarem o corpo, acabam por “adentrar” a nova realidade em situação muito difícil, consequência natural da vida que levaram e pela Lei de Afinidade, onde semelhante atrai semelhante, formam deste outro lado verdadeiras cidades, edificando às avessas comunidades inteiras que têm como objetivo atrasar a evolução moral da Humanidade. Estes espíritos plasmam à sua volta o ambiente nefasto, um reflexo natural de seus pensamentos. Ou seja, nem obra de Deus, nem obra do acaso: apenas consequências das próprias ações.

O moço, agora pensativo e um tanto decepcionado consigo mesmo, ainda arriscou uma última pergunta:

— Mas eu não me enquadro nessa descrição! Nunca cometi erros tão graves! Por que tanta demora em me ajudar?

O irmão Lúcio percebeu que precisaria ser um pouco mais direto em suas colocações e, tomando cuidado para suas palavras não ferirem, explicou:

— Não seja ingrato. Você deveria perguntar em primeiro lugar a si mesmo por que se demorou tanto em caminhos tortuosos enquanto estava encarnado. Você já se perguntou por que se demorou tanto em cultivar vícios, por que se demorou tanto na vida vazia que levou? Não me interprete mal: quero apenas ajudá-lo, pois você não difere da maioria das criaturas que acreditam que Deus tenha que ajudá-las na hora que desejam e do jeito que desejam, esquecendo-se do esforço íntimo. Meu filho, não é Deus que se distancia do homem, mas é o homem que se afasta Dele. Como um pai poderia ajudar um filho rebelde que não aceita seus conselhos?

— O que devo fazer agora?

— Apenas reflita e descanse. Amanhã será um novo dia.

Max era mais um irmão equivocados. Na Terra, não soube aproveitar a oportunidade da reencarnação, não havia cometido grandes crimes contra a Humanidade, mas, como acontece com tantos, havia se perdido nos prazeres fugazes que a vida oferece ao espírito desatento de seus deveres. Órfão desde muito cedo, foi criado pelos tios, que procuraram educá-lo da melhor maneira possível.

Infelizmente, não conseguiram mudar sua índole. Assim que atingiu a maioridade, tornou-se um jovem inconstante, apaixonado pelas noites e pelos relacionamentos sem responsabilidade e sem o verdadeiro amor; nunca pensou em constituir família. Mas foi no período em que contava 40 anos de idade que cometeu, por certo, seu maior erro:

Um relacionamento rápido com uma jovem a quem mal conhecia acabara por dar-lhe como consequência a possibilidade de ser pai, mas, ao saber da fato, como tinha alguns amigos médicos, já que exercia a função de enfermeiro em um grande hospital, não foi difícil encontrar o “médico” certo para o crime nefando. Nunca alguém soube. A jovem seguiu seu caminho, também aliviada por se livrar daquele “incômodo”.

Alguns anos depois, Max se arrependeu de tal atitude, mas já era tarde. Nunca mais viu novamente a moça.

Aos 55 anos, vítima de parada cardíaca, deixou o corpo, permanecendo nas regiões inferiores por mais de 7 anos, até aquele momento, em que, pela bondade de Deus, fora socorrido.

Em termos gerais, esta é a história de Max.

Seu futuro estava agora, como no passado, em suas próprias mãos.

A sua recuperação foi relativamente rápida. Ainda sentia dores no peito, reflexo da parada cardíaca, que o levou à desencarnação, porém reagia bem ao tratamento à base de passes e longas conversas com o irmão Lúcio e outros enfermeiros aos quais se afeiçãoou naquela colônia.

Não seremos detalhistas nesse processo de recuperação de Max, pois não se diferenciou em nada de tantos outros tratamentos executados no plano extra físico.

Em alguns meses, já estava auxiliando os enfermeiros no tratamento de inúmeros espíritos doentes.

Depois de um ano, Max passou a sentir algo estranho: um vazio, uma espécie de solidão, quase um estado depressivo. Foi então que decidiu pedir uma entrevista com Benjamin, Instrutor responsável por aquela Instituição.

Incentivado pelo irmão Lúcio, no horário marcado, lá estava ele à espera do Instrutor Benjamin. Minutos depois, foi conduzido a pequena sala onde o Instrutor realizava os atendimentos diários.

Mais alguns minutos e lá estava Benjamin, que, como se soubesse da intenção de Max, deu início à conversa:

— Então, Max, o que o traz aqui?

O interpelado foi direto ao assunto:

— Quero voltar: necessito tentar novamente a reencarnação. A cada dia que se passa, percebo quanto sou insignificante.

Como se recordasse do passado, continuou, agora mais emocionado.

— Perdi todas as oportunidades que Deus me deu e ainda prejudiquei de forma impiedosa aquela jovem... Ah, meu Deus!, onde estará ela? Me ajude, Senhor!

— Não se culpe tanto, Max! Você já deu o primeiro passo: arrependeu-se. Pense naqueles que nem de longe têm consciência de seus equívocos.

— É, eu sei, mas isso não alivia meu drama de consciência e a sensação de vazio. Me diga, amigo: há possibilidade de uma reencarnação?

— Você é corajoso!

— Não é coragem, caro irmão, é necessidade. Hoje, posso conceber a grandeza de Deus e, quanto mais observo a harmonia do Universo, quanto mais caminho por esta Colônia e vejo a dedicação de seus moradores, mais me sinto inferior. Não tenho méritos para estar aqui. Sempre ignorei a existência de Deus ou, melhor dizendo, preferi ignorar. Ainda assim, amigos me retiraram daquele lugar horrível que, a princípio, julguei ser o Inferno e para cá me trouxeram, dando-me atenção e carinho. E o que me pediram em troca? Nada, absolutamente nada! Me sinto mal, como se estivesse a ocupar um lugar que não mereço. Sou

um devedor da Lei.

O irmão Benjamin, que era responsável por aquela colônia havia mais de cinquenta anos, disse-lhe:

— Você se diz devedor da Lei Divina, mas quem de nós não é? Olhe para a Terra. Apesar de ser um mundo de “provas e expiações”, quanta beleza a que o ser humano ainda não deu o devido valor:

O Sol, que brilha gratuitamente;

A chuva, que molha a terra seca, sem exigir qualquer pagamento;

O perfume das flores... Sem falar de dádivas ainda mais complexas: quando Deus enviou à Terra Jesus e, mais tarde, o Espiritismo para consolar a Humanidade. E o que fazem os homens com tudo isso?

E, porque Max se mantivesse em silêncio respeitoso, continuou o Benfeitor:

— Nada, Max; ao contrário, as criaturas destroem a natureza, não se lembram de agradecer ao Céu pela água e não param para sentir o perfume das flores. E, quando o Pai permite que almas nobres venham conviver com elas... ou são ridicularizadas ou são covardemente assassinadas, como aconteceu com o próprio Jesus. Quanto ao Espiritismo, apenas uma parcela pequena se aventurou a ser adepta desta Doutrina. Está vendo? Não se diminua tanto! Todos devemos algo à Misericórdia Divina. Aliás, quando estava encarnado, teve a oportunidade de conhecer o Espiritismo?

— Ouvi falar; até ganhei um livro; mas, como muitos diziam que era coisa do “demônio”, joguei o livro no lixo e não quis saber dessas “coisas”. Porém, não sei por que, neste tempo em que estou aqui, o irmão Lúcio me pediu para ler a respeito dessa Doutrina; aliás, hoje me arrependo profundamente não ter lido aquele livro que joguei no lixo. Mas por que me pergunta?

— Estude-a sim. Isso o ajudará muito, já que terá um contato direto com o Espiritismo na sua volta à Terra em novo corpo.

CAPÍTULO II Uma Mova Oportunidade

— Então, tenho autorização para voltar?

— Não foi isso que eu disse. Não tenho autoridade para permitir ou não sua reencarnação; além do mais, reencarnar não é tão simples assim.

Max, algo decepcionado, indagou:

— Mas não é esse o caminho para a perfeição?

— E, meu irmão, mas não podemos ser egoístas. Você deseja voltar e não se deu conta de que muitos outros irmãos também aguardam a oportunidade de voltar. Você não é o único que tem problemas por aqui. Aliás, este é um dos maiores entraves para a evolução da Humanidade: o “achar” que os nossos problemas são mais urgentes e devem ser resolvidos imediatamente.

— Perdoe-me. O senhor tem razão.

— Não sou eu que tenho razão, meu irmão, é Jesus, que há tantos séculos nos convidou ao amor ao próximo, e não logramos ainda tal atitude. Se

você me permite uma sugestão, peço-lhe que aguarde um tempo mais. Aproveite para estudar não só o Espiritismo, mas, acima de tudo, estude a si mesmo; procure se conhecer e refletir... Enquanto isso, pedirei ao irmão Lúcio, o responsável por você aqui, que me coloque a par de sua situação espiritual. Daqui a alguns dias, estarei indo a uma excursão de aprendizado com nossos maiores e prometo levar o seu caso para que seja analisado e, num

futuro próximo, voltaremos a conversar.

Max agradeceu a atenção e, resignado com a negação do pedido feito, retornou às atividades diárias, que se constituíam em cuidar dos jardins, auxiliar na organização de eventos como palestras, reuniões e estudos...

O tempo foi passando, Max estava mais feliz; já estava até mesmo aplicando passes em alguns irmãos mais necessitados.

Nunca é exagero considerar: o trabalho, seja no plano físico ou extrafísico, constitui-se na melhor medicação para o desânimo de viver.

Muitos que se demoram no corpo, maldizendo a vida e reclamando de tudo, se optassem pelo trabalho no **Bem**, veriam que suas reclamações são infundadas.

O passar do tempo e a dedicação de Max ao trabalho fizeram com que ele deixasse de pensar em voltar ao Orbe Terrestre, porém vez ou outra era atormentado por pensamentos de tristeza e desesperança, problema quase sempre solucionado com longas conversas com o irmão Lúcio.

Exatamente três anos após o pedido de reencarnação, recebeu notificação para que se dirigisse à sala do irmão Benjamin para uma reunião.

No horário marcado, lá estava ele aguardando os irmãos Benjamin e Lúcio que, naquela tarde, se faziam acompanhar de respeitável senhora de cabelos longos, de sorriso afável e delicadeza nos gestos. O irmão Benjamin, após apresentá-la como sendo a Dra. Marta, deu início à conversação:

— Max, já faz três anos que estive aqui solicitando a reencarnação e, ao que nos parece, é chegado o momento e ela aqui está para auxiliá-lo no aspecto teórico, já que vem se dedicando a ajudar na programação de reencarnações de alguns irmãos ligados a esta colônia. Tenho em minhas mãos sua ficha e, ao que me parece, a falta de trabalho no bem foi o seu grande problema. Você tem consciência disso?

— Sim, foi meu grande erro perder todas as oportunidades.

O irmão Benjamin, aproveitando a lucidez de Max, acrescentou:

— Seu grande erro, mas não o único: a vida de desregramento acabou por antecipar sua desencarnação. Ainda há o problema de Ésfio:

Um turbilhão de pensamentos assaltou a mente de Max: Quem seria Ésfio? Não se lembrava daquele nome, mas, antes de efetuar a pergunta, antecipando-se, o irmão Lúcio disse:

— Trata-se do espírito que reencarnaria como seu filho e que você pagou para que o arrebatassem violentamente do ventre materno.

Max não se conteve e chorou copiosamente.

Quando conseguiu se controlar um pouco, perguntou:

— Onde ele está? Preciso encontrá-lo.

Agora foi a vez da Dra. Marta falar:

— Esse encontro não poderá se realizar agora. Tenha paciência. Ninguém está aqui para julgá-lo. O assunto mais urgente é a sua volta à carne, que se dará em breve.

— Tão rápido assim? - assustou-se.

— Sim - disse a Doutora. — Está quase tudo acertado. Algum problema?

— É que estes três anos me possibilitaram profundas reflexões e, na verdade, estou com medo. O que poderá me garantir que não fracassarei novamente? Quais minhas chances? Há alguma espécie de receita, Doutora?

A médica, sentindo que o momento era grave, sem o desejo de faltar com a verdade, esclareceu:

— Receita?... Você me fez lembrar a maioria de nossos irmãos encarnados que estão sempre à procura de novas “receitas” para que não tenham de despender o menor esforço. Multidões buscam as mais variadas “alternativas”, que são inúmeras, e recebem os mais variados nomes: tarôs, signos, cristais, simpatias, etc., que, sinceramente, não podem **alterar em nada** a vida do homem na Terra. A única receita é o amor ensinado por Jesus e o único caminho é o do calvário. Não há outras opções. Você pergunta que garantias lhe podemos oferecer. Preste atenção, amigo.

E, porque Max permanecesse atento à orientação, continuou a Doutora:

— Não podemos nos aventurar em garantir a reencarnação de nenhum irmão; aliás, ninguém pode. Você, como qualquer outro, terá o nosso amparo e nossa inspiração, porém a decisão será sempre sua.

— Mas não haverá uma programação dos acontecimentos de minha próxima rotagem terrestre?

— De fato, alguns acontecimentos estarão dentro do que poderíamos chamar de “carma”, mas, na maioria, as ocorrências de sua vida serão escolhas feitas no momento em que as estiver vivendo. Toda a decisão moral não é de ordem cármica.

Benjamin, tomando a palavra mais uma vez, deu a seguinte explicação:

— Deverá renascer em lar humilde, com muitas dificuldades financeiras, para que possa desde cedo dar valor ao trabalho. Em dado momento da vida, será convidado a um trabalho mais direto com o Cristo, através da mediunidade, que o auxiliará muito nessa nova “empreitada”. Você precisará também tomar grande cuidado com a saúde, já que ainda há muitas lesões em seu perispírito, fruto do descaso que teve com o corpo em sua última existência; natural, portanto, que tenha saúde frágil.

— Tenho pensado... E aquela jovem a qual abandonei, após convencê-la ao aborto delituoso?

— Você se refere a Meg.

— É este o seu nome, agora me lembro. Onde ela está? Preciso conversar com ela, pedir perdão. Por acaso, ela estará comigo nessa nova existência?

— Essa possibilidade, no momento, está descartada. Estive com Meg em colônia localizada no Espaço Espiritual da cidade de São Paulo, onde atualmente ela se dedica a cuidar de crianças desencarnadas, e não há de sua parte nenhum interesse em voltar em novo corpo à Terra.

Benjamin, usando a palavra mais uma vez, informou:

— Ela fez o que você não logrou fazer: percebendo o equívoco que havia cometido, passou a dedicar-se aos mais necessitados, casou-se e adotou três crianças abandonadas e as amou, sempre recordando o filho que havia expulsado de dentro de si. Ela já lhe perdoou, Max.

Ao ouvir esta afirmação, num momento de invigilância, Max afirmou:

— Que bom! - Um problema a menos para mim.

Agora foi a vez de o irmão Lúcio esclarecer de maneira mais enérgica, pois, às vezes, Max deixava transparecer certa imaturidade nos assuntos concernentes à responsabilidade:

— Um problema a menos ou a mais? Meu caro, preste atenção: quando nossos credores perdoam nossas dívidas, passamos a dever diretamente às Leis de Deus. O fato de alguém nos perdoar não quer dizer que nosso erro foi anulado. Recordemos, uma vez mais, o ensinamento cristão, que afirma que o amor cobrirá a multidão de nossos pecados; portanto terá o dever de amar as criaturas, ainda mais, perdoadando sempre, até por uma gratidão a Meg, que se mostrou tão generosa. Não é isso que diz a prece ensinada por Jesus: “... perdoai as

nossas ofensas, assim como temos perdoado àqueles que têm nos ofendido?...” Silenciando por alguns minutos, na expectativa de que Max assimilasse a lição, prosseguiu:

— O perdão ajuda em primeiro momento aqueles que perdoam e não somente o que recebe o perdão, pois, arrancando de dentro de nós qualquer sentimento de vingança e ódio, ficamos mais receptivos à ajuda que nos chega do Alto.

Os chamados obsessores são, na maioria das vezes, criaturas que não aprenderam a perdoar, tomando a justiça em suas mãos e deixando dessa forma de ser vítimas para se tornarem algozes, num círculo vicioso de ódio que pode durar séculos.

— E Ésfio, não poderei vê-lo?

A Doutora, que já esperava pela indagação, esclareceu:

— Ele não teve a mesma atitude de Meg. Nós o localizamos em uma região de grande sofrimento nas zonas umbralinas, onde vive e respira um ódio incontrolável. Uma aproximação no momento seria inútil. Precisamos esperar.

Max, agora aparentando certo abatimento, de cabeça abaixada, confessa a todos que ali estavam:

— Meu Deus, não supunha ser tão difícil voltar à Terra! Estou com medo. Já não tenho tanta certeza se quero retornar. E meus futuros pais, quem são? Também são minhas vítimas do passado?

— Não... - respondeu - espíritos que não têm nenhuma ligação cármica com você; apenas são almas boas que em contato conosco no momento de liberdade parcial, através do sono, já se comprometeram em recebê-lo como filho, apenas para ajudá-lo. Trata-se da Sr a. Elizabete, uma mulher de grande valor moral, espírita praticante, e do Sr. Marcos, da mesma forma religioso e cumpridor de seus deveres. São espíritos ligados à nossa colônia, de uma evolução mediana. Antes de começar o processo reencarnatório, providenciaremos um encontro seu com eles. Você será filho único.

O irmão Benjamin, percebendo o adiantado da hora e com a intenção de encerrar aquela reunião que seria decisiva para Max, levantou-se e expôs:

— Partirá com a Dra. Marta para - digamos - uma colônia vizinha, onde espíritos hábeis nos processos reencarnatórios providenciarão tudo, já que no Plano Físico não haverá maiores complicações com seus futuros pais. Creio que, dentro de mais ou menos quatro meses, se iniciará sua volta à Terra em novo corpo físico. Alguma dúvida, Max?

— Não, apenas gostaria de agradecer pelo empenho de todos aqui em relação a mim.

—Agradeça a Deus, pois cumprimos o nosso dever, como nos orientou Jesus de Nazaré. Mas, se quer retribuir de alguma forma, lhe peço: viva uma vida voltada ao Bem, ame as pessoas, perdoe aos ofensores, confie no Criador e, nos momentos mais difíceis, busque o remédio na oração. Falando nisto, pedimos ao nosso irmão Lúcio que por nós faça uma prece de agradecimento.

Tomando a palavra, o convidado, concluiu a reunião com a oração do "Pai-Nosso".

Após a prece simples mas sincera, os irmãos Lúcio e Benjamin se retiraram, deixando Max com a Dra. Marta, que, com a intenção de ajudá-lo, disse:

— Max, tranquilize-se, está tudo correndo melhor do que esperávamos, pois muitos deste outro lado sequer conseguem sensibilizar os encarnados para que os recebam como filhos. Na atualidade, há dificuldade para que o espírito volte ao corpo, geralmente por egoísmo dos pais que preferem não ter filhos, para poderem “curtir” a vida. Além disso, você já está consciente da necessidade de voltar e corrigir os erros, enquanto que muitos acabam voltando à carne sem terem a mínima consciência do que se passa ou, quando não, são encaminhados à reencarnação quase que compulsoriamente por seus tutores.

— A senhora tem razão, mesmo porque não obtive mérito algum, para exigir qualquer coisa deste outro lado.

— Então prepare-se. Partiremos em dois dias, pois, antes de iniciarmos essa nova empreitada, será necessário que você veja um grande amigo seu e também uma amiga, nem tão amiga...

— Não entendi...

— Você entenderá. Até mais!

Quem seriam essas pessoas? Max não sabia dizer, mas seguiu todas as orientações da Doutora e, dois dias depois, servindo-se de veículo apropriado de locomoção, partiram para a colônia próxima. Em alguns minutos, desembarcaram na colônia da “Amizade”. Max estava encantado: as construções eram gigantescas, ela assemelhava-se a grande metrópole, mas com ausência total de poluição, buzinas, barulhos ensurdecadores. Era tudo paz e trabalho; ao contrário da primeira colônia para onde fora levado por Lúcio, ali não havia doentes em recuperação, apenas espíritos que pareciam estar perfeitamente conscientes de seus deveres.

A Dra. Marta, que caminhava com Max, atenta à sua surpresa, explicou:

— Enganam-se aqueles que pensam que nós deste outro lado apenas nos preocupamos com fatores morais; é claro que o homem moralizado é o principal para um planeta melhor, mas aqui também se estuda a Ciência.

— Mas quem estaria preocupado com estas questões, após a morte?

A Doutora deu um sorriso e disse:

— Ora, Max! Os mesmos que se preocupam na Terra: os cientistas, que aqui também trabalham para conseguirem desenvolver vacinas destinadas a determinadas doenças ainda sem cura no Planeta.

Estamos numa espécie de “grande faculdade do Além”, onde o objetivo de todos é criar condições para que o homem viva melhor na Terra.

— É fantástico!

— É a vida, Max, apenas a vida que não cessa nunca.

Convidado por Marta, se dirigiram a uma pequena sala, onde encontraram dois “amigos”.

A médica, antecipando-se, disse aos dois:

— Nosso amigo chegou.

Um deles se levantou: era o espírito de um homem que guardava a aparência física de mais ou menos sessenta anos, barba branca bem feita, olhos castanhos, um sorriso largo e possuidor de uma grande estatura: quase dois metros. Olhando Max demoradamente, perguntou:

— Lembra-se de mim, meu irmão?

Max estava perplexo; antigas cenas de um passado distante, como por encanto, vieram ao consciente:

— Lembro-me... não sei quando, nem onde, mas você é meu irmão consangüíneo. É você, Luan? Mas como, se não tive irmãos em minha última passagem pela Terra?! Estou meio tonto...

Marta, sempre atenta, segurando-lhe as mãos, o acomodou em uma poltrona próxima, pediu que lhe trouxessem um copo com água e o confortou:

— Acalme-se, Luan irá explicar. - E, olhando para aquele grande homem de quase dois metros, fez um gesto para que ele falasse.

— Você tem razão. Fomos irmãos consangüíneos, não exatamente em sua última existência, mas na anterior. Naquela ocasião, ficamos órfãos cedo, e eu, como irmão mais

velho, assumi a responsabilidade de guiar os seus passos, mas não consegui: permiti que você se afastasse do bom caminho.

Pensando um pouco, como se estivesse a vasculhar o passado, continuou:

— Eu tentei, mas não fui capaz. Aos poucos, você foi fazendo, ou melhor, construindo sua própria ruína: trapaças, jogos de azar, dinheiro “fácil”, e o resultado não poderia ser outro: uma morte violenta e trágica. O tempo passou e, quando também deixei o corpo, procurei-o, incansavelmente e, como tinha alguns poucos méritos perante a Lei Maior, solicitei sua nova encarnação e, uma vez mais, fui ser seu irmão. Mas, então, seu irmão espiritual; tive autorização para ser seu espírito amigo. Mais uma vez, não conseguimos, não é?

Max, emocionado, chorava copiosamente, enquanto que Luan, também emocionado, prosseguia:

— Começamos muito bem, porém foi como se, em dado momento da sua vida, algo disparasse um dispositivo, e você então passou a praticar os mesmos erros, a trilhar os mesmos caminhos de antes. Em vão, eu tentava inspirá-lo, mas você recusava mentalmente minhas sugestões e... Bem, o resto você já sabe. Mas, meu irmão, a Misericórdia Divina é ilimitada e aqui estamos novamente. Por acréscimo da Divindade, recebi autorização para ser uma vez mais seu irmão espiritual. Estarei junto de você e desta vez conseguiremos, não é verdade?

— Com certeza - afirmou a Doutora.

Max apenas levantou-se e deu um demorado abraço naquele que também havia se tornado seu benfeitor.

— Será que agora eu posso falar?

Quem perguntava era uma jovem mulher, que acompanhava Luan.

A médica, prevendo o que poderia acontecer, se antecipou e disse:

— Zímbia, não se alongue em recordações que só lhe farão mal. Não se esqueça de que você também já se equivocou muito e precisa da Misericórdia de Deus.

Ao ser pronunciado o nome *Zímbia*, Max a olhou e não teve qualquer dificuldade em reconhecê-la, pois aquela mulher havia sido o seu primeiro grande amor - amor este que se desfez, graças a uma traição de Max.

Foi a vez de Zímbia falar:

— Eu sofri muito! Amava-o verdadeiramente, mas, quando descobri sua atitude, fiquei desesperada, tentei o suicídio e, graças a Deus, não consegui: fui socorrida a tempo; ficaram as marcas dos pulsos cortados, aliás, cicatrizes que trago até hoje. Apesar de não ter conseguido matar-me, na verdade, eu morri naquele dia, morri para o amor, para a felicidade, para o prazer de viver e acabei meus dias como uma mendiga de rua, sem a menor consideração.

Todos guardavam profundo silêncio, e Zímbia continuava.

— Eu sei que não posso responsabilizar Max por todas as minhas tragédias, pois eu também não soube conduzir a minha vida, mas tudo, a minha desdita iniciou-se depois que eu o conheci. Estou, porém, disposta a tentar novamente, até porque acho que, no fundo, ainda sinto algo por ele.

— Muito bem! - disse a doutora - Zímbia reencarnará algum tempo depois de você, para mais tarde continuarem a história interrompida por vocês mesmos. Um deverá ser o apoio do outro.

A partir de agora, cada um seguirá seu caminho. Não se esqueçam de agradecer ao Senhor da Vida por mais esta oportunidade na carne. Já providenciamos tudo. A hora é

decisiva para todos vocês.

A Benfeitora se retirou da sala, fazendo-se acompanhar por Zímbia. Aproveitando o momento, Max perguntou ao irmão Luan:

— Por que, irmão, falhei dessa forma duas vezes consecutivas? O que teria faltado para mim?

Luan, que se mantinha profundamente concentrado, disse-lhe:

— O que faltou a você é o que falta à maioria daqueles que se encontram no Orbe Terrestre e circunvizinhanças: **fortaleza moral**. A maioria das pessoas, até mesmo os reügiosos, quando são jovens e idealistas, estabelecem objetivos nobres: caridade, trabalhos sociais, doação de si mesmos, desprendimento, etc. Porém, quando tomam contato com as “coisas boas da vida”, ou seja, as bajulações, as festas, as homenagens, os elogios injustificáveis, estas mesmas pessoas simplesmente esquecem-se de seu idealismo e se tornam pessoas comuns. Justificam que não têm tempo para a Prática do Bem, que estão cansados, que precisam tirar férias, até que se esqueçam por completo dos irmãos sofredores e necessitados. O pior é que ainda têm coragem de bater no peito e afirmar: “Sou cristão”. Poderiam acrescentar: “mas ainda não estou disposto a segui-lo”. Nossa fé é frágil, nossa moral é frágil, nossa honestidade é frágil. Em resumo, infelizmente, somos obrigados a concordar com o chavão popular: “Todo homem tem seu preço”. Salvo algumas exceções, a grande maioria, em dado momento da vida, cede a este ou àquele vício de que ainda não se libertou. Porém confiemos em Deus, pois, na Sua Infinita Bondade, tem enviado à Terra inúmeras almas boas para recordarem à Humanidade os seus deveres fundamentais.

CAPÍTULO III No Plano Material

Cerca de pouco mais de um ano depois, em um hospital público de grande cidade, ouve-se o primeiro choro do recém-nascido, acompanhado da voz satisfeita do médico:

— É um menino! Parabéns, Sr a. Elizabete! Pode segurar o seu bebê.

Sem dúvida, este é um dos momentos de maior emoção na vida daquela que Deus elegeu como mensageira da própria vida. Como são sábias as leis de Deus! A cada volta ao corpo, se começa tudo de novo; mães felizes embalam em seus braços pequenos seres e não se dão conta de que ali acolhidos contra o próprio peito podem estar de volta ao Cenário Terrestre um grande imperador do passado, uma rainha, um benfeitor da Humanidade ou apenas um irmão que vem em busca de amor. A cena convida-nos a recordar Maria embalando Jesus em seus braços, sem ter a idéia de que embalava o nosso grande Guia e Modelo.

Para a Sra. Elizabete, a alegria era ainda maior, pois com a idade, já não mais recomendável para se ter filhos, aquela era sua última tentativa e o resultado estava em seus braços. Em poucos minutos, o Sr. Marcos pôde entrar no quarto e, abraçando a esposa, disse:

— É o nosso menino. Ele se chamará Maxwell. Daremos a ele o que temos de mais importante na vida: o nosso amor.

Poucos dias depois, os três retornavam para o lar, e o Sr. Marcos, apesar de feliz, permanecia pensativo, e não era sem razão, pois a vida nunca houvera sido fácil para o casal e agora a responsabilidade era ainda maior.

O Sr. Marcos era um pobre catador de lixo. Deixava o lar de madrugada para retornar à noite. A Sra. Elizabete era dona do lar. Com saúde debilitada, dividia seu tempo entre os afazeres domésticos e as atividades no centro espírita, ao qual os dois se dedicavam em trabalho de caridade, havia mais de quinze anos.

O lar do casal mais parecia um foco de luz em meio à escuridão - um pequeno barraco coberto de lata, o chão de terra batida, tendo arames amarrados à porta, substituindo a fechadura.

Pensava o Sr. Maircos: “Terei que trabalhar ainda mais, para oferecer a meu filho o melhor possível”.

A Sra. Elizabete, como que a adivinhar os pensamentos do marido, tranqüilizou-o, dizendo;

— Não se preocupe tanto, querido! Temos o principal: um casamento feliz. Nosso lar pode ser humilde, mas vivemos em harmonia. Temos uma crença que nos ensina que o mais importante em nossas vidas é o bem que possamos fazer. Tenho a certeza de que nosso filho será feliz conosco.

— É. Talvez você tenha razão. Estive pensando e acho que eu preciso acompanhar mais você nas atividades lá do centro. Sabe, estou sempre cansado e dificilmente tenho ânimo para ir com você, mas prometo que vou me esforçar mais.

Realmente, a vida havia ficado um pouco mais difícil. Maxwell (Max) tinha saúde muito frágil, e por muitas vezes o pai deixava de se alimentar para comprar os remédios, quase sempre muito caros. O pessoal do centro, que estimava aquele casal exemplar, também sempre contribuía com algum mantimento.

Também, o Presidente do centro, Jonas, uma vez ou outra, conseguia arrecadar agasalhos para a família.

É necessário observarmos e principalmente praticarmos esta caridade, ou seja, a caridade nos seus vários aspectos. Uma casa espírita sempre deverá manter suas portas abertas para socorrer com o pão do amor, que alimenta as almas, mas também com o pão material, que alimenta corpos. Quase sempre, na atualidade, os espíritas são conhecidos porque fornecem sopa ou distribuem alimentos ou ainda porque visitam favelas. É assim que deve ser, porque, acima de tudo, o Espiritismo veio à Terra para consolar a todos, sem distinção alguma. Deixar de levar o Espiritismo aos mais carentes e mantê-lo entre os intelectuais é uma temeridade e um risco que correm aqueles que, agindo assim, deixam transparecer a sua vaidade.

Voltando à nossa história...

Os anos foram passando, Maxwell foi crescendo, seus aniversários eram provas vivas do que o amor é capaz. O Sr. Marcos recolhia no lixo barbantes, papéis coloridos e latas, depois pintava tudo, pendurava no telhado de lata, reunia algumas crianças da própria favela, cantavam o “Parabéns a Você” e, demonstrando uma resignação incomum, bebiam um suco ralo, comiam pães com manteiga e a mesa era coroada com um simples bolo de fubá.

Aos cinco anos, Maxwell já era freqüentador assíduo das aulas de Evangelização no centro a que seus pais se dedicavam.

Nossos irmãos encarnados precisariam se conscientizar de suas responsabilidades frente à educação de nossas crianças, que hoje, salvo algumas exceções, vem sendo relegada para um plano secundário. Nesta busca de proporcionar aos filhos o conforto material, nos esquecemos do aspecto moral. A melhor educação é aquela em que os pais dão os bons exemplos. Nossas crianças estão tendo direitos em demasia e deveres de menos. É preciso valorizar o *ser* e não o *ter*; é óbvio que é positivo, no processo educacional, que a criança tenha cursos de inglês, pratique esportes, natação, que até tenha o seu *video game*, porém é fundamental que nossas crianças tenham uma crença religiosa, uma base familiar alicerçada no respeito e desde muito cedo saibam sobre um homem chamado Jesus.

Maxwell estava em um lar privilegiado; todas as noções de boa conduta eram-lhe

transferidas desde muito cedo. É claro que a pobreza também era uma personagem presente naquele lar, entretanto, nada que abalasse a fé que seus moradores tinham em Deus. Foi numa tarde de domingo, que o menino começou a dar os primeiros sinais de insatisfação com aquela vida de lutas. Ele já contava sete anos e, ao receber um *não* como resposta ao desejo de comprar um brinquedo novo, disse à sua mãe, que era sempre zelosa e amável:

— Mamãe, só eu não posso ter brinquedos novos! Todos os meus colegas têm! Os meus são sempre aqueles que papai encontra no lixo, nunca traz um brinquedo novo.

A Sra. Elizabete, preocupada com as tendências de seu querido filho, procurou esclarecer;

— Meu filho, não diga isso; não seja injusto com seu pai. Se não lhe damos brinquedos novos, é porque não temos condições. Somos pobres.

— Isso a senhora não precisa me dizer: eu estou vendo, e detesto morar nesse barraco, detesto minha vida!

Como a Sra. Elizabete tinha o conhecimento espírita, ela sabia que aquelas palavras eram o reflexo vivo do espírito que ali estava reencarnado. Começou a orar com mais fervor, rogando que os bons espíritos viessem ajudá-la na educação de seu maior tesouro - o filho.

Após a prece habitual daquela segunda-feira, sentiu uma paz enorme e, em alguns minutos, adormeceu. Ao seu lado, com um semblante de satisfação, encontrava-se o irmão Luan, que a deixou em sono profundo, visitou os demais cômodos da casa e, contemplando tanta pobreza e ao mesmo tempo tanta riqueza, começou a chorar de emoção. Pensava consigo mesmo:

“Meu Deus, se os homens pudessem ver além dos limites do egoísmo, poderiam de imediato edificar o reino divino na Terra, há centenas de barracos como este, onde reinam a violência, a fome, o medo, a dor, mas, ao mesmo tempo, a luz que emana deste lar é um ponto de referência aos desalentados. As preces, afé de seus moradores, a humildade fazem desta família uma das mais ricas de todas destafavela.... Ah, meu Deus! Se os homens orassem mais, quantas tragédias poderiam evitar.”

E, rogando bênçãos para todos, deixou o lar, dirigindo-se para a colônia da qual fazia parte.

O tempo passava e, à medida que Maxwell crescia, também crescia seu desprezo por aquele lugar de miséria; as aulas na Evangelização do centro eram chatas e ele só comparecia a elas por insistência de seus pais. Ele já era um adolescente; contava agora quase quinze anos.

O Sr. Marcos estava cada vez mais doente; às vezes, não conseguia ir ao trabalho, seu quadro era o de um homem que havia perdido a saúde nas madrugadas frias que enfrentava para ganhar o pão de cada dia, nas noites maldormidas pelas preocupações das contas a pagar. Era, acima de tudo, uma pessoa cansada, vencida pelos embates da vida, envelhecida precocemente, porém sempre com um sorriso amigo nos lábios.

O irmão Luan, notando aquelas dificuldades e percebendo a revolta do rapaz, que passara a ser constante, solicitou uma audiência com a Dra. Marta, para uma orientação sobre os caminhos que poderia inspirar ao seu tutelado na luta que travariam juntos, para vencer os vícios do passado.

Sempre prestimosa, a médica pediu que o postulante estivesse, naquela noite mesmo, no jardim central da Colônia da Amizade, para que pudessem conversar a respeito dos rumos dos últimos acontecimentos.

— Boa-noite, irmão Luan.

— Boa-noite, Dra. Marta.

Um pouco apreensivo, ele deu início ao diálogo, dizendo:

— Estou preocupado. Até o momento, tudo correu como o programado, não tivemos nenhum imprevisto, Max recebeu a melhor educação possível, num lar humilde, com o objetivo de mantê-lo longe da “vida fácil”, mas agora... A situação começa a se modificar, já estou tendo dificuldade em intuir Max, seus pensamentos me preocupam, pois ele começa a sonhar com um mundo que não é o seu. O que a senhora acha?

Esboçando um sorriso melancólico, ela respondeu:

— Irmão, entendo sua preocupação, porém o que você esperava? Max, quando estava entre nós, prometeu que dessa vez seria diferente, mas, entre falar e fazer, convenhamos, existe uma distância grande. Nosso Max começa sua grande luta; em breve, os convites tentadores para as noitadas de irresponsabilidade baterão à sua porta, mas antes Jesus o visitará.

— Como assim?

— Ele assumiu um compromisso com a mediunidade, não foi? Portanto, este é o melhor momento para que mediante a mediunidade, evidentemente em desequilíbrio, ele possa se aproximar da Doutrina. Ele é um jovem inteligente, tem facilidade em se expressar e, em pouco tempo de trabalho no centro, se destacará pela sua liderança natural e a oratória será seu grande compromisso com a Doutrina e com ele mesmo, pois Max já tem percebido algo diferente, como se estivesse sempre sendo observado por alguém.

— É a minha presença que ele percebe?

— A sua e a de outros irmãos desencarnados que, pela sensibilidade mediúnica, ele consegue captar, sem entender - é claro - o fenômeno.

Algo pensativo, pergunta Luan:

— Mas como o levaremos ao centro? Como convencê-lo a seguir a Doutrina?

A Dra. Marta, para descontrair um pouco o clima, disse:

— É para isso que as pessoas têm anjo da guarda, não é?

Algo desconcertado, o irmão Luan sorriu, prometendo:

— É claro, eu entendo. Farei o possível. Afinal, é para isso que estou lá.

Ambos sorriram e, após uma prece, feita pelo irmão Luan, retornaram às suas atividades.

CAPÍTULO IV O Bem e o Mal

— Bom-dia, mamãe!

— Bom-dia, Max! Você está um tanto pálido... O que foi? Não dormiu bem à noite?

— Ah, mamãe! São aqueles sonhos novamente. Algo ou alguém parece que está atrás de mim. Meu Deus! Que será isso?

O irmão Luan, que acompanhava o diálogo de mãe e filho, considerou que aquela era uma oportunidade de iniciar o seu trabalho de conduzir seu tutelado até ao centro. Então, postou-se ao lado da Sr a. Elizabete, que também tinha sensibilidade mediúnica, e começou a orientar os pensamentos que a mulher trazia verbalmente ao filho:

— Max, eu já lhe disse várias vezes: você precisa ir ao centro, ouvir as palestras, receber passes... Isso pode ser mediunidade.

— Lá vem a senhora com essa história! Tudo para a senhora é essa tal de mediunidade!

A mãe, que sabia o que estava dizendo, sob forte influência de Luan, rebateu:

— Não, meu filho; não se trata disso. Estou falando para o seu próprio bem. Sendo

mediunidade ou não, o importante é que todos nós precisamos de uma crença. Você precisa orar mais, confiar mais em Deus, pois já se esqueceu de quanto gostava, quando ainda criança, das aulas de Evangelização?

Max, um tanto irritado, pois os argumentos eram incontestáveis, levantou-se e, com o desejo de encerrar o assunto, finalizou:

— Sou jovem, preciso aproveitar a vida, estudo durante o dia e, à noite, preciso sair com meus amigos. O que a senhora quer, mamãe? Além de pobre, quer que eu seja santo?

— Claro que não, Max! Quem disse que você não pode se divertir? Poderá fazer as duas coisas: ter a sua vida normal e, pelo menos duas vezes por semana, dedicar-se às atividades no centro. São tão poucos os que se decidem pelo trabalho no Bem!

O jovem, com ar de superioridade, resumiu:

— Pois é! Se fosse bom, haveria mais pessoas fazendo isso, não acha?

Max se levantou e tomou o caminho da rua. Era manhã de sábado. As palavras de sua mãe haviam de alguma forma tocado sua alma. O irmão Luan soprava-lhe aos ouvidos: “passe no centro. É hora da sopa para as crianças. Que mal há nisso?... Só uma olhadinha”. Quando deu por si, ele estava em frente ao portão daquela respeitável instituição, que, no momento, abrigava centenas de crianças que pareciam duplicarem-se a cada semana - crianças que vinham em busca da sopa e algumas balas, na verdade, um pretexto dos obreiros a fim de atraí-las para o que era de fato importante: a Evangelização Infanto-Juvenil.

Os nossos confrades espíritas precisam estar mais atentos com essa área da instituição, pois, se é difícil a Evangelização de Adultos, é mais fácil evangelizar as crianças. Talvez a Evangelização dos menores seja a **mais valiosa** de todas as atividades realizadas no centro. Enquanto Max contemplava tantas crianças, foi surpreendido por Jonas, o responsável encarnado por aquela instituição:

— Maxwell! Você por aqui?! Que bom! Há muito tempo que preciso falar com você. Por acaso, tem um tempo?

Ele pensou em dizer *não*, mas, lembrando-se de que aquele homem várias vezes havia ajudado a sua família, resolveu dizer que *sim*. Então, foi convidado a entrar. Ali mesmo, num grande galpão onde eram servidos os pratos de sopa, Jonas disse:

— Estamos precisando de um jovem para fazer parte da nossa Mocidade. Conheço seus pais há muitos anos; me lembro de quando você nasceu; de quando ainda freqüentava nossas aulas de Evangelização, mas, depois disso, você sumiu. O que foi que aconteceu?

— Nada de importante. É que tenho muitos afazeres e por isso já posso lhe adiantar que não terei tempo para fazer parte da Mocidade, como o senhor me convidou. Eu agradeço, mas não será possível.

O irmão Luan, que até o momento permanecera apenas na expectativa, aproximou-se de Jonas e ligou-se a ele mentalmente. A ligação e a sintonia que se estabeleceram eram tão profundas, que Jonas apenas passou a repetir as palavras de Luan, que foram cuidadosamente ditas:

— Meu caro irmão, vai perder mais essa oportunidade? Já não chega de tantos equívocos? E aqueles que lhe avalizaram o retorno, como ficam? Não se lembra do que prometeu?

Aquelas palavras chocaram Maxwell, que paralisado ficou. Não conseguia dizer nada, mas ao mesmo tempo pensava:

“Onde eu ouvi estas palavras antes? Eu sei que alguém já me disse algo semelhante, mas quem? O que se passa?”

Nesse intervalo, o irmão Luan, se afastou de Jonas, que, voltando ao seu estado

normal, encerrou a conversa:

— Bem, o convite está feito. Caso mude de idéia, é só me procurar.

Max, realmente havia sido tocado nos escaninhos de sua alma e, não permitindo que Jonas se afastasse, disse:

— O senhor tem razão: algo que eu não sei definir me diz que eu preciso fazer alguma coisa de útil para o semelhante. Ir e participar do grupo da Mocidade, até porque não venho me sentindo bem e talvez isso me ajude a melhorar. Na próxima semana estarei aqui.

Sem dúvida, era a primeira vitória do rapaz. O irmão Luan havia conseguido, pela inspiração salutar, conduzir o seu protegido para o início de suas atividades no Bem.

Na semana seguinte, Maxwell cumpriu o que havia prometido: compareceu ao centro e começou a auxiliar não só na Mocidade, mas também em outros setores da casa. Sua mãe quase sempre o acompanhava; só não o fazia quando o Sr. Marcos piorava e, então, ela necessitava estar ao seu lado para ajudar o companheiro de tantos anos.

O filho se esforçava para realizar bem suas tarefas, embora vez ou outra ficasse tomado de uma grande revolta pela pobreza material em que era constrangido a viver.

Alguns anos depois, ele era não só o líder da Mocidade, mas também aquele que se sobressaía nos comentários do Evangelho. Muitos afirmavam estarem diante de um espírito missionário, pois bastava abrir a boca e as palavras inteligentes brotavam como por encanto.

A verdade - e o irmão Luan já havia percebido - é que seu pupilo, cada vez mais recebia elogios e estava gostando dos apertos de mão, das colocações absurdas do tipo: “Você é um espírito de Luz! Você é a reencarnação de algum grande sábio”! E tudo isso estava seduzindo aquele jovem, que contava agora dezoito anos.

Era um novo problema para Luan.

Mas assim são os homens carentes de almas nobres: confundem facilmente um aprendiz do Bem com um grande líder espiritual. Geralmente aqueles que são alvos de tamanhos absurdos passam a acreditar cegamente que são o que um dia serão. A humildade tem feito muita falta na Terra: religiosos de vários segmentos se auto-intitulam os intermediários de Deus e o Homem, como se o Pai tivesse preferências.

É quase ridícula a postura de certos religiosos sobre sua própria condição espiritual. Tais irmãos que se julgam os escolhidos de Deus não passam de pobres almas perdidas e equivocadas... São os cegos que guiam cegos, como asseverou Jesus.

Era preciso agir novamente. A imaturidade de Maxwell e suas tendências do passado contribuíam para que a situação se agravasse. Os amigos dele já haviam percebido certa mudança no seu comportamento. Por algumas vezes, chegou a dizer em confidências a um amigo:

— Preciso me vestir melhor, pois estão sendo comuns e freqüentes os convites para palestras. Acho até que o centro teria a obrigação de ajudar a mim e a minha família financeiramente. Sou, afinal de contas, um representante do Espiritismo!

Realmente, suas palavras eloqüentes cativavam a cada vez maior público. Pelo menos, até aquele momento, não havia se envolvido em maiores complicações no que diz respeito às irresponsabilidades no campo do sexo e do desregramento no campo dos vícios, principalmente o alcoolismo. Mas o interessante é que o rapaz, com suas idéias de vaidade, estava começando a atrair para junto de si irmãos desencarnados que, da mesma forma, desejavam atrair o público, desejosos de elogios e aplausos.

O irmão Luan mantinha-se atento encaminhando essas entidades às reuniões de desobsessão do próprio centro, porém a presença delas era cada vez mais intensa. Era como se fossem duas forças: a do Bem e a do Mal e, nesse aspecto, o Bem, representado por Luan,

perdia forças, já que o médium cedia mais aos conselhos infelizes do que às sugestões benéficas do protetor.

Jonas, que, com toda a sua experiência, também se mantinha atento, tomou a decisão de conversar com Maxwell. Era necessário alertá-lo sobre a conduta que poderia levá-lo por um caminho trágico. Convocado para reunião, ele se apresentou de íntimo contrariado, mas aceitou o convite, em respeito a Jonas. Antes de estabelecer-se o diálogo, o irmão Luan foi surpreendido pela presença do irmão Lúcio, que, após os cumprimentos de praxe, disse ao amigo:

— Irmão Luan, tomei a liberdade de vir, porque o momento é grave.

— Mas, irmão, a conversa com o Presidente do centro não será fundamental para o reequilíbrio de nosso Max?

— Poderia ser, se Max não estivesse alimentando outras idéias na sua mente. Observe seus pensamentos enquanto espera a chegada de Jonas.

De fato, à medida que Max pensava, emitia suas formulações mentais de tal maneira, que era como se uma pequena tela de TV transmitisse ao vivo os seus reais interesses:

“Sei qual é a intenção de Jonas. Quer que eu desista. Eu sei: ele está com ciúmes, mas terá uma surpresa comigo. Já há muito que percebi que esse caminho do Espiritismo não é aquele que eu imaginava. Só se fala em humildade e paciência; ora, eu também falo em minhas palestras, mas, convenhamos, a vida sem dinheiro não tem jeito. Nós, representantes de Jesus, temos certos direitos que no Espiritismo não são respeitados...”

— Percebe, Luan, como as idéias de nosso irmão estão vacilantes, confusas?

— Sim, Lúcio, mas estávamos, até algum tempo atrás, muito bem, pois Max se controlava, não participando das festas agitadas que são tão comuns hoje em dia. Até nos relacionamentos, percebia-se um equilíbrio: uma namorada aqui, outra ali, sem maiores comprometimentos, mas agora!... Essa vaidade inexplicável, esse desejo de deixar o trabalho que, na verdade, está apenas começando... deixar e ir para onde?

O irmão Lúcio, deixando transparecer sua superioridade espiritual, disse em tom grave:

— Uma vaidade não tão inexplicável assim, não é? Meu amigo, Maxwell ou Max tomou um novo corpo, mas o espírito é o mesmo, aquele mesmo que você ficou arrasado quando o viu tombar na tragédia do passado. Como seu irmão consan-güíneo, é o mesmo que, atendendo ao seu pedido, resgatamos das regiões de sofrimento. Confirmando que a natureza não dá saltos, e Max ainda é atormentado por suas próprias tendências à vida fácil de prazeres e regalias, e, como a Doutrina Espírita não é moralista mas, sim, moralizadora, nosso irmão vive uma guerra íntima do velho Max vicioso e inseqüente contra o novo Max que quer “nascer” e cumprir com seus deveres, que, no fundo, ele sabe ser o certo. Ele está decidido a deixar o centro.

— E o que poderemos fazer para evitar tal desacerto?

— Não muito, mas ainda temos um “trunfo”, se assim posso me expressar. Você, irmão, não se lembra de ninguém?

— Você pensa em Zímbia?

— Para ser mais exato, penso em Zilda, com o nome que seus pais lhe deram na nova rotagem terrestre. Ela é hoje uma adolescente belíssima; mudou-se com a família há pouco tempo para a mesma favela onde mora nosso Max. Passou a freqüentar o centro, mas ainda não se encontrou com seu antigo amor. O plano seria simples: assim que Jonas e Max começarem a conversar, vou tentar inspirar Zilda, a nossa querida Zímbia, a se dirigir para a sala de Jonas. Dessa forma, provocaremos um encontro dos dois, causando, quem sabe, uma

mudança na decisão de Max de abandonar o centro.

Assim que Jonas chegou e começou a conversar com Max, Lúcio se retirou, em busca da moça, enquanto que o irmão Luan permanecia atento à conversação, no ponto em que Jonas adverte o jovem carinhosamente :

— Meu caro, acho que você tem se equivocado um pouco no seu trabalho. É necessário mais humildade...

E, quando Maxwell estava pronto para dizer o que havia programado, adentra a sala uma jovem de beleza rara, a pele cor de jambo, uma boca que traduzia um sorriso cativante, longos cabelos pretos; seus olhos pararam imediatamente nos olhos do rapaz, que a admirava.

Ele teve um susto, sentiu o que muitos por ingenuidade classificam como “amor à primeira vista” e, que, na verdade, era um reencontro de almas ligadas por passados compromissos.

— Me desculpe, Sr. Jonas! Não sabia que estava ocupado.

— Não se preocupe, Zilda! Este é nosso amigo Maxwell. Já o conhecia?

— Não, só havia ouvido falar. Dizem que é um brilhante orador.

Jonas, percebendo a necessidade de agir, disse:

— Não, minha cara, ele é apenas um irmão de jornada que está tentando, assim como todos nós, se tornar uma pessoa melhor.

As palavras de Jonas não agradaram a Max, mas, repensando no que ia dizer e desistindo daquela idéia, após - claro - ter conhecido Zilda, apenas disse:

— Sr. Jonas, prometo ficar mais vigilante... e agradeço as orientações. Até logo.

— Vá com Deus, meu filho!

O irmão Lúcio sorriu e disse a Luan:

— Conseguimos. Por enquanto, a idéia de se afastar do centro está descartada.

— É verdade, mas o que o senhor espera de agora em diante?

— Espero uma luta árdua. Nosso Max está um tanto que influenciado por um... bem... digamos, um religioso equivocado, mas esse problema veremos mais tarde. Vamos ver como ele está reagindo mentalmente às colocações de Jonas e ao reencontro com Zímbia.

O irmão Lúcio e o irmão Luan se dirigiram até a casa de Max. Realmente, seus pensamentos eram outros: meditava sobre sua vida e recordava a todo momento aquela jovem. Iria (pensava ele) permanecer no centro, pelo menos por enquanto, nem que fosse apenas o tempo necessário para conhecer melhor Zilda.

E foi o que aconteceu. Nos dias seguintes, Maxwell procurou aproximar-se da moça, tornando-se amigo, mas ele não tinha intenção de continuar o seu trabalho no centro. Porém Zilda já o estava influenciando positivamente. Deste modo, a vida de Max resumia-se em ir ao colégio, auxiliar seu pai, que cada vez mais tinha o problema de saúde agravado, trabalhar no centro e conversar com Zilda; eram longas conversas e até algumas trocas de carinhos já aconteciam. Quando ele terminou uma palestra e se dirigia para sua casa, naquela noite, sem a presença de Zilda, foi abordado por um homem bem vestido, de terno e gravata, que foi logo dizendo:

— Continua perdendo tempo, meu jovem?

Era o pastor Cireu, homem de rara inteligência, que tinha como incumbência cuidar de uma igreja (templo evangélico) e seus fiéis. Homem vaidoso, conduzia sua vida de maneira que dividia o tempo entre a igreja e os lazeres intermináveis.

— Olá, Pastor! Como vai o senhor?

— Não vou bem, meu amigo, porque vejo que o demônio ainda toma conta de você.

Pensei que iria deixar aquela casa de Satanás. Não foi isso que me disse?

— Sim, Pastor, é verdade, mas é que conheci uma jovem lá e, para falar a verdade, acho que estou apaixonado por ela. Além disso, as minhas palestras têm cada vez atraído mais público; todos dizem que ainda serei muito conhecido e famoso.

— Tolice, meu jovem. Querem enganar você. Mas não se preocupe: amanhã, gostaria que fosse jantar em minha casa. Leve a namorada consigo. Será um prazer recebê-los.

— Não sei...

— Está decidido! Aqui está o meu endereço. Espero-os às oito da noite.

Capítulo V Entre Religiosos de Má-Fé

A realidade de nossos religiosos na atualidade é, no mínimo, delicada. A religião, tendo como objetivo aproximar o homem de Deus ou, em definição mais exata, religar o homem a Deus, vem sendo deturpada desastrosamente na sua essência. Os líderes religiosos que compõem as facções têm, em muitas situações ditas cristãs, se deixado contaminar pelos interesses pessoais, isso entre os religiosos cristãos ou não. Vemos todos os dias exemplos tristes dessa realidade: budistas se enfrentando fisicamente para não perderem o poder de mandar, religiosos que, em nome da fé, fazem a guerra e ainda têm a coragem de chamá-la “guerra santa”, religiosos que defendem a idéia ridícula de que para seus fiéis ganharem o Reino dos Céus é preciso dar ao templo quase tudo que ganham, outros que defendem a postura de que, para se orar a Deus, é necessário a construção de grandes templos, os mais luxuosos possíveis. E, nesse aspecto tão triste, muitos espíritas não diferem de tais irmãos nossos. Quantos, que ainda vivem exclusivamente da Doutrina, vendem a alto preço a sua mediunidade e cobram caro os atendimentos, fingindo não raro as comunicações de guias que de fato não existem.

Os irmãos queiram nos desculpar, se a abordagem choca, mas é nossa intenção apenas alertar. Não se trata de uma crítica irresponsável, até porque não temos essa condição moral: trata-se apenas de uma realidade; claro, é preciso dizer que existem muitos, na atualidade, que são fiéis aos ensinamentos de Jesus, mantendo-se na humildade e devota-mento necessários para um bom trabalho.

Gostaríamos que os irmãos não julgassem a religião em si, pois seja no Espiritismo, Catolicismo, Budismo ou entre nossos irmãos evangélicos, sempre iremos encontrar os que agem de boa-fé e os que agem de má-fé; infelizmente essa ainda é a nossa condição humana.

Maxwell não se dava conta, mas o fato de tão pouco tempo no seio da Doutrina Espírita e já ter se tornado um orador hábil com as palavras era conseqüência do seu estudo sobre Espiritismo, enquanto se encontrava no plano espiritual e principalmente da sua faculdade mediúnica, pois quase sempre, em suas exposições, Benfeitores Espirituais, como que lhe falavam ao ouvido as citações evangélicas, proporcionando assim uma abordagem quase que perfeita, mas, no fundo, o pregador era um jovem inexperiente no auge dos seus dezenove anos, incapaz de - pelo menos no presente

momento - entender quanto a mediunidade lhe poderia ser útil, naquela existência de provas e expiações e não como ele pensava ser: um espírito missionário.

O Pastor Cireu era um homem sem escrúpulos que vivia da exploração da fé alheia, e a sua aproximação de Maxwell, que por sua vez tinha um caráter frágil, era sem dúvida um risco enorme para todos os envolvidos naquela luta de soerguimento.

O irmão Luan, preocupado com o rumo dos acontecimentos e sem entender por que aquele interesse do Pastor em Maxwell, solicitou, para o dia seguinte, a presença sempre

amiga de Lúcio.

O irmão Luan havia identificado também, próximo ao homem, a figura de um espírito de aspecto assustador, olhos avermelhados e uma agressividade incomum nos gestos; aliás, aquele espírito estivera o tempo todo sugestionando o ministro evangélico, na ocasião do convite para o jantar.

No outro dia, antes do horário do jantar, Lúcio chegou ao lar do rapaz e, após abraçar demoradamente o amigo Luan, disse:

— Você já identificou o espírito que acompanha o Pastor?

— Tenho minhas desconfianças.

— Pois elas estão corretas.

— Então é *ele*?

— O próprio, meu irmão. Trata-se de Ésfio! Ele conseguiu localizar Max no novo corpo e agora inicia a sua vingança.

— Mas por que Ésfio envolve esse pregador em seus planos?

— Simples, Ésfio sabe que aquele que deveria ter sido seu pai é extremamente vaidoso. Uma aproximação com alguém como o Pastor Cireu, que engana o povo mais simples por dinheiro, é o encontro perfeito.

Ésfio já havia traçado o seu plano e Lúcio colocou o irmão Luan a par de tudo. Foram para a casa de Cireu, enquanto Maxwell, sem sucesso, tentava convencer a jovem Zilda a acompanhá-lo, mas ela rebatia o convite com palavras coerentes:

— Não sei o porquê disso, Maxwell. Não tenho nada contra esse pastor, mas ele já declarou publicamente seu ódio aos espíritas. O que você poderia ter para fazer lá?

Ele, irritado, respondeu:

— Ele é meu amigo. Você está parecendo a minha mãe. Ela disse a mesma coisa. Eu acho, Zilda, apesar de gostar muito de você, que ambas estão um pouco fanáticas pelo Espiritismo. Eu não sou desses; sou espírita, mas estou aberto a ouvir opiniões diferentes e me parece que as idéias do Pastor são semelhantes às minhas.

Percebendo que não adiantaria discutir mais, ela silenciou, enquanto ele foi ao jantar na casa do reverendo pregador.

Zilda, que havia se tornado amiga da Sra. Elizabete, confidenciou a ela que sentia um grande carinho por seu filho, mas estava extremamente

preocupada com esse “novo amigo”. Ambas oraram, rogando ao Senhor da Vida que o protegesse.

Antes que Max chegasse à casa de Cireu, Lúcio e Luan abordaram de modo carinhoso Ésfio, que se mantinha irredutível no portão de entrada aguardando a chegada de sua vítima.

Foi o irmão Lúcio que tentou iniciar o diálogo com aquele irmão, totalmente transtornado pelo ódio, com cuidado para não piorar a situação:

— Ésfio, olá! Eu sou...

Antes que ele dissesse o nome, foi interrompido por Ésfio, que advertiu:

— Sei quem são. Os protetores dele, não é? Desistam, porque ele me pertence. Vocês se dizem bonzinhos, mas onde estavam quando esse “animal” me impediu de retornar ao corpo? Por que não protegeram a mim?

O Benfeitor tentou ainda começar a falar, dizendo:

— Meu irmão, é preciso...

Mais uma vez Lúcio foi interrompido:

— Não sou seu irmão e não venha com aquele discurso mentiroso de perdoar. Não perdo nada! Afastem-se de mim! Eu conheço meus direitos. Vocês não podem me levar,

porque aqui reinam o vício, os interesses materiais, o sexo. Os moradores desta casa estão em perfeita sintonia comigo e com meus amigos. Eles não têm... como é que vocês dizem mesmo? Ah, sim! Lembrei-me: eles não têm méritos. Portanto, perdem o seu tempo. Deixem-me!

No fundo, aquele irmão em parte estava certo: os Benfeitores quase nada podem fazer por aqueles que não têm o desejo de melhorar, porém o irmão Lúcio, demonstrando grande sabedoria, disse-lhe:

— Ficaremos aqui. Também não nos pode mandar embora. Este lar não lhe pertence e você age movido pelo desejo de vingança. Sabemos que não demorará muito para perceber o erro que está cometendo e aí estaremos aqui para ajudá-lo também, porque somos todos filhos de Deus e não há quem não queira ser feliz. Até você!

Por alguns instantes, Ésfio ficou em silêncio, parecendo meditar naquelas palavras. Foi quando chegou o conviva. Então, ele se agitou novamente, avançando contra sua vítima, com o desejo claro de esmurrá-lo ou algo semelhante.

O Pastor convidou o rapaz a entrar e, sempre sob forte inspiração de Ésfio, começou a falar, como se estivesse pregando ao público:

— Veja, Maxwell, que casa linda que tenho, com piscina, um imenso jardim, tudo porque o Senhor que está nos Céus me deu! Sabe? Deus é bom para aqueles que pregam a sua palavra. Veja: eu tenho um bom carro, roupas caras, jóias e o que preciso fazer? Apenas dizer ao povo que eles vão ser vítimas de Satã, se não doarem dinheiro para a igreja; eles doam e eu fico cada vez mais rico. O que acha?

Aquelas palavras eram revoltantes. Como alguém poderia enganar pessoas daquela forma tão sórdida? Mas a verdade é que aquelas palavras estavam seduzindo o ouvinte, e o pastor continuava:

— Já ouvi você falar. Tem rara capacidade de envolver as pessoas. Se quiser, eu disponho uma igreja que está precisando de alguém como você: jovem, falador e esperto. Que tal? Basta abandonar aquele Espiritismo.

A essa altura da conversa, Ésfio nem precisava mais se esforçar para induzir tais assuntos, pois ambos em sintonia mental falavam a “mesma língua”, como se diz. Aquela noite, Maxwell foi para casa entusiasmado, pensava no dinheiro que poderia ganhar, enquanto que o Pastor, por sua vez, pensava que aquele jovem poderia no futuro substituí-lo, nas pregações e a ele caberia apenas a função de contar o dinheiro e gastá-lo - é claro.

O irmão Luan, numa tentativa de alertar seu pupilo, aproveitou-se do sono físico para tentar conversar com ele. Porém a tentativa foi inútil, o espírito de Max uma vez liberto parcialmente pelo sono físico, foi envolvido por entidades vulgares que o levaram para uma festa regada a atos de vulgaridade extrema.

Luan se afastou e orou pelo seu pupilo.

Enganam-se aqueles que pensam que os espíritos amigos, anjos-da-guarda ou não, possam proteger ou evitar que os homens tomem caminhos tortuosos. Ao contrário: geralmente, as pessoas estão muito mais aptas a captar as idéias infelizes de espíritos menos esclarecidos do que as inspirações dos bons espíritos. Os interesses puramente materiais, as brigas, os vícios, a falta da caridade são fatores predominantes para atrair espíritos enfermos, e então os bons se afastam. Afinal, é o próprio ser humano que escolhe suas companhias: encarnadas ou sem o corpo.

Com o passar do tempo, tinha-se a impressão de que Maxwell estava se tornando uma pessoa cada vez mais responsável: havia assumido seu namoro com Zilda, havia arrumado um emprego de meio período em uma mercearia, continuava a proferir palestras e não havia

se desvinculado do centro. Mas as aparências enganam... Porque cada vez mais ele pensava em sair daquela pobreza, ser valorizado como grande “orador” que pensava ser.

Afinal, o que ocorria com ele é o mesmo que se dá com tantos e tantos indivíduos que estão sempre bem, demonstrando uma fé inabalável, mas, na verdade, é apenas aparência: são pessoas que representam, como se estivessem em uma peça teatral. Então, quando não suportam mais essa situação irreal, acabam por abandonar o trabalho que vinham fazendo, mais para satisfação do *ego* do que prazer de fazer o Bem.

A esperança do irmão Luan era que a convivência com Zilda e os diálogos com Jonas pudessem afastar do rapaz aquelas idéias de grandeza, porém agora havia o agravante da presença de Ésfio, que permanecia quase o tempo todo próximo à sua vítima. Maxwell - por esse motivo - começou a ter dificuldades em realizar palestras, pois os Benfeitores Espirituais começavam a ter grandes empecilhos em se aproximar do orador. Mesmo nas casas espíritas as quais visitava, seus pensamentos quase sempre apenas captavam a presença do verdugo. Para piorar a situação, o Pastor Cireu, vez ou outra, realizava verdadeiros “sermões” no sentido de convencer o jovem a abandonar tudo e ir para a “igreja” que lhe traria indizível conforto material.

O irmão Luan, muitas vezes, conseguia desviar o tutelado de atividades comprometedoras, mas a cada acontecimento nesse sentido ficava mais restrita a ação do protetor.

Foi no final de um mês de março que a família foi abalada por um triste acontecimento: certa madrugada, o Sr. Marcos, não resistindo a forte pneumonia, já bem debilitado, fechava em definitivo os olhos físicos.

CAPÍTULO VI Triste Decisão

Houve comoção geral de vizinhos e amigos. O enterro contou com centenas de pessoas. A Sra. Elizabete abatida e triste, porém lúcida o tempo todo, confortava as pessoas que davam sinal de desespero, dizendo:

— Deus permitiu que tivéssemos uma vida inteira juntos. Nunca brigamos, nunca nos ofendemos e agora Deus o convida a retornar à verdadeira vida, e eu, na condição de espírita, tenho o dever de aceitar porque sei que a morte não existe e que os amigos espíritas já o ampararam.

Eram palavras de uma mulher de fé, que não tinha apenas o título de crente espírita.

— Maxwell não teve dificuldades em aceitar a morte do pai, porém, alguns dias depois da desencarnação, ele tomou uma decisão que mudaria para sempre a sua vida. Reuniu-se com a mãe e Zilda e agora, começando a entrar de fato num processo obsessivo, disse, sem meias palavras:

— Vocês duas não ignoram que nunca me conformei com esta vida de miséria. Acabei por suportar até agora, porque meu pai esteve doente todo este tempo e não queria causar nenhum desgosto a ele, e também porque Jonas há muito tempo atrás, ao conversar comigo, disse-me palavras que, não sei explicar por quê, me tocaram a alma. Logo em seguida, fui surpreendido com a minha incrível capacidade de memorizar os textos evangélicos e fui por esse tempo adiando minha decisão, mas agora não retrocederei. Este é o momento!

A Sra. Elizabete e Zilda continuavam em silêncio, esperando o desfecho daquele desabafo, quando ele enfim diz o seu propósito:

— Estou deixando minhas atividades no centro. Hoje tenho a convicção que estou na

doutrina errada, que me pede renúncia todos os dias, mas não me ajuda financeiramente. Os tempos são outros. Nós, os pregadores da atualidade, precisamos de carros, um bom emprego e uma estabilidade financeira. O pastor Cireu tem uma pequena casa para alugar distante algumas quadras daqui. Já combinamos: irei para lá e começarei uma nova vida.

Agenitora, profundamente triste, num apelo ao bom senso, exclama, em lágrimas:

— Filho, por que tanta ingratidão?! Nunca pudemos lhe dar uma vida confortável, mas em momento algum lhe negamos o amor, nem eu, nem seu pai. O Espiritismo foi uma bênção em sua vida: você fez amigos, conheceu os ensinamentos superiores...

— Bobagem! A senhora não vai me convencer. Deixarei o meu endereço, caso a senhora precise de algo, e, quanto a você, Zilda, gostaria que continuássemos juntos. Se tudo der certo, em pouco tempo terei dinheiro suficiente para pedi-la em casamento.

Neste momento, o irmão Luan, que permanecia atento, inspirou a jovem a não reagir e guardar silêncio, como se tivesse concordado com tudo o que foi exposto.

Algumas horas depois, as malas estavam prontas e Maxwell partiu, deixando um coração materno transpassado pela dor. Abraçada a um exemplar do Evangelho, Elizabeth chorava, não simplesmente pela partida do filho, mas porque sabia que, dificilmente, seu filho acertaria as escolhas a serem feitas. A ela, restava apenas chorar e orar. Segurando uma foto do marido, questionava: “onde nós erramos Marcos? Onde?”

Não haviam errado em nada, absolutamente em nada. É de se lamentar que muitos filhos não saibam valorizar os ensinamentos dos pais. Em épocas atuais, os jovens em sua maioria apenas os definem como “quadrados”, “caretas” e acreditam que sabem tudo da vida, mas não sabem coisa alguma. A Sra. Elizabeth e o Sr. Marcos haviam aceitado a incumbência de receber Max como filho, mesmo sem terem laços cármicos com ele; e, como haviam se comprometido, foram pais exemplares, mas isso não foi suficiente para mudar a índole de Max.

Alguns dias passados, após assistir à “pregação” do Pastor Cireu, Max retornou para casa cansado e, em pouco tempo, pegou no sono, ali mesmo no sofá. Minutos depois, seu espírito se afastava do corpo e, enquanto tomava consciência de si, mais uma vez Êsfio se aproximava, dizendo palavras de acusação e amedrontando o espírito que caía de joelhos e chorava, sem entender direito o que acontecia.

Foi então que Luan se aproximou e, em vão, tentou estabelecer um diálogo com Êsfio, que bateu em retirada quando se sentiu tolhido após a prece feita por Luan. Mas aquela noite reservava uma surpresa: dois benfeitores se tornaram visíveis a Max e o convidaram a segui-los. Amparado por Luan, o jovem foi levado a um lugar de rara beleza. Ao adentrar o local por um grande jardim, Max teve um susto e uma lembrança clara. Arregalando os olhos, afirmou:

— Meu Deus! Já estive aqui! É a Colônia, a Colônia! Agora me lembro. Que lindo! Quem me ajuda? Quem me trouxe?

— Acalme-se, Max.

— É você o irmão Luan?! Que alegria! Pensei que tivesse me abandonado.

Foi então que ali mesmo no jardim, sem nenhum tipo de formalidade, se apresentou o irmão Benjamin, dizendo:

— Olá, Max! Como vai?

— Não me lembro bem do senhor. Sei que não me é estranho, mas...

— Não se preocupe: a matéria impõe certas restrições. Não importa se não se recorda de mim. Preste atenção. Temos pouco tempo; mesmo sem o devido merecimento, Deus lhe concedeu estes instantes para alertá-lo. Apenas ouça:

— Reaja a essas idéias que invadem sua mente. No seu íntimo, você sabe o que é certo. Volte para o seu caminho, onde estava indo tão bem. Retorne ao centro. Abstenha-se de amizades que o perturbarão ainda mais. Abra o coração para as orientações de seu irmão espiritual. Não abandone Zímbia novamente. Max, não pode falhar novamente.

— Mas me sinto perseguido por um monstro! Afaste-o de mim.

— Quem o persegue é o seu próprio passado. São conseqüências de sua irresponsabilidade. Mais coragem, meu filho. Deus o abençoe.

O Benfeitor se afastou, enquanto Max chorava como criança. O irmão Luan o envolveu e o conduziu de volta ao corpo.

Naquela noite, Ésfio não se atreveu a voltar, e Max teve uma noite de sono mais tranqüila.

No outro dia, Max acordou bem disposto, sentindo uma alegria inexplicável, teve o desejo de ver sua mãe, antes de ir ao colégio, e de ver Zilda, dar-lhe um beijo, falar do seu amor.

Contou à genitora que teve um lindo sonho e que, neste sonho, ele não era filho único, mas tinha um irmão que o amava.

Haviam se passado, durante a breve orientação, apenas alguns minutos, mas tinha sido suficiente para imprimir novos pensamentos em Max.

Os Benfeitores, ao contrário do que pensam muitos, não dispõem de alguma receita mágica para ajudar os encarnados. De maneira geral, possuem apenas a abnegação e o desejo de amparar a todos, porém, no caso de Max, à semelhança de tantos outros, pouco conseguem, pois as criaturas humanas longe da caridade e distantes da fé são verdadeiros chamarizes para os espíritos obsessores.

Por alguns dias, o jovem refletiu e estava até disposto a se afastar do Pastor, entretanto o religioso às avessas fez-lhe uma proposta tentadora. Foi num domingo à tarde quando Maxwell e Zilda faziam companhia a ele, já que morava sozinho e se dizia muito solitário. Logo após o almoço, desta vez inspirado por um estranho vestido de terno e gravata, cabelos bem penteados, Cireu, de estatura pequena e levemente calvo, levantou-se e disse:

— Vou lhe fazer uma proposta irrecusável, meu caro Maxwell. Você vai assumir a tribuna da Igreja “Paraíso dos Crentes”, na próxima semana!

— Que ótimo! Quero dizer: Estou muito sensibilizado - redargüiu o rapaz -, mas devo explicar que não estou devidamente preparado e...

Aquele espírito estranho dava gargalhadas de satisfação e dizia, sem perceber a presença de Luan:

— Mais um, mais um, que se junta a nós! A nossa seita de adoradores do dinheiro vem crescendo entre os encarnados. Que maravilha!!!

Aquele irmão - desencarnado - equivocado não tinha nada contra Maxwell: seu ódio era contra o Cristianismo: era inimigo feroz do Divino Carpinteiro. Semeava juntamente com outros “amigos de ideal”, entre os religiosos que tinham a responsabilidade de estarem à frente de seus templos, igrejas e - acreditem - até entre aqueles que estavam à frente de centros espíritas, **o anseio pelo dinheiro** e soprava na mente dos mais desatentos que o dízimo dos seguidores era o principal para “edificar o Reino”. Obviamente que seu objetivo era fazer com que pessoas de boa fé, vendo tal procedimento de seus líderes religiosos, se frustrassem abandonando a religião e dessa forma ficando à mercê do Mal. O pior é que o plano vinha dando certo, pois muitas pessoas de vários segmentos religiosos, ao invés de questionarem seus líderes, optavam por abandonar sua crença.

O ministro de Deus, homem ambicioso, era apenas uma ferramenta nas mãos daqueles obses-sores, de quem nunca será demais dizer: além de inteligentes, eram organizados.

As trevas sempre estarão arquitetando planos para tentarem impedir o crescimento dessa doutrina chamada Cristianismo, que tem como base o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. É desnecessário dizer que jamais conseguirão tal feito, pois o amor que emana de Deus é universal e alcança a todos os seus filhos. Mas, por outro lado, é verdade que muitas almas desatentas e invigilantes, sem a necessária resistência moral, acabam por ceder às investidas dessas entidades, e muitas terminam por cair nessa luta contra o atraso. O Pastor Cireu era um exemplo. Quando jovem, tinha idéias nobres, porém não resistiu à tentação que o dinheiro e o poder exercem e cedeu, comprometendo sua tarefa de orientar corretamente seus fiéis. E o nosso Max estava por cometer o mesmo erro. Após pensar um pouco, disse:

— Eu aceito! Já estava mesmo na hora de melhorar de vida.

— Mas, Maxwell - disse a jovem Zilda -, não é correto! Pelo que eu entendi, você vai enganar os outros.

— Não! - se adiantou o Pastor. — Ele ensinará o povo, falará das Sagradas Escrituras e de Jesus, com a diferença que vai ganhar para fazer isso. É um direito, não acha?

— Sinceramente, não acho. O Jesus que aprendi a amar nunca precisou de dinheiro para pregar o amor.

Com um sorriso sarcástico, Cireu disse:

— São outros os tempos, minha cara!

Os visitantes se despediram e Maxwell prometeu voltar no outro dia, para, juntos, comprarem as roupas novas.

Zilda, apesar de seu amor ao namorado, foi taxativa:

— Não participarei disso! Não conte comigo! Aliás, talvez seja melhor terminarmos nosso namoro. Na verdade, você não é o que eu esperava.

Ele, que no momento só pensava em si mesmo, disse:

— Se você quer assim, tudo bem, mas irá se arrepender mais tarde, quando eu for importante e rico.

Zilda ficou chocada com essa cruel reação, mas assim mesmo manteve sua decisão. Ela pensava que talvez o rapaz, sentindo um pouco sua falta, voltasse atrás em sua decisão e poderiam recomeçar. Foi para casa, deixando-o a sonhar acordado com o futuro...

No dia seguinte, tudo aconteceu como o combinado: após as compras, o Pastor informou a Maxwell que a sua primeira pregação seria no sábado. Entusiasmado, disse que estaria pronto a fim de arrebanhar uma multidão para a igreja que agora estaria sob sua responsabilidade. Por alguns dias, Zilda se manteve afastada. Maxwell, por sua vez, não se importava muito, pois tinha certeza de que, ao adquirir tantos bens materiais, ela voltaria para ele.

No sábado, a igreja estava lotada. Muitas pessoas queriam conhecer aquele jovem, brilhante pregador que abandonara as “hostes demoníacas do Espiritismo”, libertando-se para a Bíblia Salvadora.

Estava tudo preparado e, do lado de fora do templo, Ésfio, com um sorriso vitorioso, observava os acontecimentos. Lá dentro, enquanto o novo pregador se preparava para falar, ao seu lado se postava aquele mesmo espírito que tinha como meta desestruturar os líderes religiosos.

A mediunidade é algo complexo e surpreendente. Maxwell havia abandonado o

centro, não registrava as inspirações de Luan, mas, naquele momento, funcionaria como médium; antes mesmo de iniciar sua fala, era possível ver o jovem assimilando as idéias do referido espírito, que era o coordenador daquele local.

Ele iniciou a fala, empolgado e quase que totalmente mediunizado. Discorria sobre as velhas Escrituras, sempre ressaltando a importância da doação financeira como condição única para o Reino dos Céus.

Nada podendo fazer, Irmão Luan se afastou e aproximou-se de Ésfio, no intuito de uma vez mais tentar um diálogo:

— Ainda persiste nessa vingança, querido irmão?

— Estou apenas começando.

— Mas qual é seu objetivo final?

— Matá-lo! Sei que com minhas próprias mãos não posso, mas o levarei à morte, com certeza!

O irmão Luan, rogando a inspiração necessária, disse:

— Não percebe que é inútil! Você diz que quer matá-lo, mas, se a morte não existe, que diferença faz? Olhe para si mesmo: está totalmente desequilibrado! Chega, meu irmão! Mude!

— Mudar? Para quê? Ou melhor, para quem? Ninguém se importa comigo. Se eu deixar esta vingança, minha vida perderá o sentido. Só vivo para isto. Há anos que o estava procurando e, agora que o encontrei, não o deixarei. Ele pagará caro o descaso que teve para comigo.

— Mas a vida é muito mais que isso. Não é possível que não guardou em seu coração nenhum bom sentimento, se não por Max, pelo menos por outra pessoa.

Ésfio, algo desconfiado, perguntou:

— Aonde você quer chegar? O que está querendo dizer?

CAPÍTULO VII Presença Inesperada

Antes que o irmão Luan continuasse, algo inesperado e surpreendente aconteceu:

Suave melodia começou a ser tocada. De repente, uma jovem senhora, de grande beleza e com um semblante triste, apresentou-se, dizendo:

— Ele está querendo dizer que existe alguém que ama muito você e que se importa com o que lhe acontece.

Luan, percebendo imediatamente de quem se tratava, silenciou, enquanto que Ésfio, com os olhos arregalados, perguntou:

— Quem é você?

— Sou sua mãe, meu querido filho!

Ésfio estava chocado e, para dizer a verdade, o irmão Luan também. Jamais poder ia supor a presença de Meg ali, naquele momento.

— Não tenho mãe e, se um dia eu tive, já a esqueci, pois nunca se lembrou de mim.

— Filho, eu tentei resgatá-lo daquela região de dor, mas seus ouvidos estavam anestesiados pelo

ódio. Não pude nem me aproximar, pois você não me escutava.

— Você é uma miserável! Por que concordou em me arrancar de dentro de si?! Eu a amava, queria ser seu filho. Apesar daquela situação, não podia... Você não devia ter permitido...

Ésfio era naquele momento uma mistura de dor e ódio, entretanto aquele encontro

mexia profundamente com suas emoções. Pela primeira vez em muito tempo, as lágrimas represadas se precipitaram em sua face marcada pelo desequilíbrio. Meg, por sua vez, também chorava; eram palavras duras, e ela, num gesto quase que instintivo, tem uma atitude surpreendente; cai de joelhos aos pés de Ésfio e desabafa:

— Tem razão, filho, sou uma miserável! Fui covarde. Faltou-me fé em Deus. Mas acredite, desde o dia em que te arrancaram de dentro de mim, não tive mais prazer de viver. Sofri muito, fiquei jogada de um lado para o outro, descambando para a bebida, até o dia em que encontrei uma pessoa **honesto, um homem bom**, que me estendeu a mão, tirando-me daquela vida. Ele era um homem religioso e me mostrou quanto Deus é bom, e, acreditando nisso, reconstruí minha vida, tive filhos do coração, passei a doar-me em trabalhos de caridade, mas jamais me esqueci de você; chorava todos os dias, principalmente quando morri e tive a certeza de que a morte não existe. Nesse momento, o desespero tomou conta de mim. Não conseguia parar de pensar: “Se eu não morri, o filho que expulsei da vida física também não morreu...” Pus-me a procurá-lo enlouquecida, até que fui amparada. Mais tarde, me explicaram que só quando houvesse de sua parte uma possibilidade de diálogo é que eu poderia tentar.

Era uma cena indizível, extremamente emocionante. Ésfio, visivelmente emocionado, pergunta:

— Para que me procurou todo esse tempo?

— Para lhe pedir perdão. Perdoe-me, filho! Tenho trabalhado muito deste outro lado da vida; pude adquirir méritos significativos, porém o mais importante será o seu perdão.

— Não tenho tanta raiva de você - disse Ésfio, e, apontando para dentro da igreja, completou:

— Meu ódio maior é para com ele.

— Esqueça, Ésfio! Max é como todos nós somos: um espírito em aprendizado; veja como somos ingratos. Ele teve uma nova oportunidade no corpo, recebeu e está recebendo toda a ajuda possível, mas agora começa a se equivocar novamente. E nós, Ésfio, quantas vezes já nos perdemos? **Quantas vezes** negligenciamos a vida?

As palavras de Meg pareciam fazer efeito. No fundo, Ésfio era carente de afeto, porém seu orgulho ainda falava alto. Então, talvez com medo de ceder aos argumentos, ele deu fim ao diálogo:

— Não, eu não posso, não consigo. Me deixe...

Após proferir estas palavras, desapareceu, contornando uma esquina, como se ainda estivesse no corpo.

O irmão Lúcio aproximou-se de Meg:

— É uma pena!

Ela, porém, sorriu e concluiu:

— Não, meu irmão, ao contrário: estou mais aliviada. Pelo menos consegui falar com ele e percebi que já dá sinais de cansaço de levar essa vida. É possível que em muito pouco tempo eu possa levá-lo comigo.

Enquanto isso, dentro do templo, o clima era de agitação.

Os irmãos podem estranhar o uso da palavra *agitação*, porém é o termo mais exato para definir aquela situação. Não podemos esquecer que inscrições nas entradas de templos religiosos não garantem a proteção do lugar, mas, sim, o que se faz lá dentro. Até nossas casas espíritas, na atualidade muitas delas, são dirigidas por espíritos inferiores, simplesmente porque nesses locais se esqueceu a caridade pura e porque se desprezou a disciplina. Os irmãos que permanecem encarnados precisam estar sempre atentos à

recomendação de Jesus: “Vigiai e Orai”.

Maxwell havia dito entre outras coisas que se equivocou ao acreditar na Doutrina Espírita e que havia se convertido e estava disposto a combater os espíritas.

A cada frase, os fiéis, na sua maioria ingênuos, batiam palmas, incentivando sua iniciativa.

— O que podemos fazer por Max? - perguntou Meg, preocupada.

— Sinceramente, não sei dizer. Esse Pastor Cireu está exercendo uma influência prejudicial ao nosso irmão. Na verdade, eles se tornaram grandes amigos porque têm as mesmas tendências e vontades: dinheiro e vida fácil.

— Mas como pôde Max renegar dessa forma o Espiritismo se até há pouco tempo era orador, participava da Mocidade e ainda tem na sua mãe o maior exemplo da pureza dos ensinamentos espíritas?

— Até onde posso entender, o que acontece com Max é mais comum do que se pensa. Quantos confrades espíritas que iniciam suas atividades muito bem e depois de escreverem um ou dois livros ou se tornarem conhecidos acabam se perdendo na vaidade ou nos interesses materiais! É impossível alguém desacreditar de algo tão “acreditável” como o Espiritismo. Essas pessoas fingem que se enganaram; no fundo, querem não enxergar o que é óbvio. Permanecem se iludindo, querem a *porta larga*. É como ser Cristão na Terra: todos ou pelo menos a maioria das pessoas sabem quem foi Jesus, até o amam, mas daí a seguir ou praticar seus ensinamentos, há uma distância considerável, não acha?

— Você tem razão, mas vamos nos aproximar e aguardar o final da reunião.

Maxwell, ao encerrar o discurso inspirado pelo espírito obsessivo, abraçou o Pastor Cireu e passou aos cumprimentos gerais. Eis quando aquele espírito, que poderíamos definir como estranho, se aproximou do irmão Luan e de Meg e, sem rodeios, servindo-se de um vocabulário impecável, disse-lhes:

— Não pensem que não vi - o espírito deu uma gargalhada e continuou. - Quase conseguiram, não foi?

E, porque Meg e Luan permanecessem em silêncio, ele prosseguiu:

— Aquele que acompanha sempre Maxwell, creio que é seu grande inimigo. Pois bem, da próxima vez, chorem mais, peçam mais. Vocês, seguidores do Cristo, adoram um drama! Confesso-lhes que quase chorei ao ver aquela cena patética.

As palavras daquele ser eram ditas com ironia; tinha a intenção clara de provocar os irmãos, porém o irmão Luan, conhecendo a intenção do espírito equivocado, respondeu de forma inteligente:

— Se você prestava tanta atenção é porque talvez esteja interessando-se pela causa cristã.

O espírito, que até o momento se mantinha calmo, teve uma explosão de ódio:

— Malditos cristãos! Há séculos, os odeio! A causa de vocês é absurda: dar a outra face, perdoar, amar, é tudo ilusão. Diga-me quantos você conhece, entre os encarnados, que realmente acreditam nisso ao ponto de praticarem no dia-a-dia?

— Muitos, meu irmão, que passaram e outros que ainda permanecem na Terra dão-nos grandes exemplos.

— Exceções, meu caro, exceções! Olhem para eles: se dizem cristãos, mas o que querem é resolver seus próprios problemas. Dão, sim, o dinheiro.

Sabem por quê? Dão, por peso de consciência, cometem seus pecados e depois acreditam que podem comprar o Reino dos Céus. E os líderes desse povo... vejam... estão felizes, contando o dinheiro que conseguiram. O dinheiro e o poder são nossas armas. Iremos

destruir tudo!

As palavras daquele irmão assustavam os que ainda não tinham uma fé inabalável. Naquele momento, seus comparsas se aproximaram, um total de dez espíritos desencarnados. Como irmão Luan percebesse que seria inútil discutir, desviou o assunto, perguntando:

— Nós respeitamos sua maneira de pensar. Apenas não concordamos. Estamos aqui por causa do jovem Max, nosso protegido. É nossa tarefa ajudá-lo, mas sua presença o está prejudicando. O senhor poderia nos respeitar também, permitindo que o ajudemos. É possível?

Nova gargalhada tomou conta do ambiente, e, agora com ar de superioridade, disse:

— Você é esperto. Está fugindo do assunto por quê? Não é capaz de vencer meus argumentos?

— Não estamos numa guerra, meu irmão. Nossa intenção não é vencê-lo, pois o único e verdadeiro vencedor é aquele que vence a si mesmo.

O espírito rebateu:

— Belas palavras... Mas são apenas palavras. Enquanto nós agimos, muitas casas espíritas já cederam à idéia de mais luxo, formalidades; a idéia de que os pobres não precisam da Doutrina, mas, sim, os cultos, já está bem semeada; basta aguardarmos. Com as outras religiões é mais simples e estamos vencendo a batalha com certa facilidade.

Enquanto Meg orava, pedindo auxílio necessário, a entidade continuou.

— Vocês querem Max? Ora, podem ficar com ele. Acham que nos importamos com alguém tão insignificante? Existem inúmeros em invigilância por aí e, além do mais, temos o nosso Pastor Cireu, que é um grande colaborador de nossa causa.

Esta igreja é apenas um dos nossos vários núcleos de ação. Vejam: Max está ali, se ele assimilar suas idéias, podem levá-lo, afinal ele é livre.

O irmão Luan não teve alternativa, Max estava totalmente perturbado, apesar de que, naquele momento, nenhum espírito com idéias perniciosas o assediava. Ele estava perturbado por suas próprias idéias infelizes.

Convidando Meg, Luan se afastou. Ambos retornaram para a casa da Sr a. Elizabete, que orava, segurando um Evangelho em suas mãos, e ali ambos aplicaram um passe reconfortante naquela nobre senhora.

CAPÍTULO VIII Reunião no Plano Espiritual

Na noite seguinte, após visitar Zilda, como era seu hábito, o irmão Luan deixou a Crosta por algum tempo para se juntar a outros amigos, na Colônia da Amizade, para um estudo acerca de determinados problemas que envolvem as pessoas na atualidade. Nunca será demais dizermos aos nossos irmãos que palestras, estudos, reuniões são bem freqüentes deste lado e, por mais absurdo que possa parecer, estas reuniões se dão tanto entre aqueles que se dedicam a ajudar a Humanidade, como entre aqueles que querem o seu atraso moral. No horário marcado, o irmão Luan, Dra. Marta, o irmão Benjamin e o irmão Lúcio juntamente com mais de cem espíritos interessados na evolução do Planeta se reuniram em amplo salão. Naquela noite, receberiam a visita de respeitável seareiro do Bem, pertencente a um grupo de irmãos que de tempos em tempos visitavam a Colônia para ajudarem a resolver problemas de maior gravidade e, após isso,

sempre um desses irmãos permanecia na Colônia um pouco mais, para um bate-papo fraterno com o intuito de esclarecer. Após a prece, realizada por Benjamin, o seareiro cumprimentou a todos, não se preocupou em declinar o nome; apenas disse que era um amigo

em jornada e, que, naquela noite, fazia um breve estudo de perguntas. Solicitou que alguém iniciasse o estudo com alguma dúvida, a qual procuraria responder, respeitando os seus próprios limites, já que não se considerava um grande conhecedor dos dramas terrestres. Feitas as explicações, o irmão Luan foi o primeiro a questionar:

—Ao que nos parece, as trevas vêm ganhando bastante espaço entre nossos irmãos encarnados, infiltrando seus agentes até nos templos religiosos. Há algo que se possa fazer para evitar ou pelo menos amenizar tal situação?

O seareiro permaneceu cabisbaixo por alguns momentos, para depois erguer a fronte e, com calma inabalável, responder a todos:

— Sempre há algo que se possa fazer. Aliás, como você mesmo não desconhece, as trevas caminham apenas por lugares em que o amor foi esquecido. Não devemos nos assombrar tanto com os irmãos desencarnados que dizem poder destruir tudo. A nossa preocupação deverá ser com os encarnados que permitem tal infiltração. Então, lembremos que, na Parábola contada por Jesus onde é semeado o joio junto com a boa semente, isso só ocorreu porque, à noite, “quando os servos dormiam, o inimigo semeou o joio”. O homem na Terra não pode “dormir” como vem fazendo e, dessa forma, permitindo que o joio da intriga, da maledicência, da impaciência cresça entre nossos próprios irmãos. Esse algo a fazer é simplesmente amar... amar a Jesus, amar o lar, amar o irmão, amar o inimigo, amar sempre. Esta é a única coisa a fazer. Vamos sempre tentar inspirar nossos irmãos a amar menos o dinheiro, o poder, os vícios... pois daí têm nascido grandes males para a Humanidade.

Outras perguntas se sucederam. Em uma delas, um irmão de nome Zélius propôs a seguinte questão:

— Por que os homens se demoram tanto em questões tão insignificantes, ao invés de buscarem o esclarecimento que os libertaria de tantas aflições?

— Não é tão simples assim. São milênios de equívocos e rebeldias infundadas, e acreditar que todos possam mudar de maneira rápida é ilusão. O maior problema é com aqueles que já conhecem o Evangelho, mas não procuram praticá-lo. Eles precisariam dar o exemplo, mas preferem, na maioria das vezes, o discurso lindo, no entanto vazio de atitudes. Lembremo-nos, porém, de que o nosso Jesus cuida para que o ser humano nunca deixe de receber boas inspirações. Necessário que confiemos Nele e não cruzemos os braços.

Foram quase duas horas de proveitosas experiências. Ao final, o irmão se despediu de todos, fazendo questão antes de abraçar um a um dos participantes. Quando o salão se esvaziou, o irmão Lúcio se aproximou de Luan e disse:

— Então, caro amigo, fiquei sabendo que as coisas estão difíceis lá embaixo.

— Realmente, irmão. Estamos tentando de tudo, mas Max tem se distanciado cada vez mais dos seus propósitos. Estou bastante preocupado.

Lúcio, refletindo um pouco, disse:

— Não podemos ser pessimistas, mas, pelo que sei, é possível que as coisas piorem.

— Como assim? Explique-me, amigo.

— Como você sabe, Max vem tendo por parte dos amigos espirituais grande ajuda. A começar de você mesmo, que solicitou estar com ele uma vez mais para ajudá-lo; depois ele teve a dádiva de nascer num lar equilibrado, o que, convenhamos, é muito difícil encontrar, hoje em dia. Ao atingir a juventude, espíritos compromissados com o Bem se serviram da sua mediunidade para, através dele, esclarecer e amparar os sofredores. Zímbia, que também foi sua vítima do passado, acabou por perdoar-lhe e ainda decidiu reencarnar com o propósito de ser sua companheira nesta existência; sem a inclusão de Meg, que não guardou nenhuma espécie de rancor. E, sejamos francos, o que ele tem feito em proveito para si? Nada, meu

amigo, absolutamente nada. Natural que a dor comece a lhe rondar os passos, não como punição, porque tal não existe, mas a **dor-consequência**, ou seja, o reflexo natural do seu descaso para com a Bondade Divina. Sem falarmos ainda nas marcas que ele carrega no perispírito, que, mais cedo ou mais tarde, desabrocharão na forma de enfermidades.

— E isso será inevitável, digo, a **dor**?

— A dor faz parte ainda do processo evolutivo do homem, porém Deus não deseja o sofrimento de seus filhos, e posso lhe assegurar que qualquer dor na Terra poderia ser evitada ou, pelo menos, amenizada **pela simples prática do amor**. Se ele mudasse, com certeza o quadro iria se alterar, mas...

— Eu entendo, Lúcio. Estarei cada vez mais atento; não posso desistir agora.

Lúcio, que tinha muitos afazeres, finalizando a conversa, concluiu:

— Desistir nunca, até porque Jesus até hoje nunca desistiu de nenhum de nós. Continue com seu trabalho e aguardemos que Max nos ouça mentalmente, e mude seu caminho.

Eles se despediram e ambos retornaram para suas atividades.

Os dias que se seguiram foram de perturbação e desequilíbrio. Maxwell, à medida que ganhava a confiança dos fiéis, criava uma visão ilusória de si mesmo, acreditando ser um missionário a serviço do Senhor. Enquanto isso, sua conta bancária crescia, graças a vultosos depósitos provenientes das doações à igreja que administrava. Em pouco tempo, ele conheceu outras igrejas e, com seu carisma, sempre cativava a todos. Acompanhado sempre de perto pelo Pastor Cireu e pela entidade perversa, formavam um verdadeiro triângulo de ilicitudes. Ele já não visitava a mãe com tanta frequência. A Sra. Elizabete já não tinha boa saúde física, agravada pelo desgosto com as atitudes do filho. Ela só não descambava para o desespero, graças aos ensinamentos espíritas e sua fé inabalável em Deus.

Ao passar do tempo, Maxwell fazia novas amizades com outros pastores também mal-intencionados. Eram, na verdade, representantes de Deus superficialmente, pois cuidavam de defender, sim, seus próprios interesses e amavam muito, não o próximo, mas o **dinheiro**.

É verdade que o rapaz não havia comprometido totalmente sua reencarnação: havia, sim, se distanciado da Doutrina, mas muitos de seus erros até então eram compreensíveis, até por ser jovem, e os jovens sem experiência cometem muitos erros.

Mas o irmão Luan estava muito preocupado, pois os seres humanos, muitas vezes, não se dão conta de que por detrás de uma grande catástrofe ocorreram antes pequeninas tragédias quase sempre não detectáveis quando ocorrem, mas que mais tarde geram grandes transtornos.

Basta observarmos a vida, para chegarmos a esta conclusão.

Jovens, hoje vítimas das drogas, muitas vezes, iniciaram suas quedas simplesmente por falta de diálogo com os pais.

Mulheres que hoje se entregam à prostituição, muitas vezes, iniciaram suas quedas num abuso sexual ou sendo vítimas da indiferença da sociedade, da fome e do sofrimento.

Muitos que hoje são assassinos iniciaram esta vida de crimes com pequenos furtos, ainda quando crianças; uma vez não amparados, se tornaram o que são hoje.

Esta era a preocupação do espírito amigo. Lentamente, nosso protagonista cedia às suas próprias fraquezas e desejos inferiores. O que viria depois era o que preocupava o amigo espiritual.

O irmão Luan, que conhecia muito bem Max de outras vivências, entendeu que seria inútil no momento inspirá-lo. Então, procurou Zilda (Zímbia), que, pelo fato de se manter

firme no propósito de servir, era muito mais acessível às suas idéias. Ele a envolveu e a inspirou a procurar Maxwell, o que não foi difícil, já que ela ainda sentia considerável atração pelo jovem.

Foi numa tarde de sábado, enquanto ele se preparava para a pregação da noite, em seu quarto. Zilda tocou o interfone, pois, a essa altura, com a ajuda de “amigos”, ele já morava em uma casa bem melhor, com direito a interfone, telefone e um carro para suas viagens. O trabalho material já não era motivo de preocupação para ele: afinal, a renda da igreja era suficiente. Ao vê-la, ele sorriu, com uma satisfação imensa, dizendo:

— Que surpresa agradável. Há quanto tempo, Zilda! Como vai você? Esqueceu-se de mim?

— Não, Maxwell, mas parece que foi você que se esqueceu não só de mim, mas de sua mãe, de seus amigos, de Jonas, que tanto o ajudou.

O jovem, um tanto contrariado, disse:

— São os afazeres, tenho uma missão junto à Igreja, quase não tenho tempo, atendo o povo diariamente, viajo muito, mas, acredite, nunca deixei de pensar em você. Acho que sua decisão de me deixar foi precipitada. Você tem outra pessoa na sua vida?

— Não, Maxwell. Eu também penso muito em você. É uma pena que tenha mudado tanto! Quando o vi pela primeira vez, tive a certeza de que já o conhecia de outras vidas.

— Isso é bobagem! Outras vidas que nada! Mas tenho que admitir que algo estranho também aconteceu comigo. Acho que foi amor à primeira vista.

Zilda, refletindo um pouco, redargüiu:

— Mas, como você pode dizer que outras vidas é bobagem! Não faz tanto tempo assim, você era um jovem espírita.

O antigo namorado, que não tinha intenção de discutir, disse:

— Não falemos sobre religiões: falemos sobre nós. Responda-me: nós dois ainda temos alguma chance?

— Eu não sei, Maxwell... Preciso pensar. Me dê um tempo. Agora preciso ir. E mais uma coisa: não se esqueça de sua mãe. Ela não merece seu abandono.

Os dois se abraçaram, deram-se um beijo na face e ela partiu. O rapaz, por alguns minutos permaneceu pensativo, recordou-se de seu pai, da sua infância, começou a se questionar: “Ele estaria no caminho certo? Valéria a pena aquela vida?”

CAPÍTULO IX Hora da Decisão

A idéia de Luan havia sido excelente: naquela noite, a pregação de Maxwell foi diferente. Não conseguiu agir de forma leviana em pedir dinheiro aos fiéis, o espírito que sempre o assessorava também não conseguiu sintonizar-se com ele. Outro ponto positivo era que, desde a conversa com Meg, Ésfio não havia mais retornado, e, sem a presença do algoz, pensando por si mesmo, Maxwell se mostrava mais alegre. Porém, na semana seguinte, algo ocorreu. Após a pregação, que não tinha tanto entusiasmo do candidato a Pastor, alguém pediu uma entrevista. Um trabalhador da igreja disse que era urgente, pois uma jovem senhora estava com graves problemas. Como todos já haviam saído, inclusive o ministro Cireu, responsável por esses casos, o rapaz decidiu atendê-la. Quando a jovem senhora adentrou pequena sala que ficava aos fundos da igreja, Maxwell sofreu um impacto... Tratava-se de uma mulher muito bela, estatura

mediana, cabelos louros, pele clara, muito bem vestida; assemelhava-se a alguma atriz de cinema, um rosto bem desenhado, sem dúvida, esbanjava beleza. Porém, como

sempre as aparências enganam, a nossa visão, que vai além dos limites físicos, podia detectar pensamentos infelizes de uma mulher extremamente doente no aspecto moral; ao seu lado, duas entidades de modos grosseiros e com atitudes sensuais a induziam àquela atitude infeliz. Maxwell não pôde perceber que se tratava de uma sedutora, que ali estava com planos bem delineados: envolvê-lo em seu encantos.

O irmão Luan, uma vez mais, com bastante agilidade, afastou as entidades inferiores, porém a idéia principal vinha da própria mulher e, quanto a isso, nada se podia fazer a não ser orar para que o rapaz percebesse a armadilha em que estava prestes a cair. Após dizer seu nome - Caia -, aquela mulher iniciou seu plano de sedução:

— Meu amigo, preciso que me ajude. Sinto-me sozinha, fui abandonada por meu marido. Tenho passado as noites em claro, sem nenhum consolo na vida. Ouvi dizer que você é um grande orientador espiritual. Ajude-me. Tenho dinheiro, mas sou infeliz.

As palavras daquela mulher eram cuidadosamente estudadas antes de serem pronunciadas. Chorosa e se dizendo carente, ela ia envolvendo Maxwell em sua teia de sedução.

A pretendida vítima, que até o momento permanecia em silêncio, começou a falar:

— Acalme-se. Tudo na vida tem jeito. Deus nos ampara sempre, você precisa reagir. Comece por freqüentar a igreja e eu a ajudarei... As palavras do jovem eram consoladoras. É interessante observar, como geralmente damos às pessoas os melhores conselhos e, ao mesmo tempo, não os tomamos para nós. Se fizéssemos aquilo que aconselhamos os outros a fazer, com certeza o mundo estaria bem melhor.

Naquela noite, a conversa se estendeu por quase duas horas, quando se despediram e ela partiu prometendo voltar.

Maxwell ficou fascinado com a beleza daquela jovem senhora.

Caia - sem termos a intenção de crítica, mas apenas de esclarecimento -, era uma mulher desequilibrada no trato da sexualidade, dependente química, acumulava em sua vida uma grande coleção de aventuras sexuais e vícios de todo tipo. Ela sofria uma espécie de neurose maníaca: conquistar homens aparentemente inconquistáveis - padres, líderes religiosos, homens casados - era para ela uma espécie de desafio. Maxwell seria a sua próxima vítima.

No outro dia, bem cedo, o telefone toca. Era Caia pedindo a presença do moço em sua casa, pois não estava bem.

Maxwell não pensou duas vezes. Em menos de uma hora, lá estava ele. A casa de Caia era uma verdadeira mansão, o que o encantou imediatamente. Ela tomou o cuidado de recebê-lo em trajes bem atraentes... Novamente, ambos conversaram muito, falaram de suas vidas pessoais, de amores, do futuro.

Tudo era acompanhado de perto pelo irmão Luan. O ambiente espiritual era sufocante: entidades iam e vinham naquele lar à hora que queriam e como queriam; não havia nenhuma barreira espiritual para detê-los.

Seria necessário que nossos irmãos encarnados se dessem conta de que não estão sozinhos e de que muitas vezes transforma o lar em verdadeira hospedaria de espíritos inferiores.

O lar é algo sagrado, a família é a nossa base para construção de um mundo melhor; protejamos nossos lares contra ladrões, tomando todas as precauções: cadeados, alarmes, cães treinados, tudo para evitar que não levem nossos bens materiais, mas permitimos que espíritos inferiores nos surrupiem a paz e a harmonia; deixamos geralmente as portas escancaradas para que entrem e ainda colocamos uma placa: “Sejam bem-vindos!”. Tudo

isso porque brigamos, blasfemamos, alimentamos vícios, dentro de um ambiente onde deveriam reinar o respeito, o amor e o Evangelho - **o nosso lar**.

Quando Maxwell retornou para casa, Zilda o esperava para retomarem aquela conversa sobre uma possível volta dos dois. Mas agora, Ele, por estar envolvido por Caia, não se mostrava tão interessado. Tentando adiar a decisão, disse:

— Zilda, estive pensando, não tenho certeza se daria certo estarmos juntos. Talvez fosse melhor refletirmos um pouco mais, não acha?

Zilda que, naquele momento, era influenciada pelo irmão Luan, respondeu sem meias palavras:

— Acho que precisamos resolver esta situação de uma vez por todas. Façamos o seguinte: eu o espero na próxima sexta, às vinte horas, em minha casa, para termos uma conversa definitiva.

— Está bem, acho correto. Estarei lá às vinte horas em ponto.

Após combinarem o encontro, Zilda partiu, porém algo iria acontecer, que obrigaria o rapaz fazer a escolha mais importante de sua vida até aquele momento. Algumas horas depois, o telefone toca. Com uma voz sedutora, Caia diz:

— Maxwell, tenho um convite a fazer e já lhe adianto que não aceito *não* como resposta. Preparei um jantar para nós em minha casa, pois estou muito grata a você pelo que fez por mim. Eu o aguardo às vinte horas. Até lá... Beijinhos...

Ele nada pôde dizer. Permaneceu estático, e agora tinha em suas mãos um grande problema.

Quando chegou a sexta-feira, o irmão Luan recebeu a visita do irmão Lúcio, que, após os cumprimentos, lhe disse:

— O momento é grave. Pela programação feita no Plano Espiritual, a esta altura, Max já deveria ter casado com Zilda. Isto lhe daria um melhor equilíbrio, pois logo vir iam os filhos e o quadro se modificaria, mas as coisas estão tomando um rumo perigoso. A fragilidade moral dele faz com que seja muito influenciável por indivíduos semelhantes, como o Pastor Cireu e agora Caia.

— O que faremos? - indagou o Irmão Luan.

— Tenho orientações do Plano Superior para tentarmos evitar ao máximo esse encontro dele com Caia, porque, se isso acontecer, não poderemos permanecer mais junto dele, tentando auxiliá-lo. Precisamos também respeitar-lhe o livre-arbítrio. O que faremos será simplesmente tentar inspirá-lo a ir ao encontro de Zilda, mas, se ele não o quiser, nada poderemos fazer.

Quando estavam nesse diálogo, algo surpreendente aconteceu: adentrou pela porta da sala o espírito de Ésfio, porém com o semblante modificado, mais lúcido. Ao vê-lo, Lúcio disse:

— Ésfio, que surpresa! Você por aqui...

— Ora, bom amigo, não precisa disfarçar. Sei agora todos os problemas que causei e quero pedir desculpas, principalmente a este irmão - apontando Luan -, por todo o mal que pratiquei em nome de uma vingança. Depois de reencontrar minha mãe e ouvir seu pedido de perdão, a minha vida não foi a mesma. Por algum tempo, permaneci a vagar de um lado para o outro. Aquelas palavras de minha mãe tinham me tocado de alguma forma. Mas eu ainda não conseguia me desligar “dele”. Foi quando, acidentalmente, passei por uma instituição esquisita; estava ali por curiosidade, vendo algumas pessoas sentadas de olhos fechados. Senti que algo estranho me puxou para junto de uma pessoa que eu não conhecia. Foi quando vi minha mãe de novo e ela me disse que era um médium e que eu poderia falar.

Não sei por que me senti confortável. Por alguns instantes, era como se eu tivesse meu corpo de volta.

Lúcio e Luan permaneciam no mais absoluto silêncio, aguardando o desfecho daquele caso, enquanto o novo Ésfio continuava:

— Então, falei da minha dor para um homem, que me consolou de tal forma, não só com suas palavras, mas principalmente com seu amor, me desarmando totalmente dos sentimentos de ódio e rancor. Após aquele diálogo, que até agora não entendi bem como ocorreu, sinto-me diferente. Minha mãe me aguarda, disse-me que necessito de um hospital e eu concordo: muitas vezes, sou tomado de um mal-estar e acabo desmaiando, vindo a acordar muito tempo depois. Acho que é o peso dos meus pecados.

Então, contemplando Max, Ésfio se aproximou e uma cena emocionante se desenhou, quando as lágrimas tomaram conta de sua face e ele, abraçando espiritualmente Max, disse:

— Ah! Meu pai, não precisava ter sido assim. Eu lhe daria tantas alegrias! Teria sido seu companheiro! Agora, meu pai, teremos que esperar para um dia, no futuro, nos encontrarmos de novo. Gostaria de dizer que o amo, mas, se eu o fizesse, estaria mentindo, pois não consigo amá-lo, mas também não consigo mais odiá-lo. Então, lhe digo apenas adeus...

A cena era comovente. Eis quando se aproximou Meg, dizendo-nos:

— Irmãos, eu consegui! Libertei meu filho do ódio. Venha, meu querido.

E, abraçando-o, ambos se retiraram do ambiente. Antes, porém, Meg se dirigiu a Luan, dizendo:

— Espero que vocês consigam. Estarei orando por todos e principalmente por Max, pobre Max! Espero que desperte. Adeus!

Por alguns instantes, o silêncio se fazia necessário para a devida reflexão das bênçãos recebidas, na intimidade de um lar no qual o seu morador, nem de longe, podia supor o que havia acabado de ocorrer.

Quantos dramas não são amenizados nessas reuniões definidas de desobsessão! Provavelmente, naquela reunião mediúnica, ninguém conhecia Ésfio, mas, através da caridade anônima e sincera, que não pergunta nomes ou endereços, mais uma alma foi socorrida.

Que Jesus abençoe essas reuniões de homens e mulheres anônimos que, em pequenas salas, geralmente muito humildes, acabam por se tornar bênçãos de luz, espargindo amor num raio de quilômetros. Desejamos sinceramente que nossos irmãos na carne, urgentemente, se **organizem, valorizem** e principalmente **aprendam** com essas reuniões de caridade.

O ambiente, até aquele momento, era de extrema paz, realidade que começou a modificar-se através de pensamentos perturbadores, de Max, imaginando-se nos braços de Caia. Logo surgiram figuras estranhas de espíritos deformados e sensuais, inclusive aquele espírito perverso, líder da falsa igreja. A cena traduzia a antiga crença da batalha entre o Bem e o Mal. De um lado, Lúcio e Luan; de outro, os espíritos escravizados pelo vício, não propriamente maus, mas, sim, ignorantes em relação às leis de amor divulgadas por Jesus. E no meio, como senhor absoluto de suas ações, estava Max. O irmão Lúcio se limitou apenas a, intuitivamente, se recordar do compromisso marcado com Zilda. Quando Maxwell se lembrou, começou a ficar em dúvida quanto a qual compromisso deveria ir. Enquanto pensava, os espíritos ali presentes diziam em tom irônico:

— Desistam, ele já é nosso! Não conseguirão! Saiam daqui. Os irmãos Lúcio e Luan, em momento algum, tentaram convencer aqueles espíritos a se retirarem. Afinal, eles

também tinham livre-arbítrio e, se estavam ali, é porque Max os havia atraído mentalmente.

O moço saiu sem muita certeza de onde iria. Quando chegou à esquina na qual teria que obrigatoriamente escolher o caminho que tomaria (Zilda ou Caia), depois de pensar por alguns minutos e assimilar parcialmente a intuição dos espíritos perturbadores, infelizmente optou por Caia e seguiu seu destino.

O irmão Luan, algo decepcionado, pergunta a Lúcio;

— Irmão, até que ponto podemos responsabilizar Max por sua decisão, já que havia tantas mentes perturbadas o influenciando?

— Caro amigo, Deus é tão sábio, que em momento algum obriga o homem a nada. Somos livres para pensar, falar e agir. Você observa muito bem a influência negativa de nossos irmãos, porém esquece-se por acaso das dádivas recebidas por ele?

Deus permitiu, como permite a todos os encarnados, que Max tivesse você, um amigo constante para inspirá-lo; permitiu que ele tivesse contato com o Espiritismo; permitiu que uma vez mais Zímbia estivesse em seu caminho para ajudá-lo e se, mesmo assim, ele prefere esse caminho, não há a menor dúvida: a responsabilidade é toda dele.

Assim como ocorre com todos na Terra, o espírito encarnado tem por hábito, como uma fuga, querer responsabilizar os outros pelas suas tragédias. Pura ilusão! É verdade que em uma tragédia moral sempre haverá os atores coadjuvantes, entretanto, nessa peça teatral que é a vida, seremos sempre os atores principais, ou seja, a responsabilidade é sempre nossa, nunca dos outros.

Mas vamos acompanhar Maxwell. As coisas ainda não estão totalmente perdidas. Se pudermos evitar, através da inspiração, a intimidade mediante a comunhão sexual dos dois, o que, aliás, é o que pretendem, conseguiremos evitar o pior.

Pouco tempo depois, os dois jantavam à luz de velas, num ambiente sedutor, tudo cuidadosamente preparado por Caia; tudo era um convite à irresponsabilidade daqueles que não conseguem discernir entre prazer carnal e amor verdadeiro.

O irmão Lúcio, preocupado, diz a Luan:

— Se o ato sexual for consumado, não poderemos fazer mais nada. Nosso pupilo estará alterando definitiva e irreversivelmente sua situação.

— Mas por que diz isso, Lúcio? Haverá algo a mais de que não tenho conhecimento?

De uma forma melancólica, respondeu o abnegado instrutor:

— Há, meu amigo. Quando fui informado das dificuldades que passava nosso irmão, antes de vir ajudá-lo, procurei me informar detalhadamente sobre Caia e o que descobri é algo muito triste. A vida de promiscuidade por que nossa irmã optou fez com que ela, há alguns anos, contraísse uma doença das mais graves.

— Meu Deus! Essa doença é contagiosa? Ela sabe que está doente?

Lúcio, guardando a serenidade que lhe era peculiar, explicou toda a situação ao irmão Luan:

— A situação é muito mais grave. A doença que ela tem, além de ser transmissível pelo ato sexual, é incurável. A Ciência descobriu esse vírus há pouco tempo: o HIV, e dificilmente, em breve decurso de tempo, encontrará a vacina para erradicar tal vírus.

— Você está me dizendo que ela tem... ?

— Sim, meu amigo, Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida. Ela tem AIDS! E isso significa que, levando em consideração os méritos não adquiridos de Max e a irresponsabilidade dos dois, que com certeza não tomarão os cuidados necessários, poderemos prever o que virá acontecer.

Por algum tempo, Luan ficou atordoado com a notícia. Depois, já refeito, iniciaram

um processo de influência positiva, no intuito de demovê-los da intenção que haviam planejado. Porém, tudo em vão: os dois começavam a trocar carícias libidinosas e se encaminhavam para a alcova de Caia.

Quase que sem claridade alguma, os dois passaram a atitude em si... O restante dispensa comentários.

Foi uma noite infeliz. Se as pessoas tivessem uma idéia mais real do que é a felicidade, não errariam tanto. Para Maxwell, havia sido simplesmente uma noite de prazer e alegria, porém a realidade era outra bem diferente. Dali em diante, não havia mais uma programação, tudo era um imenso ponto de interrogação.

O que fazia Zímbia, sendo abandonada duas vezes?

O que fazia Caia, agora que havia conseguido

o seu “troféu”?

O que fazia Maxwell, já que tinha se distanciado totalmente dos planos que ele mesmo havia concordado em cumprir?

O silêncio, caso fosse sonoro, enquanto os dois dormiam, era ensurdecedor.

O irmão Lúcio, com o intuito de esclarecer, quebrou o silêncio, dizendo:

— Irmão Luan, preciso partir. Tenho outras tarefas a realizar. Não se sinta culpado: fizemos o possível, mas não se esqueça de que não poderemos jamais carregar alguém nos ombros. Vamos aguardar os próximos acontecimentos. Poderá sempre contar comigo.

Luan respeitosamente agradeceu, e Lúcio partiu para a Colônia, da qual era colaborador de grande valor.

CAPÍTULO X Triste Colheita

Com o passar dos dias, Caia manteve-se relacionando com Maxwell. Visitas noturnas eram rotineiras. Zilda, por sua vez, tomou a iniciativa de conversar com seu grande amor, já que ele, além de não comparecer ao compromisso, simplesmente não havia dado mais notícias. Foi ela à tal igreja da qual o pretense namorado cuidava e, após algumas palavras com o Pastor Cireu, foi levada até o jovem pregador:

— O que aconteceu, Maxwell? Pensei até que havia acontecido algo ruim com você, pois desapareceu. Sua mãe não está bem e sempre chama por você.

Ele achou melhor colocar um fim naquele romance que mal havia começado e, sem saber que desprezava um espírito que lhe tinha verdadeiro carinho e poderia ajudá-lo muito, disse:

— Tenho trabalhado muito... São orações, atender o povo, sabe como é. Mas foi muito bom

que você me procurasse. Ouça: eu pensei muito e cheguei à conclusão de que não a amo o bastante. É melhor nos afastarmos em definitivo.

Maxwell, sem nenhum tato psicológico, ia atirando as palavras que representavam pedras a atingir aquela pobre moça.

— Além do mais, conheci uma outra pessoa. Estamos muito bem. Ela já me deu provas de seu amor... Você sabe o que quero dizer... pois nunca permitiu maior intimidade entre nós.

Chocada, a moça tentava dialogar:

— Prova de amor? É isso que você considera prova?! Que bobagem está dizendo? O amor, nós o provamos na convivência, enfrentando os problemas do dia-a-dia.

— Não acho. Estou feliz. Sei o que estou dizendo. Você é legal, mas não tem ambição

e isso é um defeito grave. Agora, se me der licença, preciso estudar os textos bíblicos.

As palavras do rapaz haviam sido duras e, naquele momento, demonstravam que o pouco tempo em que viveu na seara espírita não foi suficiente para amolecer seu coração. Aquele não parecia ser o Maxwell que ela conhecera: tratava-se de um homem ambicioso que vendia a palavra de Deus a alto preço.

Porém, como tudo na vida tem uma conse-quência, o espírito líder daquele templo, observando que já havia uma pequena multidão acompanhando os passos do Pastor Cireu e de Maxwell, decidiu colocar em andamento a segunda fase dos seus planos. Afinal, o seu desejo era desestruturar os líderes religiosos, causando a descrença em seus seguidores. O que ninguém sabia, nem mesmo Maxwell, é que o Pastor Cireu não havia acumulado tanto dinheiro tão-somente das doações dos fiéis: havia algo de ilícito que acontecia nos bastidores dos templos que eram de responsabilidades dele. Pois Cireu, em nome de uma ambição desmedida, transformara-se em marionete daquele espírito e desceu tão baixo quanto um homem pode descer. O tráfico de drogas fazia, na verdade, sua fortuna. A igreja pela qual Maxwell era responsável, no fundo, era uma fachada para o crime nefasto daqueles que semeiam a dor nos lares, apossando-se, sem pedir licença, de nossos jovens. As autoridades desde muito observavam o enriquecimento rápido do Pastor e, desde algum tempo, haviam infiltrado agentes policiais nas reuniões da igreja. Ou seja, tudo aquilo era um barril de pólvora prestes a acender e explodir, ferindo moralmente todos os envolvidos direta e indiretamente, que era o caso de Maxwell, que realmente desconhecia tais atividades do superior.

E necessário que entendamos que os espíritos desencarnados não têm superpoderes de “fazer as coisas acontecerem”. O que aconteceu é que, à medida que nos afinizamos com este ou aquele espírito, acabamos por assimilar seus pensamentos de tal forma, que estes pensamentos, depois de um tempo, se confundem com os nossos. Claro, falamos de espíritos inferiorizados. Os bons apenas inspiram-nos, enquanto que os mais apegados à matéria respiram em unísono com sua vítima. É o que chamaríamos de *obsessão amigável*.

Nenhum ser encarnado ou desencarnado pode destruir alguém, moralmente falando; portanto, o nosso pior inimigo somos nós mesmos. Aquele espírito que aparentemente tinha um poder sobre Maxwell, na verdade, tinha um poder ilusório: ele apenas se aproveitava da invigilância e das tendências inferiores de ambos.

Tudo aconteceu numa noite de pregações: enquanto Maxwell exaltava, digamos, seus próprios interesses, os policiais invadiam a casa do Pastor, descobrindo ali provas suficientes para indiciá-lo por tráfico de drogas. Minutos depois, os policiais adentravam a igreja aos berros, dando voz de prisão ao Pastor. A princípio, tentou negar tudo, entretanto os fatos eram incontestáveis. Os policiais também deram uma “batida” na residência de Maxwell e, como nada encontraram, não o conduziram à prisão. O que não aconteceu com Cireu e mais cinco pastores. Todos, na verdade, eram hábeis traficantes escondidos em ternos caros, disfarçando a realidade com uma Bíblia debaixo do braço. Apesar da inocência de Maxwell naquele caso, pairavam dúvidas a respeito de sua honestidade por parte dos fiéis. A igreja havia se desmantelado. Em pouco tempo, o acontecimento já havia chegado ao conhecimento de muitos. Os comentários por parte dos ex-freqüentadores eram semelhantes:

— (...) esses religiosos são todos enganadores
- diziam alguns.

— (...) dizem ser representantes de Deus, mas são mesmo mentirosos que nos enganam -diziam outros.

— (...) nunca mais irei a um templo religioso

- diziam ainda os mais pessimistas.

No dia seguinte, os jornais noticiavam o escândalo. O nome de Maxwell era citado como suspeito de estar envolvido no “esquema”. Tal fato causou grande impacto em sua mãe, que necessitou ser levada com urgência para o hospital, onde permaneceu internada por alguns dias.

O rapaz estava totalmente perdido; a igreja havia sido interditada, até porque também, mesmo que não tivesse ocorrido tal fato, nada adiantaria, pois não havia mais nenhum fiel interessado em participar daquelas reuniões. Max era apontado na rua como um criminoso. Tomado de desespero, decidiu procurar o seu “grande amor”, coisa que até o momento não havia feito para não prejudicá-la.

Então, veio a segunda surpresa para ele. Após ir várias vezes à casa de Caia e não encontrá-la, recebeu pelo correio uma carta surpreendente de sua amada, que dizia assim;

“Caro Maxwell, mediante os últimos acontecimentos, decidi viajar para respirar outros ares. Espero que você não tenha levado muito a sério nosso breve relacionamento. No fundo, sou uma mulher que gosta de aventuras perigosas e você foi mais uma aventura. Espero que tenha a mesma visão. Estou bem, não se preocupe. Acredito que conseguirá sair da enrascada em que se meteu. Seja feliz e adeus!”

A impressão que temos é de que às vezes pagamos imediatamente pelos erros cometidos. Naquele momento, a pessoa que veio à mente de Maxwell foi Zilda, não bem a figura de Zilda, mas o que ele havia feito com ela de forma fria e cruel, e agora, num momento tão difícil de sua vida, era simplesmente descartado através de uma carta. O pior é que, nas linhas que acabara de ler, de fato, não percebia por parte de Caia nenhum tipo de sentimento amoroso em relação à sua pessoa.

Talvez tenha sido só neste momento que ele se deu conta da índole daquela mulher, mas, como quase sempre acontece, agora era tarde para arrependimentos.

Então, decidiu procurar o velho e bom amigo Jonas, diretor da instituição na qual se iniciou no Espiritismo. Quando se deteve no portão de entrada do centro, lembrou-se de que ali havia freqüentado as aulas de evangelização infantil, ali, ainda quando era quase uma criança, também se iniciou no campo da oratória, que durou tão pouco, e ah, naquele lugar, foi onde conheceu Zilda. Foi uma série de recordações a desfilar em sua mente desequilibrada. Adentrou e dirigiu-se para o galpão da sopa, local que conhecia muito bem.

Podê ver Jonas ofertando os últimos pratos aos famintos de corpo. Pouco tempo depois, à sombra de bela mangueira, sentado em um banco de madeira, recebeu uma mensagem das mãos de uma criança que brincava por ali. Enquanto lia o texto, que falava de esperança, Jonas se aproximou, sorridente como de hábito, e brincou:

— Que bons ventos o trazem aqui, meu filho?

— Olá, Sr. Jonas! Apenas gostaria de conversar um pouco. Tenho passado por muitas dificuldades, como o senhor deve saber.

— Eu o estimo muito Maxwell! Nunca deixei de orar por você no centro. Quando nos abandonou, sem sequer despedir-se de mim, fiquei demasiadamente triste e roguei aos bons espíritos que o ajudassem. Me desculpe a colocação: você ainda acredita em espíritos, não é?!

A pergunta de Jonas tinha um sentido especial. Ele queria saber se o que movia o rapaz era um interesse material que o fazia mentir e fingir que não acreditava em espíritos ou se ele havia passado por alguma espécie de lavagem cerebral e se tornado um fanático religioso. Então, Maxwell respondeu:

— Ah! Bom amigo, nunca deixei de crer nos espíritos amigos. Tenho a convicção de

que foram eles que, através de mim, que era um instrumento mediúnico, fizeram aquelas poucas palestras, quando ainda era espírita e médium.

— Médium, você continua sendo. Apenas se afastou do rebanho pertencente a Jesus. Todavia, os equívocos fazem parte da vida. Não desanime! Você é jovem, tem toda uma vida pela frente. Sua inocência será provada e tudo acabará bem. Vamos juntos fazer uma visita à sua mãe?

— Sim, há tempos que não a vejo.

Os dois tomaram o caminho da antiga casa de Maxwell, quando na trajetória que era relativamente curta, tiveram uma surpresa: eles cruzaram com Zilda que, às pressas, tomava o caminho da faculdade, já que era extremamente estudiosa. Sob o impacto daquele encontro inesperado, ambos se limitaram apenas a um *olá* e nada mais. Ao chegarem à casa da Sr a. Elizabete, o filho ficou abatido ao ver sua mãe naquele estado, completamente debilitada devido a uma problemática cardíaca; estava muito magra e cansada, mas sem perder a fé, que era sua marca.

Após chorar muito ao ver o filho, pediu-lhe que retornasse para casa e lhe fizesse companhia. O jovem, surpreso com o convite, prometeu pensar, e ali mesmo, por mais de uma hora, dialogou com Jonas, recebendo vários conselhos, entre eles o pedido para que voltasse a frequentar o centro. O antigo discípulo também prometeu pensar no assunto. Com o adiantado da hora, despediu-se e partiu.

Maxwell, estava confuso. Ao mesmo tempo que sentia saudades dos antigos amigos, de Zilda e de sua mãe, que no momento precisava tanto dele, pensava também que havia chegado tão longe para nada! Depois de ter uma casa melhor, toda equipada, um carro, boas roupas, o prestígio do público como líder religioso, voltar seria uma vergonha; seria o mesmo que recomeçar da estaca zero. Não poderia fazer isso, mas também como se manter financeiramente com o fechamento da falsa igreja?

É incrível e quase inacreditável como as pessoas não se agarram às chances que a vida oferece. Tudo aquilo havia sido uma lição, um duro aprendizado para ele. Mas, na sua visão míope causada pelo orgulho e ambição, enxergava apenas ser uma vergonha recomeçar.

Os meses se sucederam e o pouco de dinheiro que havia economizado teve que gastar com advogados para provar sua inocência. Todos os pastores, inclusive Cireu continuaram presos.

O espírito líder da igreja já não precisava mais dele, também tinha partido para outro núcleo religioso, desta vez uma grande casa espírita do Estado de São Paulo, local este que, segundo as informações recebidas, estava se contaminando com o vírus da vaidade e da ditadura disfarçada de disciplina.

Maxwell estava só consigo mesmo. Então uma idéia lhe veio à mente. Talvez a saída fosse essa: voltar ao Espiritismo, mas fazer um Espiritismo à sua maneira. Afinal, a Doutrina Espírita estava crescendo assustadoramente; bastava observar as perseguições dos padres. Começaria de forma simples lá mesmo no bairro onde sua mãe morava.

O fato de ela ser uma mulher respeitada e admirada por todos facilitaria sua ação.

Ele mudou-se para seu antigo lar e, depois de algum tempo, deu início ao seu plano: convenceu a mãe de que, como ela não tinha mais condições de se dirigir até o centro, deveriam começar a fazer reuniões ali mesmo, transformando o lar em local de atividades espíritas. A mãe relutou em aceitar tal absurdo, mas, com a saúde tão frágil, não pôde fazer nada, o filho havia adquirido grande habilidade em convencer as pessoas. Isto, somado ao seu carisma, o levaria a conseguir facilmente adeptos para sua... seita particular.

O irmão Luan que durante todo esse tempo se mantivera a distância, novamente

tentou inspirá-lo para o bom caminho, mas novamente sem sucesso. Então se afastou de seu pupilo uma vez mais.

Lembremos que os bons espíritos nunca nos abandonam, porém não podem permanecer insistindo com alguém que não os atende.

O tempo passou...

E o inevitável aconteceu! Dois anos após o retorno de Maxwell à sua antiga casa, a mãe desencarnou. Fora uma mulher valente, havia lutado bravamente, mas com a doença e o peso da idade, pouco mais de setenta nos, era impossível suportar mais. Ela engravidou quando já tinha uma certa idade e isso agravou ainda mais seu estado de saúde.

Casa Espírita de Caridade - este o nome dado à instituição fundada por Maxwell. Havia reservado um cômodo da casa para dormir e o restante usava para reuniões freqüentadas por várias pessoas que vinham de bairros nobres da cidade. A reunião era simples: as pessoas, uma por vez, apresentavam seus problemas e ele, mediu-nizado, quase sempre por espíritos irresponsáveis, dava receitas e fazia previsões de uma forma leviana, já que essas consultas eram pagas.

Muitos que reencarnam na Terra para se redimirem acabam complicando ainda mais sua situação. Era o caso de Max: de pessoa ambiciosa e irresponsável, havia se transformado em um comerciante dos dons divinos. Isso acontece com a maioria. Reencarnamos com um carma e, ao invés de exterminá-lo, arrumamos mais alguns e vamos acumulando de existência em existência erros e mais erros e ainda temos muitas vezes a coragem de perguntar: “Ó Deus! Por que sofro tanto?” Ah, meus amigos! Se a Espiritualidade fosse nos responder, nos arreperderíamos de ter perguntado.

Obviamente, as obras ali estudadas não eram as de Kardec. Ele escolhia as obras pessoalmente; claro, nenhuma que atrapalhasse seus ideais. Não podemos deixar de considerar que vez ou outra se encontravam presentes na instituição bons espíritos que vinham auxiliar pessoas que ali acorriam de boa fé, portadoras de méritos para serem atendidas e não poder iam pagar pelo erro dos outros. Maxwell tinha uma equipe que trabalhava com ele. Para os casos mais graves, prometia cirurgia espiritual. Outros médiuns também davam passividade. Um deles, talvez o único que tinha um mínimo de bom senso, era um homem de idade avançada, de nome Gino. Este trabalhador por várias vezes tentava alertar Maxwell sobre os equívocos, mas tudo em vão. Ele permanecia ali, porque havia prometido à Sra. Elizabete no leito de morte que faria de tudo para ajudar seu filho. Coisa que até o momento não havia conseguido fazer.

Zilda não participava de tais atividades; apesar das investidas de Maxwell, permanecia no seu caminho. Chorava às escondidas, mas estava se mostrando guerreira e determinada. Talvez Zilda tivesse compreendido que necessitava ser uma pessoa melhor e, mesmo que inconscientemente, cumprir com os projetos traçados no Plano Espiritual.

CAPÍTULO XI Repensando a Vida

As coisas não estavam exatamente como Maxwell queria, mas muitas coisas já havia conseguido; graças ao seu “dom”, uma grande conta bancária era uma. Ele permanecia irredutível em sua intenção de ganhar dinheiro fácil. Atendia à noite três vezes por semana, descansava durante o dia, se vestia de branco, para impressionar e, nas noites em que não havia reuniões, dava suas festinhas particulares regadas a muita bebida alcoólica.

Foi em certa madrugada de domingo que o pesadelo de Max começou. O telefone tocou às duas horas e trinta minutos. Do outro lado, era a voz de um pai desesperado:

— Quem fala, por favor?
— Aqui é Maxwell de ... - citou o nome completo.
— Sou o pai de Zilda. Por favor, me ajude! Estamos no hospital... Perderei minha filha!

O rapaz deu um pulo da cama e, pedindo calma ao pai de Zilda, anotou o endereço do hospital e saiu às pressas.

Os Benfeitores da Vida Maior já estavam trabalhando. Eis que alguém embriagado tinha perdido o controle do carro e avançado contra um barzinho onde amigos e namorados curtiam a noite.

Entre os feridos gravemente, estava Zilda, atingida em cheio pelo veículo. Havia perdido muito sangue e estava com traumatismo craniano. Os Benfeitores Espirituais auxiliavam os médicos encarnados. O irmão Luan fazia-se acompanhar de Lúcio e se mantinham à distância, pois outros espíritos amigos já cuidavam do caso. Foi então que o irmão Luan questionou:

— Mas, Lúcio, eu não me lembro de termos conversado no plano extrafísico acerca desse acidente tão grave. O que houve?

— Tudo segue seu curso, Luan. Não esqueçamos que Zilda tinha como uma de suas tarefas ajudar Maxwell, mas essa não era sua única tarefa. Sua vida não poderia girar em torno dele: ela também tem suas dificuldades pessoais para vencer.

— Mas o caso é para desencarnação?

— Ainda é cedo demais para dizer. Vamos esperar. Zilda possui alguns méritos adquiridos e isso vai pesar a seu favor.

Pouco tempo depois, o médico informava aos familiares que o quadro era delicado: ela tinha perdido muito sangue e necessitava imediatamente de uma transfusão. Imediatamente, o ex-namorado se levantou e disse:

— Eu! Eu posso! Temos o mesmo tipo de sangue. Eu doarei, Doutor.

— Muito bem! - disse o médico. — Venha comigo. Faremos os exames de rotina e colheremos o seu sangue e também o de algumas outras pessoas. Peço-lhe que nos tragam mais alguns doadores.

Os irmãos Lúcio e Luan se entreolharam demoradamente e foi o primeiro quem perguntou:

— Você sabe o que isso significa, não sabe?

O irmão Luan limitou-se apenas a dizer:

— Sei, eu sei.

Os dias que se seguiram foram tensos. Zilda esteve entre a vida e a morte. Houve uma comoção geral mas, ao fim de uma semana, a notícia tão esperada: a moça não corria mais risco de vida.

Maxwell permaneceu no hospital por dois dias consecutivos. A possibilidade de perder Zilda em definitivo havia mexido com seus sentimentos. Ele tinha prometido a si mesmo que, quando tudo aquilo passasse, pediria a mão dela em casamento. Ele tinha chegado à conclusão que ela era a mulher de sua vida e já não eram mais dois adolescentes. Aquele era o momento. Maxwell contava mais de vinte anos. Era jovem, mas já havia passado por várias experiências. O momento para ele era o de constituir uma família.

Estava decidido.

Naquela noite, algo estranho aconteceu. A reunião não se deu como de hábito. Assim que todos se sentaram ao redor da mesa, não foi Maxwell que ofereceu passividade aos espíritos para as consultas habituais, mas, sim, o Sr. Gino, que, ao concentrar-se foi

envolvido por vibrações suaves e o espírito começou a falar dirigindo-se ao dirigente, nestes termos:

— Meu filho, a hora é decisiva para sua vida. Chega de tanta ambição em busca do tesouro terreno. Busque rápido o dinheiro do amor, que nos enriquece pela eternidade.

‘Jesus nunca pediu dinheiro algum, nem favores a quem quer que fosse. Levantou “mortos”, curou leprosos, curou paralíticos sem nunca cobrar uma moeda que fosse, e Ele, meu filho, é o nosso grande guia. Não engane mais essas pobres pessoas que batem à porta desse lar, que durante tanto tempo foi um ninho de amor; entre mim e seu pai reinou um amor de nós dois por você. Pela Misericórdia de Deus, estou aqui, não porque fui boa, mas por bondade de nossos superiores. Ainda sinto dificuldades em respirar; meu desenlace foi recente, mas nada me impediria de vir aqui hoje dizer: Ame, meu filho, ame a todos; abandone essa vida de mentiras. O futuro será difícil e, se você não se modificar, nossos Benfeitores nada poderão fazer para ajudá-lo. É sua mãe que lhe pede. Se nunca me ouviu quando estava “viva”, pelo menos me ouça agora, que estou “morta”.

Não há mais tempo. Adeus, filho!”

Jamais Maxwell poderia supor que ali, onde ele enganava as pessoas, sua mãe, desencarnada havia tão pouco tempo, pudesse vir e deixar-lhe uma tal mensagem.

Ao mesmo tempo, não havia como duvidar: era de fato sua mãe. Após a comunicação, ele pediu

desculpas a todos os presentes e encerrou a reunião. Uma vez sozinho, nosso protagonista foi novamente forçado a refletir. Pensava alto, e era possível registrar seus pensamentos:

— “Meu Deus!, era minha mãe. Ela desencarnou e eu nem me importei. Eu a amava, mas o interesse em concretizar meus planos era mais importante naquele momento, e agora, assim que tem uma melhora pós-morte, a primeira atitude que tem é vir me ver. Como fui egoísta!”

Levantando-se, apanhou uma antiga foto de seu pai e uma vez mais refletiu: “Ah, meu pai! O senhor também se foi e eu nunca lhe disse que o amava.”

Era um momento difícil para o rapaz. Em tão pouco tempo de vida física e já eram tantos equívocos! Havia praticamente abandonado os pais, renegado a crença libertadora, o Espiritismo, e, seduzido pela idéia da fama e do dinheiro, foi para trás de uma tribuna expor idéias em que ele mesmo não acreditava, mas - pensava ele - as conseqüências vieram rápido. A desativação da igreja, a perda de popularidade entre os fiéis da sua seita, a perda do dinheiro que havia conseguido acumular e agora, para encerrar seu martírio, ele se deu conta de que não tinha ninguém que o amasse de verdade; seus pais tinham partido e só agora ele se dava conta dessa perda, os verdadeiros amigos haviam se afastado e... Não conseguindo mais pensar, caiu em pranto incontrolável, chorou até adormecer na sala onde se davam as reuniões.

Na verdade, o que acontecia com ele é o que acontece com todos na Terra. Chega um momento na vida de todos nós em que, movidos por uma dor muito grande, por uma emoção muito forte ou simplesmente por um despertar de consciência, temos a coragem de fazer a reforma interior, de buscar o conhecimento de nós mesmos através do autodiálogo sincero e pela decisão definitiva de mudar. No caso de Maxwell, talvez a soma dos três fatores acima mencionados tenha colaborado para aquele choque moral.

O bom Luan, aproveitando o estado emocional de seu pupilo, providenciou para que, durante o sono físico, seu espírito recebesse orientação e ainda pediu que os seus pais físicos, o Sr. Marcos e a Sr a. Elizabete, pudessem conversar com ele. É claro que no outro dia ele

não se lembraria exatamente do ocorrido, mas guardaria a lembrança de um sonho agradável com os seus pais e, inconscientemente, registraria os conselhos recebidos.

O espírito de Zilda, que, apesar do coma no corpo, permanecia lúcido e consciente, também foi levado para tratamento na esfera extrafísica.

Enquanto todos dormiam, os “anjos” do Bem trabalhavam, socorrendo a todos com a medicação do amor e da doação.

No dia seguinte, Maxwell acordou com novas idéias, ainda tinha vaga lembrança do “sonho” que tivera tido com os pais. De fato, ele tinha o desejo ardente de mudar.

Convenhamos, porém, que isso não significava muito, pois, desde antes de reencarnar, ele já tinha esse desejo de modificar-se, mas até o presente momento nunca havia passado disso: apenas uma vontade. Entendamos que a vontade de nos tornarmos melhores sem a ação e o sacrifício apenas assemelha-se a uma linda flor artificial. Temos urgência de sair do campo da teoria para a prática do Evangelho de Jesus.

Max foi ao hospital visitar Zilda, que se recuperava bem do acidente. Logo em seguida, apanhou uma fita de músicas suaves e colocou-a no aparelho; por longos minutos, ouviu as melodias e refletiu demoradamente; lembrou-se de Caia. Onde estaria ela? E o Pastor, o que estaria passando na cadeia?

Então teve a idéia de visitá-lo, com um desejo sincero de praticar a caridade. Apesar de tudo, Cireu havia se tornado um amigo ou não? Essa era a dúvida do rapaz. Precisava saber a causa de tudo aquilo. Ele tomou o ônibus e, em pouco tempo, descia na porta da cadeia, onde se encontrava o Pastor. Após a identificação natural e a revista necessária, ele foi levado a pequena sala, onde se encontrava o preso. Era um homem diferente, sem as roupas caras, abatido; havia perdido peso. Ao ver Maxwell, disse:

— Pensei que tivesse esquecido os favores que lhe fiz. Até que enfim veio me visitar. Meus advogados estão trabalhando: logo sairei daqui. Não se preocupe, meu jovem: abriremos outra igreja em outro lugar. As pessoas esquecem rápido essas coisas... Então, o que tem feito da vida?

Aquela frieza nas colocações impressionaram o moço. Ele pensava rápido: como não houvera percebido que tipo de pessoa era aquele homem? Meio sem jeito com as palavras, redargüiu:

— Muitas coisas aconteceram. Nesse tempo em que o senhor esteve preso, minha mãe morreu, e eu voltei para meu antigo lar. Tive ainda oportunidade de passar os últimos tempos com ela, antes de sua morte.

— Sinto muito por sua mãe.

O jovem, tomando coragem, disse:

— Não se preocupe: montei um pequeno posto de socorro espiritual em minha casa e ela já me deixou uma linda mensagem.

Pela lógica, o Pastor deveria explodir em cólera, considerando uma traição, porém sua reação foi diferente:

— É! Esse tal de Espiritismo vem mesmo ganhando terreno. Dizem até que pessoas da mais alta sociedade têm aderido a essa filosofia. Levando-se em consideração que você tem intimidade com essas almas do outro mundo, poderíamos fazer uma sociedade e partirmos para a Doutrina Espírita. Você vem ganhando muito?

Maxwell agora percebia quanto o Pastor Cireu era uma pessoa sem escrúpulos. Na verdade, não tinha fé em nada a não ser no dinheiro. O pior é que ele não conseguia dizer nada. Afinal de contas, não era também o que fazia? Não havia se aproximado do homem de livre e espontânea vontade? Era como se ele visse no Pastor a si mesmo, alguns anos mais

tarde. Guardando silêncio e não respondendo a pergunta, Maxwell levantou-se e saiu sem olhar para trás. A sensação era de ter perdido um grande amigo.

Naquela mesma noite, ele deu início à sua verdadeira mudança. A pequena sala estava, como de hábito, lotada de pessoas que vinham em busca da cura rápida dos seus corpos, sem a preocupação com a alma. Naquela noite, ele não se vestiu de branco. Antes de começar a falar, fez uma prece silenciosa e verdadeira.

O irmão Luan, que acompanhava todos os passos do pupilo, aproximou-se e, com certa dificuldade, procurou inspirar-lhe as palavras:

— “Meus amigos, hoje não poderemos fazer a reunião de cura, porque preciso dizer-lhes que não sou médico nem de corpos, nem de almas. Sou na verdade um perdido na vida, sem rumo certo. Tenho sido desonesto. Guardem o seu dinheiro. Jesus não precisava de dinheiro. Foi a ambição que me fez agir assim. Perdoem-me”.

Enquanto as lágrimas tomavam conta de sua face, os ouvintes permaneciam assustados com tais revelações.

Após recuperar o equilíbrio, continuou:

O irmão Jonas tentou me abrir os olhos, mas eu não o ouvi. Peço-lhes que não deixem esta casa. Aqui eu fui muito feliz. Minha mãe viveu aqui toda a sua vida, nosso amigo Jonas tem dificuldades em atender a todos que lhe batem à porta. Transformemos, então, este humilde lar em pronto socorro da Espiritualidade. Sei que não tenho condições morais para me manter na direção das atividades, mas peço ao espírita mais antigo que conheço para que ele assuma a direção dessas atividades que devem tomar um novo rumo a partir de agora. Sr. Gino por favor, seja o líder desta humilde casa, a partir de agora, verdadeiramente casa da caridade.

Com um sorriso e um aceno positivo, o Sr. Gino, aceitou a proposta de Maxwell. Ao terminar a reunião, algumas pessoas sem capacidade de perdoar e outras que estavam ali apenas em busca de orientação para suas vidas materiais se retiraram, dizendo palavras ofensivas, criando um mal-estar no ambiente. Das quase quarenta pessoas da noite, apenas doze permaneceram sentadas.

Maxwell agradeceu a cada uma o voto de confiança e se retirou para seu quarto.

O ambiente espiritual havia mudado significativamente. O irmão Luan se avistou com a Sra. Elizabete que estava ali mais uma vez, amparada por Benjamin. Outros espíritos bondosos se aproximaram e juntos fizeram uma prece de agradecimento a Deus.

Quando todos os encarnados haviam partido, o irmão Lúcio pediu que Benjamin concordasse em conversar com ele e Luan antes de sua partida, já que era raro Benjamin deixar suas atividades na Colônia para estar na Crosta. Apenas em situações excepcionais o fazia.

O Mentor concordou e ali mesmo, naquele ambiente de renovação, iniciaram o diálogo.

CAPÍTULO XII Sofrimentos Voluntários

Foi Benjamin quem iniciou o diálogo, indagando a Luan:

— Você, na condição de protetor de nosso Max, acha que ele, desta vez, está sendo sincero na sua proposta de mudança interior?

— Pelo que conheço de Max, acho que sim. Creio que se cansou da vida de vícios e ociosidade. Mas o que me preocupa no momento é outro assunto.

— Eu sei. Já fui informado do acontecimento. Em breve, ele receberá uma

correspondência do hospital, convidando-o para novos exames. Tudo inútil: ele de fato foi contaminado. Não se sabe quase nada de concreto sobre essa terrível doença. Sabe-se que é uma lesão irreversível do sistema imuno-lógico, provocada pelo vírus da classe HIV

— Foi a vez de Lúcio perguntar a Benjamin:

— Mas, pelo que nos consta, tal fato poderia ter sido evitado, não é Irmão Benjamin?

— Nossos irmãos encarnados vêm adquirindo o hábito irreal de responsabilizar o passado pelas suas dores. Ao menor sofrimento, já se ouvem colocações do tipo: que será que eu fiz na “outra”?,.. Devo ter sido um grande vilão para merecer isso... etc... São posturas que não correspondem à realidade, pois grande parte, eu diria até que a maioria das nossas dores são conseqüências da nossa invigilância atual e não do passado. Se as pessoas aprendessem a caminhar com os olhos e a alma voltados para o que é bom, se poupariam de muitos males.

— Isso quer dizer que...?

— Isso quer dizer, Lúcio, que você está certo: não havia nenhuma programação, nesse sentido; Maxwell simplesmente adquiriu para si um problema, por pura invigilância. Esse tipo de acontecimento é corriqueiro. Pessoas há que:

... Abreviam a vida em anos, graças a vícios, como as drogas, por exemplo, e não era carma.

... Antecipam a desencarnação através da irresponsabilidade automobilística, e não era carma.

... Arranjam inimigos, quando abandonam a família, somente com o desejo de “curtir” a vida.

Essas situações e tantas outras mostram quanto, geralmente, aumentamos o débito ao invés de liquidá-lo.

Disse o irmão Luan:

— Estive acompanhando os médicos. Eles suspeitaram, separaram o sangue doado por Maxwell e Zilda não recebeu o sangue contaminado.

— Ainda bem! Hoje, por desconhecimento do risco e negligência, muitos contraíram essa doença também na transfusão de sangue e não somente no ato sexual.

Novamente, Luan expôs:

— O que me preocupa é sua reação. Ele está começando a mudar, mas receio que não terá a fé necessária para suportar tal golpe.

O irmão Benjamin mas uma vez esclareceu:

— Foi uma escolha mais pessoal dele, meu amigo. Proteção e amparo ele teve o tempo todo. Aliás todos os encarnados, quando conseguem se desligar um pouco de seus interesses materiais, conseguem registrar os conselhos de seus benfeitores espirituais. O problema é que o moço estava tão determinado em ser rico, que não pôde ouvir seus conselhos. É uma pena que isso tenha acontecido. Preparemo-nos para ajudá-lo no momento em que receber a notícia.

De fato, alguns dias depois, Maxwell recebeu uma correspondência para que fosse ao hospital. Antes, porém, foi visitar Zilda: tinha urgência de conversar com ela. A jovem estava relativamente bem, havia saído do coma; tinha algumas escoriações e um braço fraturado.

Maxwell comprou um ramallete de flores e se dirigiu ao hospital. Estava feliz: era como se tivesse encontrado o caminho da paz verdadeira.

Ao adentrar, foi logo dizendo:

— Por favor, não diga nada, Zilda! Trouxe-lhe estas flores e desejo em primeiro lugar lhe pedir perdão, por eu não ter percebido a grande mulher que você é. Fui um tolo. Aliás, estive agindo como tolo desde a minha adolescência, mas minha mãe me abriu os olhos. Que

coisa! Ela precisou morrer para eu ouvi-la.

A jovem estava surpresa e, com um certo esforço, disse-lhe:

— Calma, Maxwell! Eu já quase morri, e você quer me matar agora de susto?

— Queira me desculpar, Zilda! É que estou ansioso.

— Ansioso para quê?

— Para lhe perguntar algo.

— O quê, Maxwell? Diga logo. O que é?

— Sei que nestes anos todos não construí nada, mas tenho algumas economias que consegui preservar. Você é estudiosa e esforçada. Estou procurando emprego, então... eu... eu...

— Diga, homem! Eu o quê?

— Você quer casar-se comigo?

Zilda não acreditava que ouvia aquele pedido. Havia tanto tempo, ela esperava uma declaração de amor tal. Porém, Zilda já não tinha aquela confiança cega em Maxwell e, após pensar um pouco, disse:

— Por que está fazendo isso agora?

— Porque, quando vi você entre a vida e a morte, quando vi que poderia perder você para sempre, foi que descobri que não posso viver mais sem sua presença. Por favor, fique comigo. Não precisamos casar imediatamente. Eu arrumo um trabalho primeiro, ficamos noivos agora e, quando a nossa situação melhorar, nos casamos. O que você me responde?

— Maxwell, eu preciso pensar. Gosto muito de você, mas, sinceramente, não sei. Espere eu me recuperar totalmente; aí, sim, conversaremos a respeito, está bem?

— Claro, meu bem! Até porque não tenho direito algum de pressionar você. Terei paciência, porque a amo de verdade.

Após a declaração, ele a beijou e saiu, para procurar o médico e saber do que tratava o assunto da correspondência.

O mais grave estava por vir: nem de longe o rapaz poderia supor que estivesse doente. Talvez seja este, inclusive, o grande problema da própria doença: os sintomas demoram anos para aparecerem e, a menos que os contaminados façam exames detalhados e periódicos, não há como eles saberem que são portadores do HIV

A enfermeira indicou a sala em que ele deveria aguardar o médico. Minutos depois, adentrou a sala o Dr. Nestor - um excelente médico, de grande sensibilidade, homem de traços suaves, cabelos grisalhos, aparentando 50 anos. Entendendo a gravidade do assunto, fez alguns rodeios, perguntou sobre a família do rapaz, até que, de forma hábil, começou a falar da doença em si:

— Meu jovem, deve estar informado sobre uma doença que tem se expandido rapidamente, não só no Brasil, mas em muitos outros países. O panorama mundial é deveras preocupante, e... você... bem...

Interrompendo-o, Maxwell, disse:

— Doutor, o que o senhor está realmente querendo dizer?

O médico olhou nos olhos do consulente, com o resultado do exame nas mãos e, tentando consolar, disse:

— Meu jovem, não sejamos precipitados. É apenas um exame. Poderemos estar errados. Já aconteceu de...

— O senhor está me dizendo que eu tenho essa maldita doença?

— Acalme-se, meu filho! O desespero não irá ajudar em nada.

O rapaz parecia não ouvir mais a voz do médico. Ficou - como era de se esperar -

transtornado. Num acesso de cólera, agarrou o médico pelo jaleco e, gritando, em total desequilíbrio, externava-se:

— Mentira! O senhor é um mentiroso! Isso não pode acontecer comigo! Não agora! Olhe para mim, Doutor! Sou jovem, tenho toda uma vida pela frente! O senhor é louco!!!

O médico, a poder de muito esforço, conseguiu se libertar da fúria descontrolada do jovem e, tentando contornar a situação, disse, agora, num tom mais severo:

— Silêncio, por favor! Isto é um hospital. Contenha-se, por favor. Sente-se. Vamos conversar.

O irmão Luan, que acompanhava tudo em presença de Lúcio, disse:

— Eu não esperava uma reação assim, tão desesperada, apesar da gravidade do caso. Afinal, nosso irmão é espírita.

Lúcio, talvez tentando amenizar o ambiente, disse:

— Você que dizer *aprendiz de espírita*, não?

— Como assim? - questionou Luan.

— Ora, existe uma grande distância entre conhecer e ter consciência das virtudes que precisamos adquirir, até tê-las de fato. É muito bonito fazermos grandes discursos ressaltando a necessidade da fé, da resignação e da esperança, porém é essencial saber se quem é bom na teoria também o é na prática. Vamos esperar. Sob o impacto da notícia, era de esperar que ele agisse dessa forma. Deixemos que ele possa “digerir” o que acabou de saber, para depois vermos quais serão suas atitudes. Aguardemos e oremos por ele.

Foi num pequeno bar, freqüentado por indivíduos que não conseguiram ainda se libertar do vício - no corpo e fora dele - que Maxwell foi afogar suas mágoas. É compreensível o fato de determinados problemas nos abalarem emocionalmente, entretanto há urgência em compreendermos que fugir para os vícios apenas consegue adiar o momento de enfrentar os problemas. É comum, na Terra, custar-se a entender que os problemas são obstáculos a serem superados, e tenham a certeza de que, se não fossem as dores e os problemas, o atraso tomaria muitos séculos. Não que façamos apologia ao sofrimento, porém é inegável que, em muitas situações de verdadeira “apatia espiritual”, somente a dor impulsiona ao crescimento espiritual.

O moço permaneceu no bar por horas. Depois, totalmente embriagado, foi para casa. Adentrou o corredor que dava no seu quarto, aos fundos da casa, já que os cômodos da frente, por ato dele mesmo, formavam as dependências da “Casa da Caridade”. A noite foi de insônia e mal-estar -natural, depois da quantidade de bebida alcoólica ingerida.

Quando amanheceu, ele, sentindo fortes dores de cabeça, com muito esforço, conseguiu tomar um banho. Isso fez que seu aspecto melhorasse, mas as olheiras demonstravam a noite má que tivera.

Um pouco mais lúcido, olhando-se no espelho, dizia em voz alta, como se estivesse a dialogar com Deus:

— Por que, meu Pai, fizeste isso comigo? Sei que amas teus filhos, mas por que isso? Agora que eu havia percebido meus equívocos e estava a renegá-los, doeí até parte de minha casa para que os irmãos pusessem em prática o verdadeiro trabalho no Bem... por que, meu Deus? Responde-me! !!

No íntimo, ele sabia por que estava sofrendo, pois havia sido alertado sobre as armadilhas da vida - alerta que se deu antes e depois da sua reencarnação. Mas assim age a maioria dos encarnados -infelizmente preferem ignorar aquela voz suave, soprada aos nossos ouvidos, sempre que estamos em perigo, dizendo: “Não vá... Não faça isso... Ore...” porém fingimos não ouvir para lamentarmos depois. Maxwell, de fato, não podia culpar ninguém,

pois recebeu como herança de seus pais o maior tesouro que alguém pode legar aos filhos: os bons exemplos.

Zímbia, a abandonada de outrora, reapareceu na figura de Zilda, dando-lhe a chance de ressarcir o erro através do amor, mas ele não quis. E agora que a deseja como esposa, vê seu sonho se desfazer diante de um pedaço de papel, contendo uma palavra: *positivo*.

O bom Luan envolveu-o em vibrações de paz e isso fez com que se acalmasse um pouco. Nos dias seguintes, ele se isolou de todos. Algum pouco de dinheiro deixado por sua mãe evitava que ele passasse por necessidades básicas.

Zilda, que se recuperava no hospital, sentiu a ausência de Maxwell. Por que - pensava ela - depois de fazer uma declaração de amor tão comovente, havia desaparecido?

A moça começava a pensar na hipótese de ele ter se arrependido do pedido de casamento, mas a ela cabia aguardar.

Na semana seguinte, Zilda recebeu alta do hospital e, antes de ir para casa, pediu a um grande amigo do hospital que a levasse para ver Maxwell. O amigo, atendendo o pedido, deixou-a na porta de entrada da casa e, porque ela chamasse por várias vezes sem obter resposta, decidiu entrar.

Alguns metros distante da porta, estava Maxwell. Ela levou um susto ao vê-lo.

Algumas garrafas de bebida jogadas ao chão, e o rapaz desacordado ao lado, evidenciando a embriaguez levada às últimas conseqüências. Após ter recorrido a Jonas, que veio imediatamente, o jovem foi colocado na cama. Zilda, muito preocupada, disse ao amigo Jonas:

— Não sei o que tem acontecido com ele. Até outro dia, era amoroso, uma pessoa transformada! Procurou-me fazendo juras de amor, mas, de repente, se afastou de mim e agora... isso! Ele sempre gostou de uma bebida, eu sei, mas francamente nunca o vi assim, desgovernado e fora de si!

Jonas, pessoa de bom coração, disse-lhe:

— Também não entendo este rapaz. Conheço-o desde bebê. As primeiras vezes que a senhora Elizabete o levou ao centro, pensei comigo mesmo que seria um excelente espírita, pois com aqueles pais e o respaldo da Doutrina... mas, assim que se tornou adolescente, começaram os problemas.

— Mas ele estava mudando. O senhor não acha?

— Sem dúvida, mas também já não era sem tempo. Após a experiência trágica com aquele pastor e uma tentativa de transformar o centro em ganha-pão material, era visível seu arrependimento. Gino, um homem de grande experiência no campo

mediúcnico e muito amigo meu, me disse que uma comunicação mediúcnica da Sra. Elizabete foi decisiva para a mudança de Maxwell.

— Mas, então, se estava tudo tão bem, por que isso?

— Minha filha, só há um jeito de saber: perguntando a ele. Vamos para casa. Amanhã, quando o efeito da bebida tiver passado, acho que você deve conversar com ele. Aliás, pelo que sei, espera uma resposta sua, não?

— É verdade, e eu já me decidi: amanhã, virei falar com ele. Terá a minha resposta.

— Se precisar de algo, bastará me procurar.

— Obrigado, Sr. Jonas, e até logo.

— Até logo, filha!

CAPÍTULO XIII Triste Realidade

Maxwell havia desistido de viver.

Muitas pessoas têm essa ilusão: a de que podem deixar de viver. Mas não podem, porque Deus criou a vida, e a morte é mera ilusão.

O espírito encarnado precisa modificar sua visão sobre a vida. A maioria das pessoas acredita que viver é o mais importante, porém, a partir do momento que temos contato com a realidade, que nos mostra a impossibilidade de deixarmos de existir, ensinando-nos que a única diferença é que ora estaremos no corpo, ora fora dele, mas vivos estaremos sempre, o mais importante deixa de ser simplesmente viver, mas, sim, viver bem, viver feliz, viver cumprindo com a lei de amor ensinada por Jesus. Frente aos desafios da existência, nos trancarmos no quarto, nos isolarmos do mundo, desejarmos morrer são atitudes que apenas adiam a nossa felicidade, e não nos ajudam em nada. Coragem para enfrentarmos de cabeça erguida os embates, eis o que geralmente nos tem faltado.

No outro dia, bem cedo, Zilda foi à casa de Maxwell.

Ele a recebeu sem muito entusiasmo, mas ela, com o intuito de alegrá-lo e até para descobrir a verdade, disse:

— Bom-dia! Estive aqui ontem, mas acho que você não me viu. Então voltei hoje, para dizer a você que estou terminando meus estudos, tenho algumas ofertas de trabalho, e se você conseguir um emprego e, quem sabe, voltar aos estudos, a resposta será sim, aceitarei casar-me com você.

Um silêncio tomou conta do ambiente. Ele, não sabia o que dizer, não queria contar a ela sobre sua tragédia íntima, mas também não poderia simplesmente dizer que não queria mais aquela união. Ele ficou pálido, começou a tremer, então Zilda insistiu:

— Maxwell, o que está acontecendo? Por favor, diga-me... Fale alguma coisa! Por que se afastou de repente? Por que tem se entregado ao vício desse jeito? Por que se afastou em definitivo do trabalho no centro?

Tomado por um choro incontrolável e caindo de joelhos diante da jovem assustada, pediu:

— Por favor, me deixe sozinho... Não posso, não quero falar!... vá embora, Zilda... Por favor, me deixe!

— Max, não faça isso comigo. Eu o amo. Conte-me, qual o problema? Talvez eu possa ajudá-lo.

— Ninguém pode me ajudar. Nem você! Eu também a amo, mas não a mereço. Esqueça-me!

— Não saio daqui, enquanto não me contar o que está acontecendo.

— Então, saio eu. Dê-me licença.

Dizendo isso, retirou-se, saindo para a rua, deixando Zilda arrasada e confusa.

Enquanto isso, não longe dali, num posto de socorro espiritual...

— Olá, irmão Lúcio!

— Olá, irmão Luan!

— Ela já chegou? - perguntou Lúcio.

— Sim, está aqui. Vamos vê-la.

Em pequeno jardim localizado no plano extra-físico, uma cópia perfeita do jardim pertencente à instituição espírita dirigida por Jonas, estava Elizabete. Após os cumprimentos,

um tanto aflita, indagou a Luan:

— Então, meu irmão, como está meu filho?

Luan, procurando não esconder nada daquela mãe aflita, resumiu:

— Estamos fazendo o possível, mas o que eu temia já está acontecendo. Mesmo com o conhecimento do Espiritismo e o conhecimento de que a morte não é o fim, Maxwell vem alimentando a idéia de suicídio.

— Mas como?! Ele sabe que isso é absurdo!

— Por favor, expliquem-me, como pode alguém que já falou tanto sobre Deus e a esperança na vida, alguém que sempre pregou a imortalidade pensar nisso?

Agora foi a vez de Lúcio falar:

— Minha irmã, não é tão absurdo assim, Vejamos: muitos sabem da importância da caridade, mas poucos realmente a praticam...

“Muitos sabem que os bens terrenos são passageiros, mas poucos conseguem o devido desprendimento desses bens...”

“Muitos dizem ter fé em Deus, mas poucos demonstram essa fé em meio às dificuldades da vida...”

“Maxwell está atordoado, sem rumo; apesar de saber que o suicídio pode lhe trazer problemas, ele teme mais o preconceito da sociedade e a reação de Zilda. Em resumo, ele tem só duas opções: ou enfrenta a realidade ou foge através da porta falsa do suicídio.”

O irmão Luan, tomando a palavra, juntou:

—A situação tem se agravado, pois a presença de espíritos perturbadores está se tornando comum à sua volta, graças ao seu desânimo e aos lugares que tem freqüentado.

A Sr a. Elizabete voltou a questionar:

— E o que podemos fazer em seu favor?

— Minha irmã - disse Lúcio -, a pior coisa, o pior caminho, a pior decisão para ele ou para qualquer um na Terra é aniquilar a vida. A situação espiritual de Maxwell não é das melhores, como sabemos, porém o suicídio agora terá funestas conseqüências para nosso irmão. Vamos tentar de tudo. Fique tranqüila. Já estamos trabalhando nesse sentido.

— Eu entendo e agradeço por tanta dedicação a meu filho.

— Não nos agradeça: agradeçamos, todos nós, a Deus, que, em sua misericórdia, nos ampara a todos. Façamos uma prece em agradecimento.

Após a oração, a Sra Elizabete retornou ao plano espiritual, já que sua presença junto ao filho foi permitida apenas por algum tempo. Lúcio e Luan também se foram, mas permanecendo ambos atentos para novos acontecimentos.

O Sr. Gino estava conseguindo transformar de fato a Casa da Caridade em uma casa de caridade. Impôs uma disciplina severa, organizou grupos de atendimento, explicou que todos eram bem-vindos, mas ali era um pronto-socorro para as almas e que os portadores de problemas orgânicos deveriam procurar o médico em primeiro lugar. Muitos que tinham apenas o interesse de curar-se de forma rápida e sem esforço partiram em busca de outro “centro”, “mais forte”. Nesse período, Maxwell decidiu voltar ao médico.

Ele começava a ter uma nova esperança: quem sabe, como o próprio médico disse, poderia ter havido um erro e ele, na verdade, estivesse saudável. Levado por essa possibilidade, após pedir desculpas ao Dr. Nestor por sua atitude tresloucada na ocasião da notícia trágica, solicitou ajuda. O médico, habituado com tais situações, o tranqüilizou e pediu novos exames.

Alguns dias depois, de posse do resultado, o medico solicitou a presença do paciente em seu consultório. Assim, antes de abrir o exame, disse:

— Maxwell, você ainda é muito jovem. Mesmo que seu exame dê positivo novamente, quero dizer-lhe que, apesar de não haver cura para essa doença, existe um tratamento controlador e você poderá viver muito e relativamente bem.

— Doutor, eu iria casar-me e ter filhos. Sempre tive vontade de ser pai de muitos filhos, envelhecer, ser avô. Com tal doença, seja sincero, isso é possível?

— De certa forma, sim. Você poderá casar-se. A pessoa de quem você falou... já tiveram maior intimidade nesse aspecto?

— Não.

— Pois bem, se tomarem as devidas precauções, poderão ter uma vida quase normal e os filhos, sendo um risco tê-los de forma natural, você poderá adotá-los.

— Sinceramente, Doutor, eu prefiro acreditar que o exame estava errado. Por favor, abra o exame.

O médico, que uma vez mais havia sido muito feliz em suas colocações, abriu o exame e, após analisá-lo, disse com certa tristeza:

— Bem, meu filho, agora não há mais dúvida e você terá que ser forte.

— Isso quer dizer...

— Quer dizer que você realmente é portador do vírus H.I.V.

Tocado nos escaninhos da própria alma, o jovem começa a chorar, enquanto que o médico tenta consolá-lo:

— Você precisa ser forte! Converse com alguém, abra seu coração. Você acredita em Deus, não?

— Estamos de briga. Afastei-me Dele.

— Não diga isso! Tenha fé.

Servindo-se de pequeno lenço, limpou a face, levantou-se e disse:

— Adeus, Doutor...

— Prometa-me que ir ei vê-lo novamente.

— Isso realmente eu não posso prometer. Obrigado e adeus.

Havia um rio próximo à casa de Maxwell e uma pequena ponte que ligava dois bairros. Era um rio profundo e perigoso. O local tinha inúmeras placas de aviso advertindo para que ninguém nadasse ah. Ele, agora tomado pela idéia de aniquilar a vida, foi até a ponte, colocou uma das pernas do lado de fora da barra de proteção e preparou-se para jogar-se. Qualquer fato que viesse lhe acontecer seria menos doloroso do que contar às pessoas sobre sua situação.

O irmão Luan, postando-se, ao seu lado, lhe dizia sem parar, com o intuito que ele “ouvisse” suas palavras: “Não faça isso! Procure Jonas para conversar. Não faça isso, não... não...” Porém era inútil, ele não ouvia... apenas tomava coragem para jogar-se. Foi quando Luan, vendo uma senhora ao longe, que passeava sem perceber o que acontecia, foi até ela e a induziu a se aproximar. Luan lhe falava: “Vá para lá! Vá passear para lá”, até que ele conseguiu levá-la até Maxwell e, sintonizando, com aquela senhora, inspirou-a a dizer:

— Meu jovem, o que faz aí? Cuidado! Este rio é perigoso! Afaste-se!

Surpreendido, o rapaz não teve escolha, afastou-se, respirou profundamente e disse em voz baixa:

— Só pode ter sido Deus que trouxe essa mulher até aqui. Mas eu não quero enfrentar tudo isso. Me deixe morrer... Quero fugir. Mesmo que a morte não exista, me deixe morrer. E, sentado agora, sem coragem para o ato translucado, novamente chorou, até adormecer ali mesmo, em meio aos transeuntes.

A expressão *anjo da guarda*, de fato, é a melhor definição para esses verdadeiros

anjos do Bem. Se as pessoas pudessem ver, com os olhos físicos, quantas vidas são “salvas” através da inter cessão semelhante à que ocorreu com Maxwell, ficariam mais gratas à Divindade.

O que seria do homem encarnado se não fossem as vozes dos “mortos” que saem da sepultura para acordar os vivos, se não fossem as reuniões mediúnicas amenizando dores e ódios, se não fosse as mensagens do Além, os livros edificantes e a inspiração maior do grande governante terreno, Jesus Cristo?! A humanidade estaria condenada às suas próprias inferioridades e misérias. Deus, em sua bondade, permitiu esse intercâmbio entre os dois planos da vida para consolar e dar esperança à humanidade.

O irmão Luan havia apenas vencido uma batalha, não aguerria. Novamente sem forças morais, o protegido embriagou-se, voltando para casa, muito tempo depois, em estado lamentável.

Nos dias seguintes, o pobre rapaz negou-se a conversar com Jonas e também não quis receber em sua casa Zilda, aquela que ele amava e que fazia passar por tamanho sofrimento! Zilda - pensava ele - tem o direito de ser feliz com outra pessoa mais equilibrada e saudável. Espíritos oportunistas se tornaram parceiros dele, dificultando a inspiração salutar de Luan. Ao final de mais uma semana, ele estava totalmente debilitado. Seu organismo, que já tinha uma constituição frágil pelos abusos do passado, agora começava a desgastar-se ainda mais. Estava ele, além dos problemas que vivia, sendo “visitado” por forças malignas do Além, que o atingiam no estômago. Ele sempre, desde muito jovem, tinha problemas nesta área, porém agora a dor era bem mais intensa. Resistiu ao máximo, até que, um dia, sentindo uma dor muito forte, não suportou e desmaiou, sendo socorrido na rua.

Então, novamente, submeteu-se a uma bateria de exames. Quando já recuperado, se avistou uma vez mais com o Dr. Nestor, que lhe pediu uma visita ao seu consultório o mais rápido possível.

Mesmo contrariado, Maxwell acabou por ceder e foi no dia e na hora marcada.

CAPÍTULO XIV A Lei do Retorno

O irmão Luan, que o acompanhara ao consultório, se encontrou com Lúcio e ali mesmo, na sala de espera, sem que os encarnados tivessem a mínima noção do que acontecia, eles observaram os resultados dos novos exames que estavam em posse do médico. Após isso, Luan indagou:

— Então, é o que suspeitávamos?

— Sem dúvida, o mal-estar súbito do pupilo nada tem a ver com essa doença. O que acontece é que já havíamos previsto antes do retorno de Max ao corpo. O exame detectou um pequeno tumor no seu aparelho digestivo. O médico dará as explicações técnicas e as definições corretas que nos escapam à compreensão, mas, em resumo, apenas para nosso entendimento, trata-se, sim, de um problema grave ao qual o médico deverá sugerir a possibilidade de uma cirurgia.

— Meu Deus! Mais essa notícia ele não suportará. Que carma tem nosso Maxwell!

O irmão Lúcio, detentor de profundos conhecimentos sobre os mecanismos da vida, esclareceu:

— Não é bem assim, Luan. Lembremos que esse problema estomacal, de certa forma, já era esperado. Não nos esqueçamos de que, em sua última romagem terrena, Maxwell, em momento algum, valorizou ou cuidou do corpo físico; ao contrário, no uso de bebidas, cigarros e uma vida de exageros, danificou o vaso carnal, refletindo-se naturalmente em seu

perispírito, portanto ele colhe agora o resultado de sua irresponsabilidade.

“Veja como é a vida: caso ele tivesse desde cedo se interessado verdadeiramente pela sua mediunidade, tivesse se consorciado com Zilda, se afastado de pessoas como o Pastor Cireu, talvez... eu não posso afirmar... mas acredito que esse problema teria sido amenizado, pois ele teria se equilibrado sem ter a necessidade de maiores sofrimentos.

— É... eu entendo perfeitamente.

Com a intenção de finalizar concluiu:

— Não nos esqueçamos ainda de que parte, ou, para ser mais exato, a maioria dos problemas do nosso irmão, na atualidade, não estavam previstos. Nós sabemos, por exemplo, que o vírus que adquiriu foi uma consequência de sua atitude impensada, dominado pelos instintos mais primitivos.

— Mas, veremos. Ele já entrou. Esperemos para vermos sua reação.

O médico, como sempre, tomando cuidado com as palavras, disse-lhe que o exame tinha mostrado um novo problema em seu organismo, que, possivelmente, só poderia ser resolvido mediante cirurgia. Após as explicações, o paciente permaneceu em silêncio. Desta vez, não teve nenhuma reação mais agressiva. Ouviu tudo, recebeu uma receita com a medicação necessária para diminuir as dores, levantou-se e partiu.

O irmão Luan, apreensivo, disse a Lúcio:

— Você está captando seus pensamentos?

— Sim, meu irmão. Desta vez, será difícil demovê-lo da tragédia do suicídio. Ele está se dirigindo ao rio novamente. Apressemos-nos! Precisamos agir rapidamente.

Maxwell caminhava a passos largos, seguido de perto por uns espíritos perturbadores, que o incentivavam ao ato desastroso: “Vamos acabar com isso... Nada é pior que isso... Vamos! Nós o ajudaremos depois”.

Nenhum daqueles espíritos malévolos tinha alguma ligação cármica com ele: apenas eram almas infelizes que se compraziam em ver a infelicidade alheia.

Novamente, o rapaz se aproximou da ponte. A essa altura, Luan e Lúcio já estavam lá. O momento era terrível: ele estava decidido! “Afim - pensava ele - o que poderia esperar mais da vida, a não ser sofrimentos físicos e morais. É verdade, tinha errado muito, enganando pessoas, mas não estava se recuperando? Por que os bons espíritos não o alertaram sobre aquela mulher? Por que permitiram que isso acontecesse?”

Um dos maiores problemas das pessoas na Terra é sempre acreditarem que os recados, as mensagens, os conselhos dos espíritos - para aqueles que são espíritas - são sempre direcionados a um amigo, um familiar. Nunca temos a coragem de dizer a nós mesmos: “O recado é para mim. Eu preciso modificar-me.” Entre adeptos de outras filosofias religiosas, ocorre o mesmo: as orientações dos padres, pastores ou dos homens inspirados pelo Plano Superior são lindos, porém acredita-se erradamente que nós não precisamos, como se fôssemos almas perfeitas.

Como Maxwell podia duvidar do auxílio dos Benfeitores, se ele havia negligenciado a maioria dos conselhos?

Além do que, o Evangelho de Jesus é um roteiro seguro para aquele que deseje ser melhor.

Quantos não vivem em desequilíbrio, angústias e sempre pedindo: “Meu Deus, me dê uma luz!...” Esquecem que bastaria abrir o coração e a mente para os ensinamentos do Mestre e encontrariam as respostas para suas dores.

Não havia mais tempo. Desta vez - com medo de perder a coragem -, ele não parou um segundo sequer. Apenas aproximou-se e jogou-se no rio. Pessoas que estavam por perto,

percebendo o fato e, inspiradas pelo Benfeitor Luan, se jogaram, nas águas, na tentativa de salvá-lo. Porém foi inútil... As equipes de resgate foram chamadas e, depois de algumas horas de busca, veio a notícia: por incrível que parecesse, o encontraram a um quilômetro dali, rio abaixo, ainda com vida! Ele foi levado às pressas para o hospital. Por alguns dias, esteve bem perto da morte, pois, além do afogamento, na queda havia batido com a cabeça em uma pedra. Em uma das visitas a ele, Zilda encontrou por acaso o Dr. Nestor. O médico, que tinha a obrigação da ética acima de tudo em sua profissão, deixou o sentimento de compaixão falar mais alto e, após certificar-se do que Maxwell representava para Zilda, decidiu contar tudo, dizendo-lhe:

— Eu não poderia fazer isso. Na minha condição de médico, estou violando um direito do paciente de desejar manter em segredo seu problema de saúde.

— Maxwell está doente? É isso, doutor? O que ele tem?

— Acalme-se! Nosso amigo tem um pequeno tumor que precisa ser removido o mais rápido possível. Precisaríamos fazer - é claro - mais alguns exames e passarmos à cirurgia.

— Então, foi isso, Doutor, que o levou a tal atitude? Desculpe-me, mas não faz sentido... Mesmo o problema sendo grave, tentar o suicídio é algo tão inimaginável! Afinal, quantos não têm problemas dessa natureza e acabam por se curar?

— Mas o problema não é só esse, minha jovem.

— Não?! Que mais que eu não saiba? Diga-me, Doutor!

— O resto da história não poderei lhe dizer. Sugiro que pergunte a ele, quando se recuperar. É algo pessoal demais para que eu diga. Aliás, não deveria nem ter lhe dito o que já disse. Só o fiz porque me parece que Maxwell tem poucos amigos e, como seus pais já morreram, você poderá ajudá-lo a se ajudar.

— Como, Doutor?

— Convencendo-o a ir ao meu consultório. Não se preocupe com dinheiro: terei prazer em atendê-lo.

— Obrigada, Doutor. Farei o máximo.

Zilda estava preocupada e aguardou que Maxwell se recuperasse. Quando ele voltou para casa, ela passou a dividir o seu tempo entre um trabalho de meio período e os cuidados com o amado.

Com toda a sua dedicação e a presença sempre amiga de Jonas, Gino e o pessoal do centro, em pouco tempo, Max havia se recuperado.

— Eu ainda não lhe agradei por tudo que você tem feito por mim, Zilda - disse ele.

— Não precisa me agradecer. Se faço isso, é porque você é importante para mim. Sabe do meu sentimento por você.

— É... eu sei e tenho sofrido muito por não ter decidido ficar com você antes.

— Antes de quê?

— Nada! Deixe pra lá.

— Maxwell, chega de me esconder os fatos! Somos só nós aqui. Me diga de uma vez o que está acontecendo. Sei de parte do seu problema - o médico me disse. Mas não é só, concorda?

— Não é só.

— Então, me diga tudo.

Assim, não tendo outra opção, começou a narrar-lhe os fatos de sua vida, contou-lhe também sobre Caia, até que, por fim, chegou à parte mais delicada. Banhado em lágrimas, com a emoção à flor da pele, coração acelerado, ele contou sua tragédia.

A cena era comovente.

A princípio, Zilda não disse uma só palavra. Apenas o abraçou e ambos choraram por vários minutos.

O bom Luan, que acompanhava tudo, também não se conteve e duas lágrimas desceram por suas faces de alma purificada.

Após se refazer do choque, ela lhe perguntou:

— E... aquela mulher?

— Nunca mais a vi. Não sei do seu paradeiro.

— Maxwell, vou fazer-lhe uma pergunta definitiva. Por favor, responda, olhando nos meus olhos: — Você me ama?

— Sim, eu a amo. Muito mesmo! É como se eu a procurasse desde outros tempos.

— Então, vamos nos casar, assim que for possível. Enfrentaremos juntos os desafios que com certeza virão. Pedirei ajuda para seu tratamento e, tenha certeza, se depender de mim, você viverá muito!

A coragem e o amor daquela moça eram invejáveis! Numa situação em a maioria abandonaria o sofredor, ela se mostrou forte e determinada.

— Você não pode fazer isso. Não quero correr o risco de contaminá-la. Apesar de amá-la muito, eu prefiro permanecer só, aguardando o momento de meu retorno.

Zilda levantou-se e, agora mais como uma orientadora que uma companheira, disse-lhe:

— Deveria se envergonhar de dizer isso. Sua mãe ainda é lembrada por muitos pela sua fibra, pela sua fé inabalável em Deus. Será que você não conseguiu herdar esse exemplo dela? Comporta-se como um covarde. É preciso lutar, levantar-se dessa cama, curar-se desse problema no estômago e depois seguir todas as orientações médicas e trabalhar ainda muito no Bem. Você entregou seu cargo de Presidente da Casa da Caridade, mas não pode passar sua responsabilidade de servir a ninguém. Pense em tudo isso. Voltarei amanhã.

Foram palavras duras, mas necessárias. A pedido de Maxwell, Zilda não contou a ninguém o acontecido. Os dias se passaram. Ele, em meio a novas crises estomacais, resistia à possibilidade de retornar ao médico. Zilda, compreendendo a pressão que ele estava sofrendo, respeitou sua postura e esperou que o tempo pudesse mudar sua decisão.

O que acontecia com Maxwell é que, na sua visão limitada e até certo ponto medíocre, pensava: “Que adianta sofrer para a remoção deste tumor, através de uma cirurgia dolorosa e de risco, se vou continuar condenado à morte? Que adianta eu voltar a trabalhar no Bem, falar para as pessoas de esperança, se eu não tenho mais nem esperança de viver feliz com a mulher que amo?”

Zilda cancelou os cursos que fazia e passou a trabalhar o dia todo para cuidar de Maxwell. Não trajou vestido de noiva, não assinou documento, não fez nenhuma festa, mas se mudou para o pequeno cômodo no fundo do centro, para cuidar do amado. Apesar de seus protestos em não aceitar tal situação, ele acabou cedendo, pois precisava muito dela.

Vieram os dias, os meses e Maxwell impressionado com a determinação de Zilda, sentindo até uma espécie de vergonha por sua covardia, começou a trabalhar no Bem. Começou auxiliando Gino na distribuição da sopa aos famintos, depois passou a fazer pequenos comentários sobre o Evangelho para as crianças que eram muitas e ainda, vez ou outra, aceitava o convite de Jonas para uma ou outra palestra. Profissionalmente, tinha dificuldades em arranjar emprego, pois quase sempre estava pálido ou tinha crises de dor. Mas fazia “bicos”, pequenos serviços e consertos aqui e ali, o suficiente para a alimentação. O mais importante, ele ainda não havia feito: procurar o médico para realizar a cirurgia.

Toda vez que Zilda tocava no assunto, ele se esquivava.

Tinha com a companheira uma vida sexual ativa. Tomavam os devidos cuidados, para não haver a contaminação, no ato em si.

Do outro lado...

Luan se mostrava preocupado. Dialogando com Lúcio, pediu e ele a possibilidade de a Dra. Marta - na condição de médica desencarnada - avaliar a situação atual de Max.

De pronto, Lúcio se propôs a conversar com a Doutora e, apenas alguns dias depois, num horário previamente determinado, sem que Maxwell tivesse a menor noção do que acontecia, ela o examinou.

Ao final da “consulta”, disse a Luan e a Lúcio:

— Pelo que pude avaliar, a situação é mais grave do que parece. A teimosia de Max em não querer submeter-se à cirurgia poderá comprometer em definitivo sua existência e, se isso acontecer, ele responderá como um suicida-indireto.

Afinal, desde a descoberta da doença, já se passou quase um ano. O enfermo tomou um rumo completamente diferente daquele programado. Os senhores se lembram, não?!

O irmão Luan afirmou:

— Como esquecer os anos de sofrimento dele nas regiões inferiores, seu resgate, recuperação, trabalho e, por fim, os encontros, antes do retorno, com os pais, com Zímbia, e depois o encontro com Ésfio, a postura de Meg. Puxa! Foram tantas as lutas para chegarmos até aqui!

— De fato - continuou a Doutora - e apesar dos caminhos tortuosos, percebemos que Maxwell tem naturalmente uma inclinação para ajudar os outros. Ainda agora mesmo, de uma forma discreta, auxilia os que estão à sua volta - ao seu jeito - é claro. Se ele aceitasse logo o auxílio médico, poderia ainda salvar, no bom sentido da palavra, parte de sua encarnação. Temos que concordar com uma coisa: mesmo às avessas, de uma forma tumultuada e triste, ele casou-se com Zilda, e não era este um dos objetivos da reencarnação dele? Pois bem, vemos que existem possibilidades ou, pelo menos, existiram.

Agora, foi Lúcio quem questionou:

— A senhora acha que o problema, hoje, é irreversível?

— Difícil afirmar, porém o risco é muito grande.

Depois de mais algumas considerações, a Doutora Marta retornou às suas atividades, que não eram poucas.

CAPÍTULO XV Partida Antecipada

Três meses depois...

Quando aparentemente tudo ia bem, as dores haviam diminuído e ele estava mais corado, algo inesperado aconteceu. Queremos dizer *inesperado* para ele, que se mantinha cego para sua própria realidade. O relógio marcava lh 30 da manhã quando ele acordou com fortes dores e vômitos constantes; depois de alguns minutos vomitando no banheiro, veio o pior: ele começou a expelir sangue, muito sangue. Talvez, pela primeira vez, Maxwell tenha se dado conta de que, enquanto desdenhava o vírus fatal de que era portador, poderia desencarnar vitimado por outra doença que não a AIDS. Uma ambulância foi chamada, porém a demora na vinda do veículo agravou a situação. Depois, qual infelizmente acontece hoje, ao chegar ao hospital, não havia vagas; então, ele foi deixado por algum tempo no corredor, em cima da maca, aguardando uma vaga para a internação e que algum médico plantonista o atendesse devidamente.

Zilda passou o resto da madrugada do lado de fora do hospital. Quando conseguiu

alguma informação, descobriu que ele só fora atendido duas horas depois de dar entrada ao hospital.

Desesperada, se lembrou do Dr. Nestor que, em outra ocasião, havia se mostrado tão caridoso. Não teve dúvidas: procurou-o em seu consultório, implorando que o médico fosse vê-lo.

O Dr. Nestor, depois de algum tempo, procurando em seu fichário, lembrou-se de quem se tratava e, assustado, indagou:

— Mas Maxwell esteve em tratamento comigo há mais de um ano! Ele ainda não se operou?

— Não, Doutor.

— Vamos rápido. Já entrei em contato com o hospital. Ir ei examiná-lo pessoalmente.

Minutos depois, ambos chegavam ao hospital. Após pedir uma série de exames, o Dr. Nestor disse a Zilda:

— Examinei-o detalhadamente. O caso é grave. Já mandei levá-lo para a sala de cirurgia. O tumor cresceu muito, nesse período de pouco mais de um ano. Faremos o possível, mas ele perdeu muito sangue. Houve um agravamento significativo, mas vamos tentar. Ore! Ore muito!

O médico deu as explicações técnicas que, sinceramente, não há necessidade de relatarmos, pois o mais importante é que Maxwell, uma vez mais, estava entre a vida e a morte. Durante a cirurgia, um médico desencarnado permaneceu o tempo todo auxiliando o Dr. Nestor. Foram duas horas de cirurgia. O coração parecia não suportar. O órgão em questão estava totalmente tomado pelo tumor maligno. O médico tentou de tudo, mas a demora da cirurgia pela teimosia do enfermo, a demora no socorro e outras agravantes culminaram num quadro quase sem esperança. Da mesa de cirurgia, ele foi diretamente para a U.T.I., porém, três horas depois, teve uma hemorragia interna. O Dr. Nestor foi avisado e não teve opção. Levou-o novamente para o centro cirúrgico e, servindo-se do bisturi, rompeu o imenso corte que havia feito apenas algumas horas atrás. Em meio à luta entre “a vida e a ilusória morte”, Maxwell teve uma parada cardíaca, agravando ainda mais o seu quadro, que já era delicado.

Zilda permanecia na sala de espera. Às 20 horas do dia seguinte, o médico veio até ela, também abatido. Ao vê-lo, aquela grande mulher disse:

— Então, Doutor, como ele está? Vai ficar bom, não vai?

O médico respirou profundamente e disse:

— Tenho que ser honesto: ele tem poucas chances. O seu quadro complicou-se muito. Vamos aguardar as próximas horas.

Na U.T.I., enquanto o espírito de Max não guardava consciência do que acontecia, a Dra. Marta, os irmãos Luan, Lúcio e a Sra. Elizabete aguardavam uma postura do médico desencarnado do que havia auxiliado em todo o processo. Depois de um tempo, o Doutor Estáquio disse:

— Nós somos a prova de que a morte não existe. Não nos aflijamos tanto. Nada tenho a dizer no momento, a não ser repetir o que o médico encarnado disse. Vocês, que auxiliam nosso irmão na atual existência e sabem dos méritos e deméritos dele, poderão avaliar melhor a situação.

Ao convite de Lúcio, todos oraram por Maxwell, enquanto o Dr. Estáquio se retirava.

Um dia depois da segunda cirurgia, o paciente teve novas complicações cardíacas e uma vez expeliu sangue. O Dr. Nestor o examinou e preferiu ficar no hospital, acompanhando de perto toda aquela lamentável situação.

Zilda, que havia ido a casa para descansar, recebeu um telefonema às 6 horas da manhã, pedindo o seu comparecimento com urgência no hospital. Ao chegar, acompanhada pela família - que havia se afastado dela depois que decidira unir-se a Maxwell, mas que agora, naquela situação, a apoiava incondicionalmente -, ela foi chamada à sala reservada onde se encontrava o Dr. Nestor. Ao adentrar, sem mesmo cumprimentá-lo, foi logo dizendo:

— Então, Doutor, o que aconteceu? Ele piorou?

O médico permaneceu em silêncio por alguns segundos, levantou-se de sua cadeira e deu-lhe a triste notícia:

— Nós o perdemos... Sinto muito. Não foi possível... Tentamos de tudo... O óbito se deu há meia hora.

— Ele... o meu Maxwell, ele...

— Ele morreu... minha filha... Seja forte!

Nesse momento, avisado do acontecimento,

Jonas entrou na sala, pedindo licença ao médico, e abraçou Zilda, confortando-a.

Ali mesmo, alguém sofria talvez até mais. Era Luan. A sensação de fracasso - apesar de ter consciência de que não fora sua responsabilidade - invadia-lhe a alma. A tristeza era geral.

O corpo foi velado no velório da cidade e, algumas horas depois, Max era sepultado, encerrando aquela encarnação tão breve!

Zilda, confortada por Jonas, retornou para casa. Estava controlada e calma, mas experimentava uma dor indizível. Sabemos que a morte não é o fim, mas a separação é dolorosa, ainda mais nas circunstâncias em que ocorreu com Maxwell.

Capítulo XVI Esclapamentos

Os irmãos mais apressados em julgar e os preocupados, mais com o estilo literário do que com a mensagem, podem até levantar críticas, afirmando que a obra tem lacunas injustificáveis ou um ritmo acelerado demais para um romance. Mas podemos garantir que essa foi a nossa intenção: trazer uma história verídica, real, sem nos preocuparmos com detalhes que não poderiam acrescentar nada à lição que a obra nos traz.

Ésfio, após longo tratamento em hospital próximo à Crosta, dedicou-se ao trabalho de socorro aos obsediados da carne, com o intuito de ajudar e, ao mesmo tempo, se redimir de seus erros.

Meg, dotada de qualidades excepcionais, se preparava para voltar à Terra em missão junto a crianças desamparadas.

O Sr. Marcos e a Sra. Elizabete, por terem uma semelhança no que diz respeito à evolução moral, haviam recebido permissão para permanecerem juntos, mesmo fora do corpo físico, pois o verdadeiro amor provém das almas e não dos interesses físicos.

O Centro Casa da Caridade, alguns anos depois, haveria de se tornar um ponto de referência no estudo do Espiritismo. Com a desencarnação do Sr. Gino, um grupo de jovens havia assumido a parte social do trabalho no centro, que estava atendendo já a mais de duzentas famílias carentes.

Zilda voltou aos estudos e formou-se médica; tornou-se diretora do centro Casa da Caridade, e ainda, graças a exaustivos estudos, tornou-se grande oradora espírita, respeitada, acima de tudo, por sua conduta e moral. Optou por não casar-se nem ter mais ninguém em sua vida sentimental, canalizando tudo para o trabalho no Bem.

Jonas permanecia determinado em suas atividades de socorro, sempre amparado

pelos benfeitores, graças à sua dedicação ao próximo.

Lúcio permaneceu em suas atividades na Colônia.

Quanto a Max, que destino teve nosso irmão?

A pergunta deve ser feita no plural: Qual o destino de todos os nossos irmãos que partem da Terra em situação semelhante?

Quantos perdem as oportunidades mais promissoras em nome de seus vícios e mazelas?!

Quantos, esquecidos de seus deveres perante a família, a sociedade e a própria vida se perdem na ociosidade dos anos e nas irresponsabilidades das aventuras que nulificam a alma?!

Quantos jovens descambam para as drogas na busca da felicidade ilusória, terminando seus dias em *overdoses* que ceifam vidas?

Quantos portadores da mediunidade que liberta preferem a recompensa material por seus serviços e acabam culminando em obsessões terríveis?!

Entendamos, meus irmãos, que nossos destinos estão em nossas mãos. No aspecto de proteção espiritual, Maxwell não era diferente de nós, que necessitamos ter olhos para ver, sensibilidade para sentir e principalmente coragem para nos tornarmos pessoas melhores.

A nossa vida não é um conto de fadas, nem o será tão cedo, porém é preciso acreditar em dias melhores, é preciso acreditar em um mundo melhor, mas, para isso, que possamos agir e amar acima de tudo.

A história de Max é triste e não termina com um final feliz, mas mostra, entre outras coisas, que a proteção é constante por parte dos seareiros da Vida Maior, e, se errarmos, a responsabilidade será apenas nossa.

Alertar, eis o nosso objetivo, alertar para a realidade da vida. Existem os vencedores e os perdedores. Aqueles que conseguem superar seus traumas e se tornarem pessoas melhores e os que sucumbem nas próprias imperfeições. Mas somos todos filhos de Deus e sempre teremos uma oportunidade de sair do lamaçal de nossas iniquidades.

Quantos como Max estão por aí, em dias atuais? Por certo, milhares.

A única fatalidade real é sermos perfeitos. O destino é constituído com tijolos do amor, da paz íntima, da fé e do trabalho no Bem. Se assim o fizermos, a nossa construção moral terá a resistência da rocha que suporta a violência das ondas, sem se abalar.

Tudo na vida é consequência; nada é obra do acaso, nem castigo de Deus.

Maxwell ou Max, como não poderia ser diferente, submetido à lei de ação e reação, como todos nós, colheu os frutos amargos de sua imaturidade espiritual.

Permaneceu por alguns anos em regiões de sofrimento, regiões essas que ele conhecia muito bem; esteve inacessível a visitas de benfeitores espirituais, graças à sua ingratidão mediante a oportunidade recebida. Depois de sofrer perseguições e humilhações por entidades que se consideravam “donas do pedaço”, depois de muitas lágrimas de dor, num momento de prece sincera, rogou ao Pai:

“Misericórdia! Misericórdia a este filho que sofre!” Max, então, viu uma luz que, aos poucos, tomou a forma humana. Eram dois seres que se aproximavam. A poucos metros, ele pôde identificar a Sr a. Elizabete e o irmão Luan.

Tomado pelo remorso, que se assemelhava a um peso no seu peito, disse:

— Minha mãe! Ah, Minha mãe! Abraço-lhe os pés e peço-lhe perdão, minha mãe! Por que não ouvi seus conselhos? Joguei minha vida fora, minha mãe! Tudo perdido! E você - olhando para Luan... - quanta dedicação teve comigo!

Tudo perdido, meu Deus! Ajude-me! O remorso me corrói.

Em frangalhos, com as roupas sujas e rasgadas, Max, ao mesmo tempo em que chorava, batia as mãos no chão, gritando: — Como pude ser tão tolo? Por que não ouvi os benfeitores? Desejo morrer, sumir, mas não posso... o que será de mim? Está tudo perdido! Sou um miserável!

Com a permissão de Luan, a Sra. Elizabete se aproximou, ergueu o filho amado, apertou-o contra o peito e disse:

— Não está tudo perdido, meu filho! É preciso recomeçar.

— Como, minha mãe?

— Você é que terá de descobrir. Afinal, seu destino está em suas mãos.

Meus irmãos, acreditemos: NOSSAS VIDAS ESTÃO EM NOSSAS MÃOS.

O nosso desejo é que este trabalho sirva para esclarecer, orientar e, principalmente, alertar.

Muita paz! Do amigo espiritual,

--- Atílio

CAPÍTULO VII Dúvidas e Explicações

Observação: As perguntas foram elaboradas pelo escritor encarnado e respondidas pelo autor espiritual.

1. Todas as reencarnações são semelhantes à de Max, ou seja, dentro de uma programação?

E evidente que não. Muitos espíritos acabam reencarnando sem ter noção do acontecido. Espíritos existem deste outro lado que não entendem a reencarnação ou não a aceitam. Acreditar que toda volta ao corpo passa por uma avaliação e programação é ilusão.

2. Mas essa afirmação não poderia dar a impressão aos neófitos da Doutrina de que existiria uma “desorganização” entre aqueles que deixaram o corpo?

Organização existe em qualquer local onde indivíduos estão dispostos a se submeter a disciplinas. O fato não demonstra desorganização, mas, sim, respeito ao direito de liberdade que todos possuem. Se, enquanto encarnados, temos o direito de optar entre esta ou aquela crença, entre fazer o bem ou não, entre

ser honesto ou desonesto, por que, depois de “mortos”, não teríamos esse direito? Não é pelo fato de deixar o corpo e constatar a realidade da vida após a morte que as pessoas se tornam espíritas, por exemplo. Há, sem dúvida, muitos espíritos espíritas, mas também os há católicos, evangélicos, budistas, e outros. Existem, sim, localidades especializadas em preparar o espírito para a volta ao corpo, para aqueles que já compreenderam essa necessidade. Em hipótese alguma, haverá um constrangimento em impor algo a alguém. Isto, salvo situações excepcionais -reencarnações compulsórias.

3. A mãe de Max, em pouquíssimo tempo depois de sua desencarnação, comunicou-se em sessão. Por que muitos não conseguem obter comunicações de seus mortos e outros sim?

Tudo é relativo. É preciso levar em consideração o merecimento, a evolução moral do espírito que desencarnou, a necessidade de uma possível comunicação, entre outros fatores. A comunicação nesses casos não é tão simples como se imagina. Estudemos mais a mediunidade e entenderemos.

Quanto à Sra. Elizabete, em particular, não podemos esquecer que se tratava de um espírito de certa evolução moral e, por isso, tinha seus méritos. Cada caso será um caso.

4. No caso de Max, contrair o vírus HIV não estava previsto em sua

reencamação. Como entender esse mecanismo do que é cármico ou não?

É simples. Se os homens estudassem mais, não teriam dificuldades em entender. Existem milhares de casos semelhantes ao de Max, não só no campo da doença física. Vejamos:

Toda ação que, direta ou indiretamente, põe em risco ou afeta o corpo é de responsabilidade nossa.

Aqueles que:

... são descuidados, como Max...

... fazem uso de drogas... se permitem o cultivo de vícios danosos à saúde, como o álcool... gostam da adrenalina de participar de “rachas”, pondo em risco a vida do corpo físico...

Vivem situações em que qualquer coisa que aconteça não será fruto de nenhuma programação ou carma, mas, sim, fruto do descaso e que, pode-se dizer, lhes custará caro. Claro, há situações adversas, que independem de nossas ações atuais; estas circunstâncias, sim, podemos considerar como casos cármicos.

5. Como explicar ou definir atitudes, como a do Pastor Cireu?

— ”Cego guiando cegos” - qual conceituou Jesus.

6. E, quanto ao espírito que “dominava” o templo religioso, há como dizer o que lhe poderá acontecer?

Claro que sim: Acontecer-lhe-á o mesmo que ocorrerá conosco. Será espírito perfeito; com o passar do tempo, entenderá que a única lei válida para a nossa felicidade é a lei do amor. Quando tal fato vai acontecer, é impossível prever, pois ser feliz e adquirir a perfeição é nosso destino final, porém o tempo que iremos gastar não depende de Deus e, sim, de nós. Que nos lembremos sempre de orar por esses nossos irmãos, pois, no fundo, ou pelo menos na maioria dos casos, não são propriamente maus, mas, sim, carentes de amor. Lembrando a assertiva de Jesus: ... “Eles não sabem o que fazem. Parafraseando, diríamos ... Eles ainda não descobriram o amor.

7. Na obra em estudo, irmão Luan se sente fracassado. Por quê? Pode ele ser responsabilizado por isso?

A sensação de Luan foi apenas o reflexo de uma tristeza pelos erros de seu pupilo. Mas é só. A Doutrina Espírita já nos esclareceu muito bem sobre o papel do protetor que não pode viver a existência do protegido. Numa comparação simples: se um amigo nos dá um conselho e não ouvimos, tomando um caminho equivocados, que responsabilidade poderá ter o amigo, se apenas não ouvimos seus conselhos?

8. Situações semelhantes à do templo evangélico, infelizmente, têm acontecido em nosso meio espírita. Como evitar tais ocorrências?

Unificação. Unir, unir ideais, unir forças, unir trabalhadores das instituições, unir as instituições. Deveremos combater as idéias perturbadoras, não os perturbados, pois estes precisam de amor e paciência. Entendemos que existam as divergências, mas o amor é sempre o mesmo, aquele ensinado por Jesus. Sejamos mais tolerantes sem abrimos mão da disciplina. Sejamos mais ousados no aspecto de defender a doutrina, sem nos esquecermos de que a melhor defesa não é a das palavras lindas, mas sim do exemplo que contagia.

9. Por que Ésfio deixou a perseguição em relação a Max de uma forma, digamos, rápida?

Ésfio não tinha índole má, não possuía o desejo de prejudicar pessoas, nem tampouco de destruir templos religiosos. Ele simplesmente tinha uma mágoa, um ódio por uma pessoa específica. Quando conseguiu perdoar, desligou-se definitivamente dos problemas terrenos.

Ele era movido por uma vingança; ao perdoar, a perseguição perdeu o sentido.

Perdoar - eis um desafio que permanece insuperável para a maioria das pessoas. É uma pena, porque o perdão liberta em primeiro lugar o que perdoa, não tão somente o perdoado, que - convenhamos - ainda continua a dever para sua própria consciência.

10. Encerrando este trabalho, gostaríamos de questionar: Existe algo mais que o homem, na Terra, possa fazer para adquirir a tão sonhada paz e a felicidade? Alguma recomendação final?

Quem somos nós para ditar regras? Gostaríamos apenas de responder, repetindo o que disseram os Benfeitores ao Codificador: “VEDE JESUS”... Com certeza, é o que temos de mais urgente a fazer.

